

UNIVERSIDADE DO VALE RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**MÃES DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE INCESTO: TRANSGERACIONALIDADE,
CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS E RELAÇÕES FAMILIARES**

Nádia Basso da Silva
Mestranda

Professora Dr [□]. Denise Falcke
Orientadora

São Leopoldo, 2011.

UNIVERSIDADE DO VALE RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**MÃES DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE INCESTO: TRANSGERACIONALIDADE,
CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS E RELAÇÕES FAMILIARES**

Nádia Basso da Silva

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração Psicologia Clínica, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

São Leopoldo, 2011.

S586m Silva, Nádia Basso da
Mães de crianças vítimas de incesto:
transgeracionalidade, características psicológicas e relações
familiares / Nádia Basso da Silva. -- 2010.
127 f. : il., 30cm.

Inclui os artigos: “A família incestuosa: do silêncio à
possibilidade de revelação” e “O papel da mãe de vítimas de
incesto”.

Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica) -- Universidade
do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Saúde
Coletiva, São Leopoldo, RS, 2010.

Orientadora: Prof. Dra. Denise Falcke.

1. Incesto. 2. Família incestuosa. 3. Abuso sexual -
Criança -Denúncia. I. Título. II. Falcke, Denise.

CRB 10/1184

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil - CRB 10/1184

UNIVERSIDADE DO VALE RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**MÃES DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE INCESTO: TRANSGERACIONALIDADE,
CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS E RELAÇÕES FAMILIARES**

Elaborada por
Nádia Basso da Silva

Como requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Psicologia

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Denise Falcke

(Orientadora)

Prof.ª Dr.ª Vera Regina Rohne Ramires
(Relatora)

Prof.ª Dr.ª Sônia Liane Rovinski
(Membro)

Prof.ª Dr.ª Silvana Alba Scortegagna
(Membro)

São Leopoldo, 2011.

O sonho é a satisfação de que o desejo se realize.

Sigmund Freud

Dedico esse trabalho às mães de vítimas de incesto, em especial as que fizeram parte desse estudo, cuja participação foi essencial para a melhor compreensão deste problema social.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é uma realização pessoal e profissional que se tornou possível em virtude da participação e do apoio de muitas pessoas importantes em minha vida.

Ao meu marido Carlos Eduardo, agradeço pelas palavras de incentivo, por não deixar me abater, pelo seu cuidado e dedicação recebidos por todos esses anos, principalmente durante esta etapa.

À minha filha Ana Carolina, pelo seu carinho e paciência, por estar sempre presente e me motivar a buscar ser melhor como mãe e por compreender os momentos de ausência.

Aos meus pais Ângelo e Clara agradeço por me fazerem acreditar que existem coisas que são para sempre.

À Professora Dr^a Denise Falcke agradeço pelo aceite em ser minha orientadora, pela sua presença permanente na realização deste estudo, pelo aprendizado, pela amizade, pela orientação, colaboração e sugestões na conclusão deste trabalho.

À Professora Dr^a Vera Regina Rönhelt Ramires agradeço pela contribuição na relatoria.

À Sra. Laura Bordignon, responsável pelo CEPIA (Centro de Estudos à Infância e Adolescência), agradeço a disponibilidade indispensável para a realização deste estudo.

A todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa da minha vida e que com palavras e estímulo me ajudaram a chegar até aqui.

Finalmente, agradeço a Deus, por permitir a conclusão desta etapa em minha vida e por atender a todas as minhas orações e me proteger durante as viagens.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
SEÇÃO I	
RELATÓRIO DE PESQUISA.....	13
INTRODUÇÃO	13
OBJETIVOS.....	16
MÉTODO.....	16
Participantes.....	17
Instrumentos	17
Procedimentos de coleta de dados.....	18
Procedimentos éticos da pesquisa.....	19
Procedimentos de análise de dados.....	20
RESULTADOS.....	20
Caso 1.....	20
Genograma.....	21
História Progressiva.....	21
O abuso sexual e a denúncia.....	26
Reação da mãe frente à denúncia.....	29
Relações familiares após a denúncia.....	31
Síntese da testagem psicológica –TAT.....	33
Discussão do caso.....	35
Caso 2.....	40
Genograma.....	41

História pregressa.....	41
O Abuso sexual e a denúncia.....	43
Reação da mãe frente à denúncia.....	45
Síntese da Testagem Psicológica –TAT.....	48
Discussão do Caso.....	49
Caso 3.....	51
Genograma.....	52
História pregressa.....	52
O abuso sexual e a denúncia.....	56
Reação da mãe frente à denúncia.....	57
Síntese da Testagem Psicológica –TAT.....	58
Discussão do caso.....	61
Síntese de casos cruzados	62
SEÇÃO II	
ARTIGO TEÓRICO.....	68
RESUMO.....	68
ABSTRACT.....	68
INTRODUÇÃO	69
Violência e incesto.....	70
Características do abusador.....	72
Características da vítima.....	74
Características do progenitor não abusivo.....	77
Características das relações em famílias incestuosas.....	79
Do silêncio do incesto à possibilidade de denúncia.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86

REFERÊNCIAS.....	88
SEÇÃO III	
ARTIGO EMPÍRICO.....	93
RESUMO.....	93
ABSTRACT.....	93
INTRODUÇÃO	94
OBJETIVOS.....	97
MÉTODO.....	98
Participantes.....	98
Instrumentos.....	98
Procedimentos de Coleta de Dados.....	99
Procedimentos de Análise de dados.....	100
RESULTADOS.....	100
Caso 1.....	100
Caso 2.....	106
Caso 3.....	110
DISCUSSÃO DOS DADOS.....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	125
REFERÊNCIAS.....	128
ANEXO A.....	133
ANEXO B.....	134

MÃES DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE INCESTO: TRANSGERACIONALIDADE, CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS E RELAÇÕES FAMILIARES

Nádia Basso da Silva (UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo, RS).

O abuso sexual contra crianças é uma prática considerada como uma das mais graves formas de violação física e moral, que implica em traumas psíquicos intensos e devastadores. Geralmente, provoca conseqüências destrutivas na formação da personalidade da criança, sem contar as seqüelas físicas e sociais. A mãe, geralmente, é a cuidadora que fica responsável pelos cuidados das crianças após a revelação e denúncia das situações de abuso intrafamiliar. Muitos estudos consideram que ela seja co-responsável pelo abuso, na medida em que não foi capaz de proteger a criança dessa ocorrência. Partindo desta idéia, a presente pesquisa teve como objetivo investigar as características psicológicas, as relações familiares das mães de crianças vítimas de abuso sexual intrafamiliar e sua história transgeracional. Para tal, foi utilizado o método de investigação de Estudos de Casos Múltiplos, que possibilitou uma análise qualitativa em profundidade do fenômeno pesquisado. Neste estudo participaram três mães de crianças vítimas de abuso sexual intrafamiliar, encaminhadas pelo Centro de Estudos à Infância e Adolescência (CEPIA), da cidade de Passo Fundo. A coleta de dados foi realizada por meio de avaliação psicológica das mães no consultório clínico da pesquisadora. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: entrevista semi-estruturada; genograma e Teste de Apercepção Temática (TAT). Os casos foram analisados em profundidade, integrando os dados dos instrumentos utilizados (análise vertical) e, posteriormente, realizada uma análise dos casos em conjunto, buscando semelhanças e diferenças (análise horizontal). Conclui-se que o incesto não é um fenômeno que diz respeito exclusivamente às vítimas, mas ocorre como resultado de múltiplos determinantes, os quais se referem às características dos personagens envolvidos e à dinâmica da relação estabelecida entre eles.

Palavras-chave: Incesto; crianças; mães; família.

**MOTHER OF CHILD VICTIMS OF INCEST: TRANSGENERATIONAL,
PSYCHOLOGICAL CHARACTERISTICS AND FAMILY RELATIONSHIPS**
Nadia Basso da Silva (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS).

Sexual abuse against children is a practice regarded as one of the gravest forms of violation of moral and physical, psychological trauma that results in severe and devastating. Generally, causes destructive consequences in shaping the personality of the child, not to mention the physical and social sequelae. The mother is usually the caregiver who is responsible for the care of children after the disclosure and reporting of abuse within families. Many studies consider it to be co-responsible for the abuse, in that it failed to protect the child of such an occurrence. From this idea, this research aimed to investigate the psychological characteristics, family relations of mothers of child victims of sexual abuse and its intergenerational story. To this end, we used the method of investigation of Multiple Case Studies, which allowed a qualitative analysis of the phenomenon studied in depth. In this study three mothers of child victims of sexual abuse, referred by the Center for the Study of Childhood and Adolescence (CEPIA), the city of Passo Fundo. Data collection was performed by a psychological evaluation of the mothers in the clinical practice of the researcher. Were used as instruments of data collection: semi-structured interview, genogram and Thematic Apperception Test (TAT). The cases were analyzed in depth, integrating data from instruments used (vertical analysis), and subsequently conducted a review of the cases together, seeking similarities and differences (horizontal analysis). We conclude that incest is not a phenomenon that relates exclusively to the victims, but occurs as a result of multiple determinants, which refer to characteristics of the characters involved and the dynamics of the relationship between them.

Keywords: Incest; children, mothers, family.

APRESENTAÇÃO

O incesto é um dos fatores que se constituem nos maiores preditores de desajustamento psicológico na vida futura (Banyard, Arnold & Smith, 2000; Melchert, 1998). Trata-se de uma ocorrência grave, que em nosso contexto social é considerada criminosa, estando sujeita à punição legal e a ampla desaprovação social.

De forma mais abrangente, o conceito de abuso sexual é definido como o envolvimento de crianças e adolescentes em práticas sexuais com um adulto ou com uma pessoa mais velha, em que haja uma diferença de idade, de tamanho e de poder (Habigzang, 2006; Sanderson, 2005). A criança é usada como objeto sexual para a gratificação de desejos, aos quais ela é incapaz de dar um consentimento consciente, por causa do desequilíbrio no poder ou de qualquer incapacidade mental ou física. O abuso sexual é considerado uma prática incestuosa quando ocorre no cerne das relações familiares, sendo protagonizado por pessoas que tenham grau de parentesco com a vítima, incluindo-se padrastos, tutores e qualquer pessoa que venha a assumir o papel dos pais (Flores & Caminha, 1994; Habigzang & Caminha, 2004).

A revelação comumente acontece somente após vários episódios de violência sexual. A maior incidência da violência ocorre, segundo Habigzang, Koller, Azevedo e Machado (2005), quando as vítimas são crianças (5 a 10 anos), embora a revelação, na maior parte dos casos, aconteça apenas na adolescência. Desse modo, o abuso permanece em segredo por anos até que seja revelado, geralmente por intermédio de algum adulto não abusivo que tenha suspeitado e denuncia. Isso se dá porque, segundo Kaplan *et al.* (1997), as crianças geralmente não manifestam verbalmente os traumas ou abusos passados.

Em uma perspectiva desenvolvimental, na idade pré-escolar a criança possui imaturidade cognitiva e de linguagem, o que, ainda que seja de acordo com o esperado para a

sua idade, dificulta a compreensão dos fatos e, em consequência, a denúncia, a avaliação e o acompanhamento dos casos. Segundo Pfeiffer e Salvagni (2005), na idade escolar e na adolescência, por sua vez, a vergonha, a culpa, a sensação de desproteção e a dificuldade de diálogo com pais ou responsáveis não envolvidos diretamente no abuso tornam a denúncia um fato raro. Além disso, quando feita essa revelação, entende-se os familiares, dependendo do modo como recebem as informações sobre a violência que a criança sofreu ou sofre, podem auxiliar ou dificultar a reestruturação da vítima, especialmente a mãe, que é quem, mais frequentemente, torna-se a cuidadora responsável pela criança. Em determinadas situações, percebe-se que, conforme interpreta e vivencia o abuso sofrido pela criança, a mãe pode, com o tempo, agravar o trauma sofrido pela mesma, pois vai inscrevendo o seu próprio sofrimento na vítima (Habigzang, 2006).

A maior parte dos estudos tem se focado nas vítimas diretas de abuso sexual. Nesta pesquisa (Caminha, 2000; Cohen & Mannarino, 2000; Faleiros, 2000; Habigzang, 2006; Padilha & Gomide, 2004), contudo, procuraremos abordar as questões envolvidas com as mães, considerando que elas são importantes fontes de apoio para a reorganização familiar. Portanto, a presente dissertação tem como objetivo conhecer a história transgeracional da mãe de vítimas de incesto, suas características psicológicas, seu papel no relacionamento familiar e o modo como procede no atendimento e cuidado à filha que sofreu o abuso sexual. Os dados serão analisados por meio de uma articulação entre as abordagens psicanalítica e sistêmica, visto que os pressupostos psicanalíticos favorecerão a compreensão da dinâmica de funcionamento psíquico das participantes, ao passo que a abordagem sistêmica propiciará a análise das questões mais relacionais e contextuais relatadas pelas mães, especialmente no que diz respeito à dinâmica de funcionamento das famílias incestuosas.

A dissertação está constituída por três partes. Na Seção I é apresentado o Relatório de Pesquisa, no qual se discutem a problematização do estudo, o método e os resultados obtidos na pesquisa realizada com as mães de vítimas de incesto. A Seção II é composta por um artigo

teórico sobre a dinâmica de funcionamento de famílias incestuosas. A seção III é constituída pelo artigo empírico “O papel da mãe de vítimas de incesto”, que apresenta um recorte dos resultados obtidos na investigação realizada com as mães das crianças que foram abusadas sexualmente pelo pai apresentados na seção I. Por fim, são apresentadas as considerações finais da dissertação, as referências bibliográficas consultadas e os anexos.

SEÇÃO I – RELATÓRIO DE PESQUISA

INTRODUÇÃO

A violência coexiste com a história da humanidade. Em todas as culturas e classes sociais há registros de abuso sexual e maus-tratos contra crianças e adolescentes (Minayo, 1994; Minayo & Souza, 1999). Segundo Elias (2004), o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90), em nosso contexto, foi um marco no reconhecimento dos direitos infantis e na definição dos deveres da família e do Estado com relação à proteção do pleno desenvolvimento das crianças. Nele são estabelecidas formas de punição legais para os casos de violência contra as crianças e adolescentes. Nesse sentido, é importante que os profissionais e as equipes de saúde que atuam em níveis de prevenção e assistência sejam treinados para identificar os casos de maus-tratos infantis.

Os principais tipos de maus-tratos perpetrados contra crianças e adolescentes e que são passíveis de notificação, segundo o Ministério da Saúde (Brasil, 2002), são abusos ou sevícias físicas, abuso psicológico, negligência ou abandono e abuso sexual. Geralmente, esses não ocorrem de forma isolada, sendo comum a manifestação de mais de uma forma concomitantemente. O Ministério da Saúde (Brasil, 2002) ressalta ainda que a expressão “maus-tratos” pode ser imprecisa e inadequada, partindo do pressuposto de que “maus tratos” poderiam se opor a “bons tratos”. Nessa perspectiva, implicaria um sentido apenas moral, porém a violência contra as crianças e adolescentes demonstra um grave problema social.

O abuso sexual é considerado a forma mais extrema de conduta inapropriada. Consiste em qualquer ato ou jogo sexual, de agressor que está em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado que o da criança ou adolescente e que tenha por intenção estimulá-la sexualmente ou utilizá-la para obter satisfação sexual. Apresenta-se sobre a forma de práticas eróticas e sexuais impostas à criança ou ao adolescente pela violência física,

ameaças ou indução de sua vontade. Esse fenômeno violento pode variar desde atos em que não se produz o contato sexual (voyeurismo, exibicionismo, produção de fotos) até diferentes tipos de ações que incluem contato sexual sem ou com penetração. Engloba ainda a situação de exploração sexual visando a lucros, como é o caso da prostituição e da pornografia (Brasil, 2002; Farinatti, Biazus & Leite, 1993; Flores & Caminha, 1994).

Todos os tipos de maus-tratos impostos às crianças e aos adolescentes, inclusive o abuso sexual, geralmente ocorrem dentro da residência da família, sendo difícil detectá-los e solucioná-los, pois, apesar de os laços familiares, nesses casos, envolverem relações de violência, contem simultaneamente relações de carinho, amor e dependência (Carneiro & Cabral, 1997). O silêncio, a impotência e a imobilidade, ocasionados pela impossibilidade de falar ou, até mesmo, de reconhecer a própria violência sofrida, ou pelo fato de não receber orientação no sentido de evitar tal ocorrência, transformam-se em fatores de manutenção de um ciclo perverso, prejudicial ao crescimento de qualquer indivíduo.

A violência infantil não se constitui em problema unívoco, mas, sim, é multifatorial, portanto, deve-se estar atento à sua totalidade. Assim, na identificação e no acompanhamento das situações abusivas devem-se considerar o adulto abusivo, a criança abusada, os membros da família não abusivos, o contexto social e o contexto situacional em que aconteceu a violência. Somente com base numa compreensão da complexidade que envolve o fenômeno é possível planejar intervenções que sejam eficazes no acolhimento das famílias em situação de abuso sexual.

Sendo o ambiente familiar o principal contexto em que as crianças se tornam vítimas sexualmente, também é a partir dele que precisam ser pensados os fatores de risco e proteção em relação à violência. Entre os fatores de risco para as famílias incestuosas destacam-se a presença de padrasto na família, abuso de álcool ou drogas, desemprego, mãe passiva ou ausente, pais desocupados e cuidando dos filhos por longos períodos de tempo e dificuldades

econômicas. O ambiente familiar de risco normalmente apresenta ainda outras formas de violência, como negligência e abusos psicológicos e físicos e violência física conjugal (Habizgang *et al.* 2005).

Dentre os fatores de risco citados, na perspectiva deste estudo, chama atenção o papel desempenhado pela mãe da vítima de abuso sexual, pelas controvérsias existentes na literatura. Alguns estudos revelam que elas possuem um importante papel, sendo, na maioria dos casos, a figura protetiva que denuncia os casos aos órgãos de proteção à criança e ao adolescente (Amendola, 2004; Habizgang *et al.*, 2005). Por outro lado, muitas pesquisas revelam que o passado de vitimização dessas próprias mães, em muitos momentos, leva-as a não conseguirem proteger suas filhas, da mesma forma como não foram protegidas por suas próprias mães (Matos, Schmickler & Borba, 2005; Narvaz & Koller, 2004).

Com base nesses pressupostos, ainda que se tenha como pano de fundo a compreensão do abuso de forma abrangente, neste trabalho o foco de análise será mais especificamente a figura da mãe da criança vítima de abuso sexual intrafamiliar, com o objetivo de compreender sua história de vida, suas características psicológicas, seu papel no relacionamento familiar e como procede no atendimento e cuidado à vítima. Poucos estudos têm se dedicado à compreensão do papel da mãe nas famílias abusivas, ainda que geralmente seja ela a responsável pela denúncia e pelo cuidado posterior da criança (Amendola, 2004; Habizgang *et al.* 2005). Uma revisão mais ampliada de estudos sobre essa temática está apresentada na seção II (artigo teórico) e na seção III (artigo empírico). No intuito de compreender as mães de crianças vítimas de abuso sexual intrafamiliar, definem-se os seguintes objetivos.

OBJETIVOS

O presente estudo teve como objetivos:

- a) Investigar a história transgeracional de mães de vítimas de incesto;
- b) Identificar características psicológicas das mães (tais como capacidade de simbolização, representação das figuras masculinas e femininas, mecanismos de defesas e integração do ego);
- c) Conhecer o papel da mãe da vítima de incesto e como ela descreve o relacionamento entre ela, a vítima e o abusador antes da revelação do abuso sexual e posteriormente à ocorrência, revelação e denúncia do abuso;
- d) Avaliar como a mãe se sente em relação ao incesto e aos cuidados com a vítima após a denúncia.

MÉTODO

Considerando os objetivos propostos para este trabalho, optou-se por um método de investigação que permitisse uma análise profunda das características das mães de vítimas de incesto. Para tal, utilizou-se o método de Estudo de Casos Múltiplos (Yin, 2005).

O Estudo de Caso tem por objetivo a análise de um fenômeno contemporâneo no contexto em que ocorre. Cada caso é compreendido com o único e singular, devendo ser interpretado de acordo com sua própria lógica de funcionamento. A proposta de estudos de casos múltiplos não consiste na comparação dos casos nem na generalização dos achados, mas no aprofundamento de uma compreensão analítica sobre a temática do estudo.

Participantes

Participaram deste estudo três mulheres mães de vítimas de incesto. O encaminhamento das cuidadoras que possuem vítimas de incesto foi realizado por meio do Centro de Estudos à Infância e Adolescência (CEPIA), da cidade de Passo Fundo. O quadro abaixo descreve as características das mães que participaram do estudo:

Tabela 1: Características das mães

<i>Mães¹</i>	<i>Idade</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Profissão</i>	<i>Idade do Companheiro</i>	<i>Idade da filha</i>
Silvana	34	Ensino Médio	Telefonista	37	18
Solange	44	Ensino Médio	Serviços Gerais	52	10
Cátia	34	Ensino Fundamental	Empregada Doméstica	35	14

Instrumentos

a) Entrevistas: As entrevistas foram realizadas com a finalidade de conhecer a história de vida e o modo como as mães relatavam o relacionamento que possuíam com a vítima e com o abusador anterior e posteriormente à revelação do abuso. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise do material coletado.

A entrevista teve como aspectos investigados:

- A história de vida da mãe;
- Características psicológicas;
- Como a mãe descreve o seu vínculo com a vítima e com o abusador antes e após a revelação do abuso sexual intrafamiliar;
- Como a mãe se sente em relação à ocorrência, revelação e denúncia da situação de abuso;
- A opinião da mãe sobre as consequências do abuso para a filha e para a família.

¹ Os nomes são fictícios, a fim de preservar a identidade das participantes.

b) Genograma: O Genograma Familiar (vide Anexo A) é uma representação gráfica que mostra o desenho ou mapa da família. É um instrumento que auxilia os membros da família a expressar-se e que vem se somar à gama de instrumentos de coleta de dados. Neste estudo, o genograma foi utilizado como forma de ampliar a análise sobre a história familiar da mãe da vítima de abuso sexual, especialmente dos padrões transgeracionais.

c) TAT: O Teste de Apercepção Temática (TAT), de autoria de Henry Murray, é uma técnica projetiva, constituído por 31 (trinta e uma) pranchas que abrangem situações humanas clássicas. Conforme as instruções, a cada sujeito devem ser aplicados 20 (vinte) estímulos, que resultam um total de 20 (vinte) histórias, as 10 (dez) primeiras mais estruturadas e as 10 (dez) últimas menos estruturadas. Após serem apresentadas pelo examinador ao sujeito, este conta uma história sobre cada uma das pranchas. O TAT é um método que avalia os impulsos, emoções, sentimentos complexos, conflitos e características da personalidade. Sua principal valia neste estudo consiste na capacidade de identificar as inibições que a mãe não deseja aceitar ou que não tem condições de mostrar por serem conteúdos inconscientes, possibilitando uma compreensão mais abrangente de sua dinâmica de funcionamento psíquico.

Procedimentos de Coleta de Dados

Inicialmente, foi estabelecido contato com o Ministério Público, por meio da Promotoria da Infância e da Adolescência na cidade de Passo Fundo. A promotora da Infância e Adolescência encaminhou o projeto à responsável pelo Centro de Estudos à Infância e Adolescência (CEPIA) executor do Serviço SENTINELA, que oferece apoio psicossocial à vítima de violência e exploração sexual e sua família. Foi explicado aos responsáveis dessas

instituições o procedimento da pesquisa e entregue um documento solicitando autorização para que as mães pudessem ser encaminhadas para avaliação psicológica no consultório particular da pesquisadora. Após o encaminhamento, foi agendada a primeira entrevista com cada participante, na qual foi firmado o contrato de trabalho e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A avaliação foi realizada em seis sessões, conforme a Tabela 2:

Tabela 2: Número de Encontros

	<i>Caso 1</i>	<i>Caso 2</i>	<i>Caso 3</i>
Entrevistas semi-estruturadas com a mãe	3	3	3
Testagem psicológica	2	2	2
Entrevista de Devolução	1	1	1
Total de Encontros	6	6	6

Após o término da pesquisa, foi realizado o encaminhamento das mães para psicoterapia nos centros de atendimento de psicologia da Prefeitura Municipal de Passo Fundo.

Procedimentos éticos da Pesquisa

A solicitação para a participação das mães na pesquisa foi feita por escrito, através do encaminhamento ao Ministério Público, por meio da Promotoria da Infância e da Adolescência. O projeto só foi iniciado após sua aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), o que se deu com o parecer número 10/095. A participação das mães no projeto ocorreu mediante autorização por escrito (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, vide Anexo B). Todo o processo da pesquisa foi realizado de acordo com os critérios da Ética da Pesquisa com Seres Humanos, segundo a Resolução número 196/96 do Conselho Nacional da Saúde. Em todos os casos, as

participantes foram encaminhadas aos centros de atendimento de psicologia da Prefeitura Municipal de Passo Fundo.

Procedimentos de Análise de Dados

Os dados obtidos por meio das entrevistas com as mães, da elaboração do genograma e da aplicação do TAT foram analisados em profundidade, para deles se extraírem os resultados. Para a interpretação do TAT, foram seguidas as normas apresentadas no manual do teste. Posteriormente à análise de cada um dos casos, buscou-se retratar os aspectos comuns e diferenciados de interações entre os casos analisados, tendo como ponto de partida os objetivos propostos no estudo.

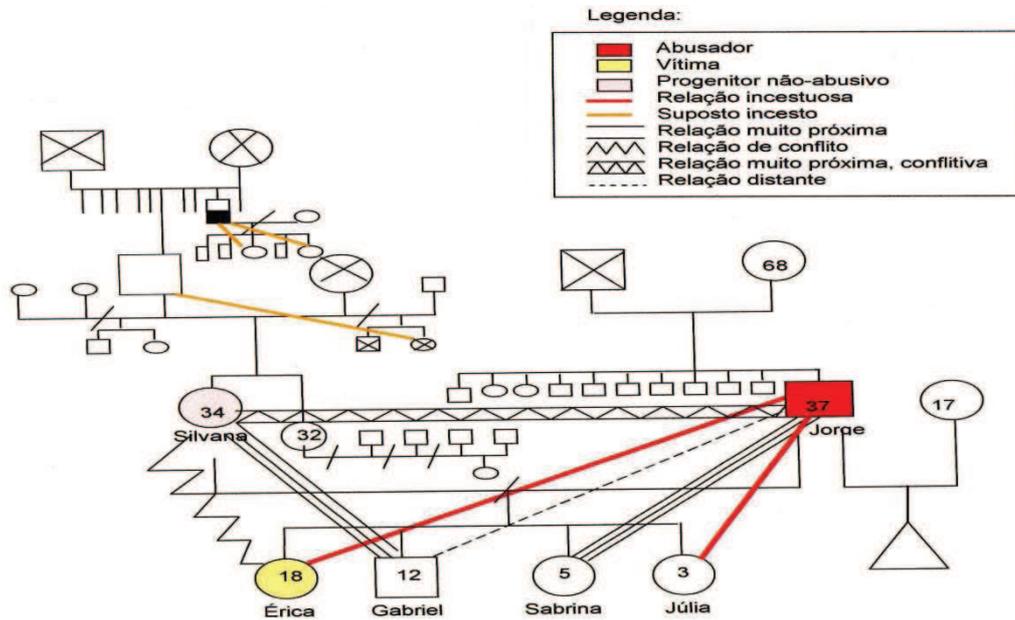
RESULTADOS

Caso 1

Nome da mãe: Silvana
Idade: 34 anos
Profissão: Telefonista
Escolaridade: Ensino médio completo
Pai: Jorge
Idade: 37 anos
Escolaridade: Ensino médio completo
Profissão: Vigilante
Filha que sofreu abuso: Érica
Idade: 18 anos
Escolaridade: Ensino médio incompleto (segundo ano)

GENOGRAMA

Caso 1 - Silvana



História Progressiva

A família de origem de Silvana restringe-se aos pais e tios, pois ela refere que não conheceu seus avós. Sobre a família da mãe, comenta que nada sabe, já que, segundo ela, a mãe nunca mencionou que tivesse qualquer familiar. Sempre dizia que saíra de casa muito cedo e não tivera mais contato com a família. Conheceu o avô paterno, lembra-se dele, mas acredita que ele faleceu quando ela tinha mais ou menos cinco anos. A avó morou com a família de Silvana até falecer, aos 85 anos. Lembra-se de um tio paterno com quem teve mais contato, pois o pai tinha nove irmãos. Segundo Silvana, o pai sempre contava que haviam passado muitas dificuldades na infância e que seus pais eram muito rígidos. O tio paterno com quem possui mais contato tem cinco filhos, todos com problemas, tanto que três estão presos por envolvimento com drogas e as duas filhas são prostitutas. A tia abandonou a família quando as crianças eram pequenas, o que atribui ao fato de o tio ser alcoolista; hoje ele é andarilho e bebe abusivamente. Silvana recorda também que a família comentava que este tio

assediava as mulheres da família e disse acreditar que ele tenha “*feito alguma coisa*” com as próprias filhas, porque elas odiavam o pai.

Um ano antes de a mãe falecer, o pai a abandonou e passou a morar com outra mulher, com quem vive até hoje. Atualmente, está bastante debilitado, o que acredita que se deva à bebida. Silvana descreve a mãe como tendo sido uma pessoa rude, rígida, conservadora, difícil de conviver, que estava sempre estressada e mal-humorada e brigava muito com as filhas. Refere que nunca recebeu carinho da mãe: “*Minha mãe só disse que me amava quando morreu nos meus braços, e eu sou igual a ela, não consigo dar carinho e ficar dizendo aos meus filhos que amo eles. Eu cuido, mas falar é diferente*”.

Silvana relata que sua infância foi difícil, pois passaram muitas dificuldades, inclusive tendo de lavar roupa num rio e buscar água para beber longe de casa. A mãe teve dois filhos de um primeiro casamento, com as quais, de acordo com Silvana, não mantinha muito contato, visto que ficaram com o pai após a separação. Lembra-se de a mãe comentar que tentara trazer os filhos para morar com ela depois do casamento, mas eles voltaram a morar com o pai legítimo, porque, segundo a mãe, a menina não gostava do pai de Silvana e tinha muito medo dele. Acredita que seu pai tenha “*feito alguma coisa para ela*”, mas isso nunca ficou claro. Os dois filhos do casamento anterior da mãe já faleceram, ele assassinado por envolvimento com drogas e ela em razão de um câncer. Antes de a irmã falecer, lembra que ela falou para a mãe nunca deixar o padrasto, no caso o pai de Silvana, “*por a mão e fazer mal às meninas*” (Silvana e a irmã dela). Seu pai também teve um relacionamento anterior e dois filhos, um casal, com os quais a família tem mais contato.

Em relação à família do seu ex-marido, Silvana refere que nada sabe. Sobre os avós dele, nada ouviu falar, pois nem ele chegou a conhecê-los. O pai de Jorge faleceu quando este era pequeno, mas lembra-se que a ex-sogra falava muito mal dele. Dizia que o pai de Jorge não prestava e fizera muito mal à família, mas nunca referiu o que efetivamente acontecera. A

maioria dos irmãos está separada das esposas e abandonou os filhos; somente um dos irmãos de Jorge continua casado. Jorge nunca teve um relacionamento bom com a sua mãe. Silvana refere que ela era exigente, não era amorosa e sempre dizia que ele era um “*atrapalho*” na vida dela.

Refere que, quando conheceu Jorge, paquerava um sobrinho dele. Aos quinze anos, começaram a namorar e mais ou menos depois de oito meses, teve a primeira relação sexual. Logo em seguida ficou grávida da Érica. “*No início, não contei pra ele da gravidez, não queria que ele ficasse comigo por causa da gravidez*”. No entanto, lembra que durante a gravidez Jorge sempre cuidou dela e do bebê, sempre a acompanhou ao médico.

Após o nascimento de Érica, resolveram morar juntos. Logo após o casamento, todavia, soube que Jorge a traía, o que ele mesmo contava. Silvana refere que não perdoava, mas aceitava. Após dois anos morando juntos, Silvana voltou para a casa de seus pais, porque, segundo ela, sentia muita falta de sua mãe: “*Eu gostava muito da minha mãe. Minha mãe era doente e eu cuidava muito da minha mãe. Minha mãe tinha câncer na cabeça, no cérebro*”. Várias vezes, Silvana relata que Jorge foi buscá-la para voltar para a casa deles; e então, acabou cedendo. Quando engravidou do menino, refere que Jorge não aceitou a gravidez, pois ele não queria mais filhos, especialmente um menino: “*Ele nunca gostou do menino*”. Contudo, permaneceram juntos, sem mais separações, levando uma vida mais tranquila. Refere que, durante todo relacionamento deles, só houve um episódio de agressão:

“Eu provoquei ele para me agredir, porque eu sou muito impulsiva também, sabe? Eu lembro que eu empurrei ele e ele veio pra cima. Mande ele pegar as coisas dele e ir embora, porque eu era muito ciumenta, ainda sou ciumenta. Muito ciumenta não, eu sou possessiva. Se é meu, tem que ser meu, não tem que ser dos outros”.

Silvana começou a trabalhar fora após o nascimento da penúltima filha, Sabrina. Como Jorge era vigilante, trabalhava à noite e durante o dia ficava com as crianças. Silvana

escondeu a gravidez da Júlia até o sétimo mês, pois refere que bebeu e fumou muito nessa etapa da vida. Comenta que se esqueceu de todos, do marido e dos filhos, pois cuidava deles, mas sem vontade. Só contou da gravidez quando foi informada pelo médico que teria de se internar ou perderia o bebê. Relata que chegou a pensar em dar esta filha para sua irmã criar, porque pensou que não teria condições, mas desistiu quando ela nasceu. Conta que, quando Jorge descobriu a gravidez, ficou furioso e disse que Silvana havia aprontado mais uma das suas.

Após o nascimento da Júlia, ele começou a convidá-la para sair com outros casais, mas não referia quem eram esses e ela sempre se negou. Ele dizia, de acordo com Silvana, que isso era o que salvaria o casamento deles: *“Daí eu disse pra ele: pode salvar o teu, porque o meu já tá acabado”*.

Silvana, então, possui quatro filhos, três meninas e um menino: Érica é a mais velha, atualmente com 18 anos; Gabriel tem 12 anos; Sabrina tem cinco anos e Júlia é a mais nova, com três anos. Silvana relata que, há um ano, ficou sabendo que Jorge havia assediado sexualmente e estuprado a filha Érica. O fato ocorreu, segundo a menina, dos nove aos 13 anos.

Silvana relata que o ex-marido é um *“doente sexual”*, definindo-o como uma pessoa *“fanática por sexo”*. Segundo ela, Jorge sempre ficava na internet, em *sites* de sexo, e sempre com meninas, *“ninfetas e adolescentes”*. Quando chegava em casa do trabalho, Silvana sempre olhava os arquivos do marido. Refere que ele também assistia a muitos filmes pornográficos. Segundo ela, durante as relações sexuais, ele fantasiava muito e sempre era com jovens e, geralmente, meninas novas:

“Na hora, eu não falava nada, simplesmente aceitava, mas depois que acontecia, eu até imaginava, ele é doente. Só que, talvez, talvez eu também era doente por ele, entendeu? Eu não conseguia conciliar o que ele era, porque eu era muito dependente dele”.

Quando estavam casados, refere que era muito dependente do marido, não financeiramente, porque sempre trabalhou fora, mas “*sempre amei muito este homem*”. Após a denúncia, somente o sobrinho do marido a apoiou e lhe disse que estava na hora de ela saber o que o marido fazia. Refere que ele fazia sexo em grupo e sempre com parentes dele (como o sobrinho e a esposa deste). Segundo o sobrinho, Jorge queria muito que Silvana participasse. Ela lembra que muitas vezes foi convidada, mas nunca aceitou: “*Sou muito guardada para estas coisas, nossas brigas eram muito por causa disto e nosso casamento foi acabando. Para a família dele, eu sempre fui insuportável, a louca ciumenta*”. Mesmo depois que tudo aconteceu, eles continuam pensando assim.

Segundo Silvana, a família dele dizia que ela havia se separado de uma pessoa boa e que ela deveria ter um amante. Seus vizinhos ficaram todos contra ela. Diziam que era louca, porque deixara o marido, que era trabalhador e honesto que nunca ninguém viira nada contra ele, que era uma pessoa corretíssima. Refere que teve de deixar de amá-lo para ver quem ele era.

Silvana relata que o casamento durou 17 anos e que ela sempre acreditou que ele “*era uma pessoa completa*”. Contudo, ele sempre a fez se sentir inferior: “*Porque você é gorda, porque você, não gosta de sexo, porque você só faz quando você quer*”. Silvana conta que ele a forçava várias vezes a manter relações sexuais. Quando ela saiu de casa, Jorge a procurava, forçando relações sexuais: “*Pulava o portão da minha casa, fez horrores, porque ele viu que eu não acreditava mais nele. Ele se sentiu acoado. Então ele queria fazer sexo comigo pra mim ficar do lado dele, porque ele achava que psicologicamente ele me comandava*”.

Segundo Silvana, ele teve várias amantes. Ela mesma o viu com várias mulheres, todas jovens. Atualmente, ele reside com uma menina de 17 anos: “*Ela é uma coitadinha, ela é bem pequenininha, é uma adolescente, uma criança. Só que eu não culpo ele, eu culpo a mãe dela, porque a mãe dela, se fosse mãe de verdade, jamais deixaria*”.

O Abuso Sexual e a Denúncia:

Há um ano, a filha mais velha fez uma denúncia contra o pai. O pai teria assediado Érica durante muito tempo. Ela tinha mais ou menos nove anos, segundo a mãe, na primeira vez em que o pai conseguiu abusar da filha, o que continuou ocorrendo até os 13 anos. Com 13 anos, Érica teria reagido e o abuso cessou. Em uma ocasião, quando a mãe chegou do trabalho, encontrou o espelho do banheiro e cadeiras quebrados, pois Érica teria agredido o pai: *“Não vou negar que talvez eu já soubesse... Acho que eu já sabia, mas eu negava, eu não queria ter certeza do que era, sabe?”* Nesse dia, Érica pediu à mãe que perguntasse ao pai o que tinha acontecido. Ela perguntou e o pai respondeu: *“Ratiei com a nossa filha”*. Refere que, na mesma hora, conhecendo o marido como conhecia, entendeu que Jorge havia *“feito alguma coisa”* com a filha: *“Talvez eu até desconfiasse de alguma coisa assim, só que eu me bloqueiei pra aquilo, eu não fui atrás daquilo, sabe?”*

Refere que o casamento dos dois já estava desgastado. O fato ocorreu no período em que estavam separados, porque ele tivera um relacionamento com uma menina e Silvana havia descoberto. Após a revelação do abuso, Jorge passou um período fora de casa, mas acabou retornando. Todavia, segundo Silvana, o casamento não foi mais o mesmo.

Aos 17 anos, Érica contou para o namorado o abuso sexual sofrido. A mãe acredita que Érica o fez antes de ter relações sexuais com ele, por ter se sentido mal no momento de se envolver sexualmente, rejeitando esse tipo de contato e sofrendo muito com a recordação do abuso sofrido, que voltou à tona nesta etapa da vida dela:

“Porque ela não convivia com ninguém, ela não tinha namorado ainda, ele foi a primeira pessoa que conviveu com ela e eu acho que também na hora deles terem, sei lá, ele era mais velho, queria ter relações e ela não quis de jeito nenhum e aí contou”.

O namorado de Érica contou o fato para Silvana num domingo. Na segunda-feira, Silvana resolveu perguntar a Érica como tinha acontecido o fato. Silvana então perguntou à filha se o abuso sexual havia acontecido no dia em que ela chegara do trabalho e ela havia agredido o pai, o espelho do banheiro e as cadeiras estavam quebrados. Ela confirmou que essa tinha sido a última vez. A mãe refere que Érica é uma morena, grande e forte; por isso, conseguiu se defender naquela ocasião.

Após o relato da filha, Silvana foi à delegacia, fez um BO (Boletim de ocorrência) e mandou o marido sair de casa. Conta que ele prontamente atendeu, sem questionar nada, e Silvana refere que não conversou com ele, não perguntou se ele era culpado ou não, somente o mandou embora. Após a denúncia, Érica foi encaminhada ao CEPIA. Ela, inicialmente, se negou a fazer o exame ginecológico: *“Érica não quis fazer o exame, daí o Conselho Tutelar veio pra cima de mim, porque que ela não tinha feito o exame, porque acharam que era eu que não tinha deixado”*. Érica então fez o exame e veio a confirmação do abuso sexual.

Após a denúncia de Érica, a escolhinha infantil onde a outra filha estudava também fez uma denúncia contra Jorge: *“Ele foi lá pra ficar, eu não sei o que ele foi fazer lá, mas ele, ele tava lá. E ele passou lá e uma prô viu gestos que não eram de pai pra filha, com minha filhinha de dois anos, que é um bebê”*. Segundo a professora, Júlia estava nua e o pai a beijava demais.

A mãe acredita que o pai tenha assediado também Sabrina, que é a filha do meio, mas não diz o porquê da desconfiança. Ela refere que Sabrina tem um pacto com o pai:

“É amor demais com o pai, e ela tem um pacto com ele pra não contar, porque a gente conversa com ela sobre isso e ela se bloqueia. Uma vez eu perguntei pra ela assim: “Filha, papai tocou em você?” Ela disse: “Não, meu pai só botou talco em mim”. Depois não falou mais nada e não quer falar sobre isso. É um amor

incondicional com o pai. Ela chora quando vê o pai, ela pede pra ligar pro pai:

“Quero morar com o meu pai, não gosto de você,” ela diz pra mim”.

Mesmo após todas essas denúncias, Silvana permitiu que Jorge voltasse a frequentar a casa, mas foi cobrada por isso: “*O Conselho Tutelar me ameaçou que, se ele voltasse lá, eles iam tirar as minhas filhas. Eles me explicaram que a culpada era eu que deixava ele lá*”.

Silvana refere ter se sentido rejeitada como mulher em razão do abuso das filhas: “*Porque na verdade, pro meu psicológico, aceitar que ele não me desejava, desejava as minhas filhas*”. Comenta que ele foi seu único parceiro sexual e queria que ele sentisse desejo só por ela:

“Eu tinha aquela, como é que eu vou dizer, ele tinha que ser meu e eu tinha que ser dele. Uma doença sexual também minha, não só dele. Então, demorou pra cair a ficha, que ele é uma pessoa doente, uma pessoa perigosa, me faz mal. Não só como mulher, mas como mãe, ele me tirou todas as vaidades femininas, entendeu?”

Agora, além dos sentimentos em relação a ela própria, Silvana mostra-se preocupada com as filhas:

“Meu problema é saber que as minhas filhas vão ter problemas de relacionamento. Minha filha mais velha, essa assim a gente sente que ela sente uma necessidade de carinho e abraço meu. E eu não consigo fazer isso que ela quer. Eu tento, mas eu não consigo, porque a gente se bloqueou um pouquinho”.

De acordo com a fala de Silvana, Érica diz para ela: “*Mãe, eu sou carente do teu abraço*”. Silvana refere que nunca negou carinho às filhas, mas não consegue manifestá-lo quanto gostaria. Sente que agora elas devem começar aos poucos:

“Primeiro que eu vou ter que conquistar ela como filha, ela vai ter que me perdoar, porque não que seja eu a culpada, mas, na verdade, eu fui mãe, eu também teria que ter percebido. Mas ele nunca fez quando eu tava junto, eu jamais vi. Eu só desconfiei aquela vez, só que eu não fui mais pra frente”.

Silvana comenta que Érica sempre recebeu muito carinho do pai, como na época em que era pequena e ele não trabalhava. Pouco antes da denúncia, a mãe relata que viu Érica no colo do pai. Após a denúncia, perguntou à filha por que ela havia se sentado no colo do pai, e ela relatou que estava tentando convencê-lo a deixá-la namorar: *“Até hoje isto é muito estranho, mas foi o que ela falou. Então preciso acreditar na minha filha”*. Érica ainda refere que sente falta do pai, mas daquele pai que ela tinha quando era pequena.

Atualmente, Silvana encontra muita dificuldade para se relacionar com Érica:

“Ah, é bem complicado, né? Mas eu penso assim ó, que ela tá sofrendo muito. Ela, graças a Deus, que ela teve a coragem de contar isso, porque eu ia perder minhas três filhas e nunca ia saber o porquê”.

Érica sente muita culpa por ter denunciado o pai. Segundo relatos da mãe, ela chora muito e sente-se culpada por três motivos: o primeiro, porque acredita que Silvana ainda ama o seu pai; segundo, porque as irmãs choram e pedem pelo pai, e terceiro, porque tem medo de que os outros pensem que ela está mentindo.

Reação da mãe frente à denúncia:

Silvana relata como reagiu ao saber do abuso sexual:

“Ah, agora eu entendi assim, ó, que foi um choque pra mim. Só que, como eu demoro muito pra reagir, como eu sou uma pessoa que tem depressão faz tempo, me trato, por isso eu tomo medicamento, por isso naquela hora o amor de filha foi maior que o meu de marido. Talvez o fato de eu amar ele demais, muito mesmo, foi difícil pra acreditar que ele tivesse feito, mas a primeira impressão que eu tive assim, ó, que naquela hora ela era a mais importante. Eu fiquei assustada, abismada, mas não deixei de acreditar nela em nenhum momento. Fiz a minha parte de mãe, esqueci de eu como mulher, esqueci ele”.

Ela conta que, quando os filhos eram pequenos, sempre que os trocava ou na hora do banho, examinava bem o corpo das crianças: *“Eu não sei te dizer o porquê que me levava*

aquilo, mas eu sempre, quando ia mudar, ou dar banhinho nelas, eu sempre investigava. Não sei o porquê, se eu tinha algum medo, mas eu sempre verificava elas". Refere que nunca encontrou nada diferente. Outro relato é de que sempre ligava para o marido durante o dia enquanto trabalhava, para saber das crianças e se ele as havia levado à escolinha. Quando não iam à escola por algum motivo, ela ficava muito preocupada. Um episódio que hoje lhe chama atenção é o fato de Sabrina ter comentado que o pai havia comprado talco para passar nelas: *"Daí eu perguntei pra ele: "Você comprou e botou talco nas meninas?" E ele disse que não. Eu acreditava e, ao mesmo tempo, desconfiava"*.

Silvana relata ainda: *"Quando ele ficava com elas, eu tinha medo. Só quando elas estavam dormindo eu ficava tranquila, porque eu sabia que ele ia tá na internet o tempo todo e sempre em sites pornográficos. Talvez por isso eu também desconfiasse"*. Refere ainda que muitas vezes Érica e Gabriel contavam que haviam visto o pai visitando *sites* pornográficos. Comenta que, em algumas ocasiões, chegou a esconder os cabos do computador e argumentava: *"Em primeiro lugar, você não deixa meus filhos usarem o computador e, em segundo lugar, você é doente"*. Relata ainda que ele levava filmes e revistas pornográficas para o trabalho disso desde que se casaram era assim:

"Eu fui crescendo, o meu psicológico foi, eu fui amadurecendo como mulher, eu fui vendo, porque aquilo era um meio da pessoa ficar excitada. Só que eu pensava assim, ó, será que eu sou tão inmulher, que ele não me deseja como mulher? Que ele precisa ter um estímulo? Que seria pra mim, os filmes, a internet. Eu fui me bloqueando pra isso. Então, invés de ele me ter como mulher, eu fui ficando cada vez mais bloqueada como mulher pra ele, porque eu sabia que não era a mim que ele desejava, entendeu? Que não era por mim que ele tava ali, pelo meu físico, meu corpo, né? Eu comecei a me sentir muito inferior como mulher e acabei me afastando dele. Eu me sentia um objeto".

Quando questionada sobre se algum fato semelhante havia ocorrido na sua ou na família dele, ela refere que sim. A sogra contava que o pai de Jorge assediara suas sobrinhas. Silvana

acredita que Jorge também tenha abusado da sobrinha dele numa época em que ela cuidara de suas filhas, nas férias.

“Eu cheguei um pouquinho mais cedo e ele tava tomando banho, ele saindo do banho e minha sobrinha tava no quarto. Ela tava toda vestida, era inverno, era frio. Só que eu desconfiei de alguma coisa. Ela demorou pra abrir a porta e ele saiu enrolado na toalha. Ele foi trabalhar, eu mandei uma mensagem pra ele: ‘O que você tava fazendo no quarto e por que você demorou pra abrir a porta?’ Ele não respondeu”.

A suspeita deve-se também porque, segundo Silvana, a sobrinha ficou constrangida quando a viu. Acredita que a sobrinha tenha gostado de ter se relacionado com Jorge:

“Talvez ela tivesse gostado do assédio, porque ela deixa claro assim que ela não gosta de mim, porque talvez não fosse a primeira vez aquele assédio. Só que eu nunca perguntei pra ela e jamais vou perguntar. Se um dia ela quiser me contar e tiver coragem, né? Mas eu nunca vou perguntar pra ela. Não tenho essa liberdade com ela”.

Quanto à sua filha Érica, diz que, de certa forma, até entende os motivos do abuso:

“Ela tem um corpo muito perfeito, ela é uma adolescente, uma morena muito bonita a minha filha. Qualquer um sentiria prazer por ela, por que não ele? Só porque ele é pai. Não, não, não faz diferença, né? Ele é homem, ele não é só pai. Ele sentiu desejo como homem”.

Em relação a Jorge, o que Silvana diz sentir é medo. Comenta que já teve vontade de ajudá-lo porque sabe que ele é doente, além de que nunca sentiu raiva dele.

Relações Familiares após a denúncia

Érica estava estagiando na delegacia como secretária administrativa, mas perdeu o estágio porque reprovou na escola. Não quer mais trabalhar e levou o namorado para morar com ela na casa da mãe. Por isso, muitas discussões começaram entre mãe e filha, pois o namorado tem 27 anos, não trabalha e nem estuda. Ele é separado e pai de dois filhos, uma

menina de três anos e um menino de mais ou menos nove meses. É sustentado pelo pai dele, que é oficial de justiça aposentado. Segundo Silvana, ele tem uma doença, que acredita ser depressão grave, mas não sabe ao certo. Sabe que ele se trata com um psiquiatra e toma medicação: *“Esse é um problema que eu tenho que resolver. Ele foi, fica direto na minha casa, eles têm muitos conflitos. Eu não sei o porquê, nem quero saber, que eles vão ter que resolver sozinhos”*.

Segundo a mãe, Érica, após a denúncia, confirmação do abuso e prisão de Jorge, tornou-se completamente dependente do namorado:

“Não adianta eu debater com ela de frente, porque a paixão dela é dela, o amor dela eu não vou conseguir tirar dela. Só que eu não aceito ela não querer mais trabalhar. Ela tá bem deprimida, ela chora bastante, ela me agride bastante. Ontem, ela me agrediu um montão. Aí eu voltei ela já tava mais calma”.

Silvana também toma medicação para depressão há cinco anos, mas nunca passou por atendimento psicoterápico. Érica só esteve em atendimento no CEPIA, mas, segundo relatos da mãe, o Conselho Tutelar ainda vai encaminhá-la para atendimento com psiquiatra ou psicólogo:

“Ela tá muito doentinha, muito deprimida. Eu já, eu tenho, né, eu sei quais os sintomas e ela chora muito, sabe? Que ela se sente, eu acho que ela se sente muito culpada, então o psicológico dela fica... E eu sei, né, que a gente não tem condições de reagir sozinha, a gente precisa de ajuda, né? Eu precisei de ajuda. Por que que ela não vai precisar, né?”

No momento, Silvana trabalha em uma concessionária de carros. Iniciou como funcionária de serviços gerais e foi promovida a telefonista.

Na última sessão de entrevista, quando foi iniciada a aplicação do TAT, Silvana chegou muito deprimida. Relatou que Jorge havia saído da prisão e que Gabriel havia decidido morar com o pai. Contudo, ficara com ele uma semana e voltara para casa. Não sabe o que aconteceu, *“não quis saber”*, apenas recebeu o filho de volta. Também ficou sabendo que a

atual companheira de Jorge, hoje com 18 anos, está grávida e que o bebê é uma menina, o que a deixou muito revoltada, porque se sente responsável. Quando questionada sobre sua responsabilidade por essa criança, diz que a atual companheira não sabe o que Jorge fez com suas filhas e que a criança que irá nascer vai ser mais uma vítima de Jorge. Queria muito proteger essa criança, mas sabe que isso vai ser difícil, porque a companheira já estava com ele antes da prisão, ainda que Silvana acredite que ela não saiba o motivo de ele ter sido preso. É uma menina do interior, de família muito pobre, que veio com ele para a cidade para ter uma vida melhor.

Silvana acredita que não há como mudar o que aconteceu e que ela terá de ser responsável pelos filhos a partir de agora. Considera importante nos filhos que eles falem a verdade e salienta que é preciso ajudá-los: *“Não se pode confundir, amor de homem é uma coisa e de filhos é outra. Então, tem que cuidar dos filhos, não dá para fechar os olhos para isso, por mais que se ame este marido, quer dizer, este monstro”*. Em relação à filha, acredita que ela esteja muito deprimida e fechada: *“Acredito que minha filha será muito retraída como mulher, sempre vai faltar alguma coisa. O pai tirou dela aquela inocência que ela tinha”*.

Síntese da Testagem Psicológica - TAT

A análise do TAT revela que Silvana apresenta aspectos depressivos, especialmente quando cita detalhes mórbidos nas histórias, angústia e desespero. Na prancha 3MF Silvana cria a seguinte história: *“Esta pessoa está quase se entregando, está muito desesperada. Também aconteceu alguma coisa muito grave, ou ela teve uma perda muito grande, pode ser uma morte ou um problema muito grave”*.

Chama atenção o silêncio prolongado e, em seus relatos, percebe-se que não há simbolização. Não existe projeção, as respostas são personalizadas. Ela se vê nas lâminas e identifica as gravuras como parte da própria história. Assim, a descarga do conflito e da

tensão aparece de forma direta: *“Eu também desconfiava, mas nunca vi, eu desconfiava. Eu me identifico com esta imagem. Eu sempre procurei por alguma coisa Eu desconfiava de coisas que pudessem acontecer, que fossem acontecer, mas nunca vi com meus próprios olhos. Eu queria ver, eu procuro até hoje, eu queria ver”* (Prancha 5); *“Não gosto dessa imagem, parece minha história, não quero que aconteça de novo, outro bebê, não queria que este bebê nascesse. Eu não vou poder cuidar desse bebê, me preocupo com ele, não vou poder ajudar, que nem não ajudei minha filha. Parece a minha filha”* (Prancha 7).

Quanto à representação da figura masculina, ela a vê como má e doente, e a figura feminina, como boa, vítima e que está sempre sofrendo: *“A mulher dele não está bem, está muito triste, não gosta das atitudes do marido. Ele queria fazer sexo e ela não queria, mas foi forçada. Agora ela está assim triste, desalmada, parece morta”* (Prancha 13 HF); *“É muito triste a despedida deles, nunca mais vão se encontrar. Ela é muito boa e acha que ele é um doente, ele representa uma pessoa que não é boa. Ela vai buscar respostas. Ela vai ter outra vida, vai ser feliz e ele vai continuar com a mesma vida, eu vejo a morte para ele”* (Prancha 10). Dessa forma, torna-se possível um alívio da sua culpa. A culpa é presença em muitas histórias, pela cobrança por não enxergar e pelo desejo de tomar atitudes mais assertivas, como enfrentar os problemas.

Há um ego frágil, pouco estruturado, sem defesas adequadas; existe uma ferida muito aberta e a angústia está sempre presente. Apresenta ainda fragilidade na identidade feminina, no vínculo materno e sentimento de solidão: *“Uma abelha caiu na água, ela era muito indefesa, estava perdida e com muito medo. Atrás das pedras vai aparecer um bicho horrível, vai aparecer só a cabeça para fora d’ água”* (Prancha 11).

Como mecanismos de defesa apresenta negação (*“Um dia muito escuro, a mulher não consegue enxergar”*, prancha 20) e reparação (*“Ela vai contar para alguém, vai tomar*

alguma atitude, tem que ser para a mãe dela ou para uma irmã, ele deveria contar para a mãe, porque uma mãe pode ajudar”, prancha 6 MF).

Discussão do Caso

A constituição da família de origem de Silvana é permeada por muitas dificuldades, tanto financeira quanto emocional. A representação de família não existe pela mãe, pois ela refere não conhecer sua família. Os pais de Silvana vieram de casamentos anteriores e, quando das separações, abandonaram seus filhos; posteriormente, o pai abandonaria a mãe. Existem também relatos de agressões do pai à mãe, desencadeando problemas de saúde a esta. A família, segundo Delgado (2005), possibilita aos integrantes compreenderem o significado de "cuidar-se de", "cuidando de", "ocupar-se de" e do "cuidado" de si mesmos. A vivência e a experiência de viver em família proporcionam aos integrantes elementos que contribuem para estruturar os indivíduos que fazem parte desse ambiente. Para Silvana faltou esse ambiente familiar que ensinasse a cuidar de si e do outro, e a falta de afeto conduziu a que se tornasse uma pessoa com dificuldade para formar vínculos. As crianças precisam criar laços afetivos, os quais são constituídos a partir do apego, se iniciam e se desenvolvem nas relações duradouras entre pais e filhos (Bowlby, 1984). Segundo Bowlby (1984), as experiências boas, de apego, que as crianças vivem nas relações familiares, ou seja, a partir dos cuidados primários, serão a base para seus relacionamentos futuros. Na família de Silvana, além da ausência de carinho e afeto - o que também se percebe pelo relato de que a mãe só disse que a amava no leito de morte -, há histórias de abusos, a maioria permeada por muitos segredos, como é o caso do suposto abuso do pai de Silvana em relação à enteada e a história de abusos do tio paterno em relação às filhas e a outras mulheres da família.

A existência de vários episódios de violência na família, tanto na de origem como na constituída por Silvana, contribui para certa naturalização das situações abusivas, correspondendo ao que está descrito na literatura (De Antoni & Koller, 2000; Habigzang & Koller, 2006; Kellog & Menard, 2003). Sempre que se refere aos episódios de abuso, Silvana diz que o autor deve ter *“feito alguma coisa”*. “Fazer alguma coisa” é muito diferente de abusar física ou sexualmente, mas, para ela, vítima de tantas violências, parece que se torna só mais um episódio. Na relação com Jorge, Silvana revela violência de diversas ordens: física, quando relata um episódio em que o provocou e ele a agrediu; psicológica, quando refere que o marido dizia que ela era gorda e a acusava de não gostar de sexo; e sexual, revelada por vários episódios em que se sentiu forçada a manter relações com o companheiro: *“pulava o portão da minha casa, fez horrores, porque ele viu que eu não acreditava mais nele. Ele se sentiu acoado. Então ele queria fazer sexo comigo pra mim ficar do lado dele, porque ele achava que psicologicamente ele me comandava”*.

Sendo algo “natural” na vida de Silvana, ela tem dificuldade para reconhecer os indícios de abuso e para agir no sentido de interrompê-la. Em sua fala ficam evidentes vários episódios nos quais reconhece a possibilidade de abuso. O espelho e as cadeiras quebrados e a fala de Jorge de que *“ratiei com a nossa filha”*, a informação de Sabrina relacionada ao talco, que foi negada pelo pai, a situação com a sobrinha e a investigação que ela fazia junto às crianças ao trocar as fraldas e dar banho são algumas das situações. Em todas, apesar da desconfiança, ela não investiga ou não foi em busca da verdade. De certa forma, na sua fala também há uma desqualificação ou a busca de uma justificativa para a situação abusiva. Exemplo disso é quando refere que a sobrinha, possivelmente, tenha gostado do abuso, ou quando diz que Jorge se interessou pela filha como homem, por ela ter um corpo muito bonito.

Quando refere *“jamais vi”*, de certa forma, está dizendo que só acreditaria vendo, ou seja, que, no fundo, não acredita até o momento. Caso a denúncia viesse à tona antes, ela

perderia tudo: o marido, os filhos e a estrutura dela. Fiscalizava o marido, sabia que alguma coisa estava errada, mas não conseguia enxergar. Não compactuou explicitamente com a perversão do marido, mas demorou a exercer seu papel como cuidadora. Pode-se pensar que visou à autoconservação, porque não conseguiu realizar a troca afetiva, escutar os filhos, deixando que as suas necessidades se sobrepusessem. Pode-se supor ainda que tenham faltado o olhar e a comunicação para com estes, da mesma forma que lhe faltou o olhar de sua mãe.

Tudo acontecia: as traições, a desvalorização como mulher e a desconfiança de estar ocorrendo algo errado com os filhos. Sua autoestima não existia, seu self era espelhado pelo do parceiro, dependia da existência do marido para existir. Não conseguia ficar longe desta pessoa perversa, nem sair desse relacionamento, *“sempre amei muito esse homem. Era totalmente dependente dele”*.

A vida sexual do casal era insatisfatória e totalmente desregrada. Pode-se inferir que Jorge apresentava uma imaturidade sexual e condutas perversas, que se manifestavam em situações de abuso sexual. Demonstrava busca intensa pela realização sexual e utilizava-se de várias formas de estímulo, fossem objetos, fossem pessoas, muitas vezes coisificadas. Sem poder dar conta da satisfação sexual do companheiro, Silvana sente-se rejeitada como mulher: *“Porque, na verdade, pro meu psicológico, aceitar que ele não me desejava, desejava as minhas filhas”*; *“será que eu sou tão inmulher, que ele não me deseja como mulher? Que ele precisa ter um estímulo? [...] Eu comecei a me sentir muito inferior, como mulher, e acabei me afastando dele. Eu me sentia um objeto”*.

Faltou investimento narcísico, não foi cuidada pelos pais, não teve continência. Ninguém pode dar aquilo que não teve; faltaram vínculos saudáveis, apego seguro nas suas relações; houve falta de carinho e cuidado dos pais ou de cuidadores substitutos. Além disso, há uma fragilidade na identificação com a figura feminina, já que a mãe era rude, fria e conservadora. Segundo Bowlby (1989), por meio do comportamento dos pais em relação aos

filhos é entendida a dimensão do apego da criança em relação àqueles. O “cuidar” da criança significa manter a proximidade com o bebê, manter-se alerta nos momentos em que ele não está próximo e agir prontamente para recuperar a proximidade caso ocorra alguma ameaça, o que representa a proteção materna. Nesse sentido, observa-se que, no caso de Silvana, faltou o cuidado adequado, já que não houve proximidade e apego seguro na relação com os pais.

Os aspectos depressivos estão presentes como forma de distúrbio afetivo ou do humor, o que pode ser percebido em sua fala ou quando cita detalhes mórbidos nas histórias, de angústia e de desespero. Segundo Winnicott (1896/2005), esse distúrbio alterna o indivíduo entre sentir que é pessoa má e sentir que está sendo maltratado. Silvana oscila entre essas duas perspectivas, pois, ao mesmo tempo em que se sente vítima da situação, também se culpa de alguma forma por não ter agido anteriormente em relação ao abuso dos filhos.

Estudos realizados, segundo Amendola (2004), mostram aspectos relacionados ao ajustamento emocional das mães de meninas abusadas sexualmente. As mães que silenciam diante de sinais do abuso sexual de suas filhas mostram que há um abandono emocional da família, e elas se tornam cúmplices silenciosas (Forward & Buck, 1989). Por muito tempo Silvana silenciou: *“Não vou negar que talvez eu já soubesse... Acho que eu já sabia, mas eu negava, eu não queria ter certeza do que era, sabe?”*

O ego pode se tornar frágil, deixando de lado alguns mecanismos de defesa adaptativos, motivados pelo afeto desagradável, presentes como sinal de angústia (Laplanche 2008). Dessa forma, percebe-se que o ego de Silvana está pouco estruturado, sem defesas adequadas; existe uma ferida muito aberta e a angústia está sempre presente. Os mecanismos de defesa presentes, que podem ser observados na entrevista, são: identificação projetiva, quando, por exemplo, refere que, se a mãe da atual esposa do seu ex-companheiro fosse mãe de verdade, não permitiria que a jovem se envolvesse com ele; formação reativa, quando, com relação à sexualidade comenta que é uma pessoa *“guardada”*, mas ao mesmo tempo aceitava as

perversões sexuais do marido; reparação através da culpa, que surge como forma de reparar o que ocorreu pelo cuidado com os filhos: *“vou ter que conquistar ela como filha , ela vai ter que me perdoa”*; e negação, quando há recusa do fato ocorrido, antes e posteriormente à denúncia, pela omissão do que estava acontecendo dentro da sua casa: *“talvez eu até desconfiasse de alguma coisa assim, só que eu me bloqueei pra aquilo, eu não fui atrás daquilo, sabe?”*.

A culpa que Silvana sente é um estado afetivo seguinte a outro ato que o sujeito considera repreensível (Laplanche, 2008) e está presente em muitas das suas falas, seja como cobrança por não enxergar o que acontecia, seja como desejo de tomar atitudes de enfrentamento. Segundo Winnicott (1983), o sentimento de culpa é visto como crescimento emocional do indivíduo e resulta do ensinamento da moral. A verdadeira culpa situa-se na intenção inconsciente. O crime verdadeiro não é a causa do sentimento de culpa, mas o resultado desta culpa que pertence a intenção de cometer um crime. Silvana manifesta e nega o sentimento de culpa, mostrando-se ambivalente: *“Primeiro, que eu vou ter que conquistar ela como filha, ela vai ter que me perdoar, porque, não que seja eu a culpada, mas, na verdade, eu fui mãe, eu também teria que ter percebido”*. Ao se referir ao papel da mãe da nova companheira de Jorge, exige dela uma atitude que Silvana mesma nunca demonstrou: *“Ela [atual companheira de Jorge] é uma coitadinha, ela é bem pequenininha, é uma adolescente, uma criança. Só que eu não culpo ele, eu culpo a mãe dela, porque a mãe dela, se fosse mãe de verdade, jamais deixaria”*.

Não culpa o ex-marido e trata-o como “doente”, confirmando o que Amendola (2004) postula. Diz sentir medo do ex-companheiro, mas nunca ter sentido raiva. Comenta que o via como *“uma pessoa completa”* e que ninguém, familiares e vizinhos, acredita que ele pudesse cometer o abuso. Jorge parece exercer o abuso através da sedução e da coação, não demonstrando agressividade. Nesse sentido, conseguiu manter os diversos abusos encobertos

por muito tempo, pois ocorriam em uma escala crescente a partir de carícias e afagos que costumam confundir as vítimas e mantê-las envolvidas na situação abusiva. Silvana chega a comentar que a filha Sabrina tem um pacto com o pai de um amor muito intenso.

Após a revelação oficial e a exposição social do abuso, ainda que ambivalente e se debatendo quanto às atitudes a tomar, Silvana diz ter ficado ao lado da filha e acreditado em tudo que ela contou:

“Naquela hora o amor de filha foi maior que o meu de marido. Talvez o fato de eu amar ele demais, muito mesmo, foi difícil pra acreditar que ele tivesse feito, mas a primeira impressão que eu tive assim, ó, que naquela hora ela era a mais importante. Eu fiquei assustada, abismada, mas não deixei de acreditar nela em nenhum momento. Fiz a minha parte de mãe, esqueci de eu como mulher, esqueci ele”.

Nesse sentido, demonstra uma atitude protetiva à filha. Não nega sua dificuldade em demonstrar afeto aos filhos, assim como sua mãe não o demonstrava, e diz que a filha fala “Mãe, eu sou carente do teu abraço”. Demonstra, no entanto, desejo de recuperar aspectos no relacionamento com os filhos, ficando mais atenta às necessidades deles.

Caso 2

Nome da mãe: Solange

Idade: 44 anos

Profissão: Serviços gerais em uma empresa Metalúrgica

Escolaridade: Ensino médio completo (supletivo)

Pai: Sérgio

Idade: 52 anos

Escolaridade: Ensino médio incompleto (primeiro ano)

Profissão: Pedreiro

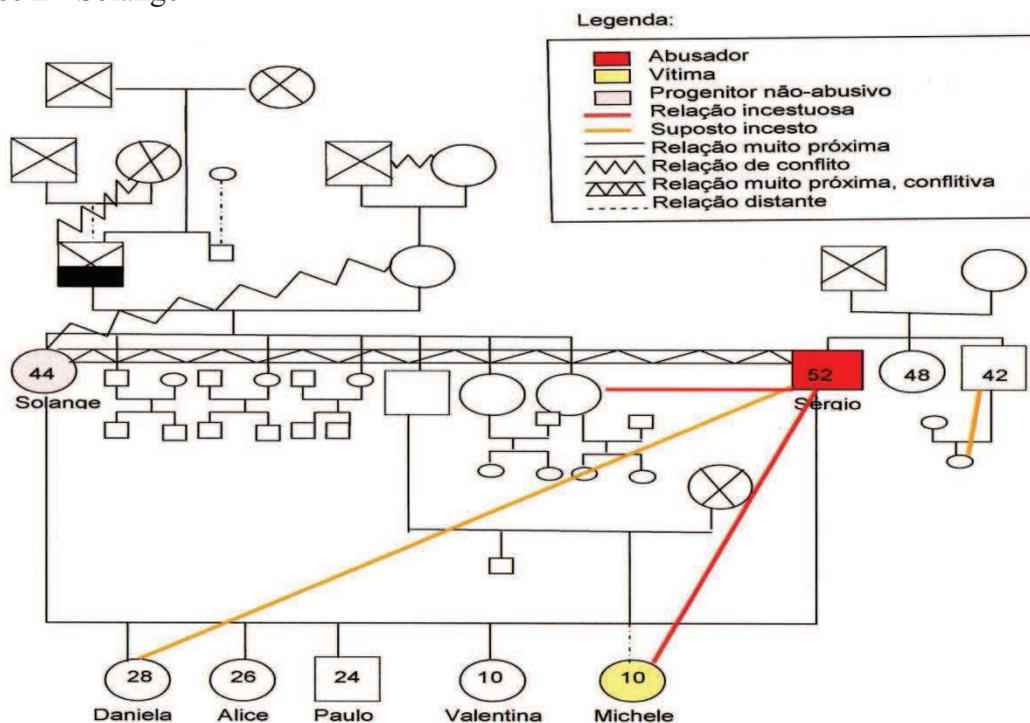
Filha que sofreu o abuso: Michele

Idade: 10 anos

Escolaridade: 4º ano do Ensino fundamental.

GENOGRAMA

Caso 2 - Solange

**História Progressa**

Solange tem 44 anos, cinco filhos, sendo quatro legítimos e uma filha adotiva, chamada Michele. Três dos filhos são casados e duas ainda moravam em casa. Michele é filha de seu irmão Cláudio, mas Solange a adotou logo que nasceu, quando a cunhada faleceu e o irmão disse que não tinha condições de cuidá-la.

Solange tem seis irmãos, dos quais é a mais velha; depois vem o Mauro, com 43 anos; a Antônia, com 41 anos; a Zara, com 40 anos; o Cláudio, com 38 anos, que é pai de Michele; a Raquel, com 35 anos, e a Ângela com 26 anos.

Quanto à sua família de origem, refere que residiu em Santa Rosa até os nove anos, quando, então, toda a família mudou-se para Passo Fundo em busca de uma vida melhor. Na

cidade, foram morar com os avós maternos por alguns meses até encontrarem uma casa. Refere que imaginava a avó diferente, já que não se lembrava dela. Seus avós eram pessoas humildes, e a casa era muito suja. O avô era muito bravo, brigava o tempo todo com os netos e com sua avó: “*A minha avó parecia empregada dele, não parecia ser a mulher*”. O pai de Solange também passou por muitas dificuldades na infância. Ele teve um irmão e, quando ambos eram pequenos, foram para adoção, pois a mãe legítima era prostituta. Como as mães adotivas eram primas, o pai de Solange teve contato com o irmão até este falecer. A avó adotiva era muito egoísta, ruim e o pai de Solange fugiu de casa muito jovem, abandonou tudo. Segundo Solange, ele só fez filhos, porque nunca trabalhou, não tinha responsabilidade, viveu sempre de “*biscate*”.

Solange conta que sua infância foi difícil, pois passou muitas necessidades, tinha de cuidar da casa e dos irmãos, brincou pouco, pois não tinha tempo. Sempre estava em atrito com a mãe, porque era muito exigente. Esse foi um dos motivos que a levaram a casar cedo, para sair de casa. O pai de Solange sempre bebeu, mas era muito carinhoso, ao passo que sua mãe era uma “*carrasca*”. Sempre teve medo de que os pais se separassem, porque, caso isso acontecesse, seu pai passaria dificuldades. O pai faleceu há seis anos, e hoje passam dificuldades com o irmão, que é usuário de crack.

Refere ainda não saber se houve casos de abuso em sua família ou na família de Sérgio. Os pais de Sérgio brigavam muito, a mãe faleceu há oito anos. Solange refere que o ex-marido tinha um irmão agressivo e acredita que este abusou da filha, pelos comentários da família, mas Sérgio nunca quis falar sobre isso, alegando que os problemas da família dele não interessavam à mulher. Os irmãos de Sérgio sabem o que aconteceu, mas não acreditam que ele possa ter feito isso, mesmo estando preso. “*As irmãs dele dizem: ‘não me conta mais nada, já vi este filme antes, eu não entendi e também não quero mais saber’*”.

Solange casou com 18 anos e relata que o relacionamento entre ela e Sérgio sempre foi normal, mas diz que nunca amou o marido para casar; gostava dele como amigo, era uma pessoa legal, que não tinha vícios, não fumava nem bebia. Casou para sair de casa; diz que era revoltada e desobediente, achou que saindo de casa seria melhor. Conta que brigavam, ele era exigente, mas ela tinha que aceitar as queixas dele, como quando chegava do trabalho e queria transar e ela sempre fugia dizendo que não sentia vontade. Diz que o marido era pegajoso e ela não gostava disso, que a estava sempre agarrando quando em casa. Solange comenta que nunca foi carinhosa, nem mesmo com os filhos. *“Se eles chegassem perto de mim, eu beijava, mas nunca fui carinhosa com meus filhos. Acho que aprendi a ser assim, não sei explicar”*.

O Abuso Sexual e a Denúncia

Sérgio foi acusado de abuso sexual e as filhas atualmente estão sob a guarda de uma tia, irmã de Solange, em razão de uma denúncia de que ela levava as meninas ao shopping da cidade para se encontrarem com o pai, porque este referia estar com saudade delas. Solange afirma: *“Eu não era responsável e acabei fazendo muita besteira, e a pior foi ter levado as crianças para ver o pai. Eu não tinha noção da maldade que ele tinha feito, mas tinham me avisado que elas não podiam ter contato com o pai e estariam sob minha responsabilidade”*.

A denúncia ocorreu porque a irmã, Ângela, que atualmente está com a guarda das crianças, contou que fora abusada aos quatro anos por Sérgio. Solange diz: *“Na época, eu entendi que ele só tinha mostrado os órgãos genitais para a Ângela, só agora que eu entendi o horror que foi”*. Naquela época, Solange já tinha três filhos: a Daniela, Alice e Paulo. Sua irmã mais nova, Ângela, morava com eles, pois sua mãe trabalhava e ela não tinha com quem ficar; então, Solange passou a cuidar da irmã. Refere que a mãe engravidara na mesma época que em ela estava grávida da sua segunda filha, por isso a irmã tinha a mesma idade que suas filhas mais velhas.

Em uma ocasião, sua irmã Raquel, que já tinha 16 anos, foi até sua casa brincar com as crianças, porque Solange havia saído. Elas estavam brincando, fazendo um desenho e Raquel fez um desenho de uma vela e mostrou a Michele, dizendo: “*olha uma vela Michele*”, e ela respondeu “*não é vela, é um tico*”. Raquel, nesse momento, perguntou como ela sabia, e ela respondeu que o pai tinha mostrado para ela. Quando Solange chegou em casa, encontrou sua mãe e suas irmãs, que lhe contaram o que havia acontecido. Ela esperou Sérgio chegar, mas ele negou, dizendo que era mentira. Então, naquele momento, Ângela falou que era verdade porque ele havia “*feito muitas coisas*” com ela, mas não referiu o quê e ninguém perguntou. Disse que, na época, tinha seis anos e não tivera coragem de contar antes. Não houve a confirmação desse abuso, porque ninguém denunciou: “*Eu acreditei nelas, minha irmã queria matar ele. Mande ele sumir de casa, fiquei louca de raiva.*” Então, ele se ajoelhou na frente de todos, pediu desculpas e foi embora. Solange resolveu não denunciar porque: “*não sei o que ele fez, se ele só mostrou não seria uma coisa tão hedionda, né?*”

Passadas algumas semanas, ele voltou, pediu para ficar, disse que não ia mais agir assim; e então, Solange permitiu que ele ficasse: “*Santa ingenuidade*”. Sérgio, segundo Solange, sempre foi um bom pai, brincava, beijava, abraçava, contava histórias, jogava bola. Refere que não dava banho: “*Nunca permiti que pai desse banho, mudasse ou beijasse na boca os filhos, acho isso um horror*”. Durante o período em que ele esteve em casa, tudo ficou do mesmo jeito, “*normal*”. No entanto, Solange revela que nunca perdoou o marido, que tudo o que ele fazia a irritava. Conta que ele tentou conquistá-la de várias formas, era prestativo e falava para todos que a amava.

Quando Solange começou a trabalhar à noite em uma empresa de cortes de frango em outra cidade, as duas filhas menores ficavam com o pai e com Daniela, filha mais velha, que, separada, residia na mesma casa dos pais com seus dois filhos. Michele contou para irmã Daniela o abuso e, quando a mãe chegou em casa, ficou sabendo do ocorrido. Sérgio sempre

levava Solange para pegar o ônibus, à 1h40min, de madrugada. Soube que o marido, após deixá-la na parada do ônibus, voltou para casa e, quando Michele foi ao banheiro, ele entrou. Daniela viu a irmã saindo do banheiro e, logo em seguida, o pai. Ela não perguntou nada e foi se deitar. De manhã, após a saída do pai para o trabalho, ela perguntou a irmã o que tinha acontecido e Michele contou que o pai abusara dela e que não tinha sido a primeira vez. Quando a mãe chegou do trabalho, Daniela contou o que havia ocorrido. Solange perguntou à Michele, que confirmou. Solange, a filha Daniela e sua irmã Ângela foram à delegacia e ao Conselho Tutelar para denunciar Sérgio.

Refere ainda que, quando houve a denúncia de sua irmã, Daniela, sua primeira filha, também revelou o que havia acontecido com ela. Não lembrava exatamente a idade, mas a família imagina que foi aos quatro anos. Daniela só contou após a denúncia da Michele, que hoje tem 28 anos e desde os 15 anos passou a ter convulsões. Todos os exames foram feitos, mas os médicos chegaram à conclusão de que as convulsões iniciaram em razão de algum trauma. Na época perguntaram à Daniela se havia acontecido alguma coisa, e ela disse que a mãe sabia: *“Eu não sabia, ela acha que já tinha me contado, mas eu disse pra ela: ‘Daniela, tu não me contou’, só agora entendi qual era o trauma”*. Daniela tomou Gardenal por um longo período.

Reação da mãe frente à denúncia:

Solange, a irmã e a filha foram à delegacia fazer a denúncia quando Michele relatou à irmã o abuso. Segundo Solange, não aceitaram que ela fizesse a denúncia, porque quem tinha visto e a quem Michele contara para a Daniela. Daniela ficou na delegacia enquanto Solange foi com Michele ao Conselho Tutelar.

Daniela então fez a denúncia: *“Fiquei de lado, o que eu ia fazer? Mais tarde descobri que eles, do Conselho Tutelar, e o Juiz, queriam me culpar também. Imagina, eu ir presa com*

ele”. Na verdade, Solange acredita que todos queriam culpá-la, inclusive a família, irmãs, mãe e filhos: *“Acham que eu contribuí com a situação, acho que é porque eu não denunciei quando aconteceu a primeira vez, mas, imagina, quando aconteceu com a Ângela faz mais ou menos 20 anos atrás”*.

Após, voltou para casa com Michele, mas refere que estava transtornada, tanto eu demorou muito para chegar. No outro dia, levou Michele para fazer o exame médico, o qual confirmou o abuso: *“Como isso foi acontecer? Sempre ensinei meus filhos que só quem pode tocar eles é a mãe, nem pai, nem primos. Eu sempre dizia: ‘No corpo da gente, ninguém pode mexer’. Às vezes, eles queriam tomar banho na creche, mas eu nunca deixei por medo”*. Após a denúncia, Sérgio relatou que abusara de várias pessoas, entre as quais de duas sobrinhas dele. No total, segundo Solange, havia uma lista de 15 pessoas: *“Uma foi puxando a outra”*.

O Conselho Tutelar avisou Solange que de as crianças não poderiam se aproximar do pai, porque era uma pessoa muito perigosa. No entanto, em novembro de 2009 Solange resolveu atender ao pedido do marido:

“Eu não conseguia imaginar que era tudo isso. Por mais que as pessoas falavam, eu via que ele era pai. Eu sabia que para casa ele não ia mais voltar e ele pediu para ver as crianças, a Michele e a Valentina, e eu fui no shopping me encontrar com ele. Almoçamos juntos”

Refere que se encontrou com ele várias vezes para falar dos filhos, sempre em lugares públicos, mas nem sempre levava as meninas. Sua filha Daniela e a irmã Ângela desconfiaram, a seguiram às crianças e, quando ela chegou em casa, Ângela anunciou que teria feito o pedido de guarda de Michele e Valentina, porque ela tinha medo que Solange aceitasse o marido de volta: *“Se eu não ouvisse tudo o que eu ouvi, eu aceitaria ele de volta. Eu não fiz isso por maldade, eu tava em lugar público. Eu só entendi, na verdade, quando ele foi preso”*.

Solange acredita que todos estão contra ela, que todos a humilharam, como os juízes e a família: *“Se tu soube de uma coisa e faz, tu tem que ficar quieta, mas quando tu não sabe duma coisa e a pessoa chega e diz: ‘tu é isso, isso e isso’, daí tu para e pensa: ‘será que eu sou mesmo tudo isso?’”* Revela que não se sente culpada, pois nunca soube o que acontecia: *“Eu convivi 30 anos com uma pessoa e não vi nada”*. Conta que a conselheira tutelar lhe disse: *“Ou tu é muito ingênua ou gostava do que aconteceu”*.

Após o passeio no shopping, o juiz determinou que a guarda fosse destinada à tia Ângela, e a assistente social avisou Solange que as meninas teriam de ir embora, porque ela não tinha condições de ter a guarda. Durante seis meses, a guarda ficou com Ângela. Solange conseguiu ver que estava errada e passou a querer muito recuperar a guarda das meninas. Após esse episódio, Solange abandonou sua casa, deixando nela Daniela, e mudou-se para a casa de sua irmã Raquel, que ficava próxima à casa de Ângela. Assim, ficava mais perto das filhas, visitava-as todos os dias, apesar de Ângela ser firme nos horários de visita. Refere que a sua irmã não possuía condições físicas nem psicológicas para ficar com as crianças. Por isso, atualmente, as meninas voltaram a residir com a mãe, mas na casa da tia Raquel, com a autorização do juiz e da assistente social, porém a guarda continua com Ângela. A determinação do juiz é de que Solange resida com Ângela, Contudo como a casa é pequena, Solange continuá morando com Raquel e as meninas ficarão com ela, já que elas moram perto. *“De tudo isso eu só tenho que agradecer”*.

Solange refere que não quer voltar para casa porque tem lembranças muito ruins, principalmente do dia em que tiraram as meninas dela dizendo-lhes que iriam morar com a tia.

Síntese da Testagem Psicológica

A análise do TAT revela os papéis que Solange tem introjetados com relação às figuras parentais: *“A mãe que decide as coisas da casa e da família, o pai não está nem aí, só pensa em trabalhar. Acho que ele quer fugir desta mãe reclamona.”* (prancha 2). Também evidencia situações de abandono, que podem tanto se referir ao seu lugar como filha quanto como mãe: *“é uma pessoa abandonada uma criança que foi abandonada. Os pais abandonaram, não quiseram assumir essa criança, não quiseram ter responsabilidade”* (prancha 3).

Há indícios de imaturidade, infantilidade e falta de diferenciação do eu. Solange mostra-se desconfiada, percebe-se sozinha. De certa forma, também pode estar revelando o quão se sente despreparada como mãe:

“É uma pessoa abandonada, uma criança que foi abandonada. Os pais abandonaram, não quiseram assumir esta criança, não quiseram ter responsabilidade. Estes pais não são bons, não foram educados para assumir esta criança. Esta criança precisa de pai e mãe, alguém precisa ajudar esta criança, que tenha um bom coração, uma pessoa certa. Mas são poucas pessoas assim”. (prancha 3).

Cria um mundo de fantasia, idealizado, no qual as relações familiares são perfeitas, e acredita nele. Muitas histórias demonstram essa idealização:

“Uma pessoa abre a porta da sala para entrar em outra sala, ela quer ver, está olhando as flores, são lírios e muita luz. É uma casa bem arrumada, a mulher veio chamar a família para jantar, são três, um menino e duas meninas. Os filhos são muito unidos, o marido e a mulher estão bem” (prancha 5).

Por outro lado, revela nas histórias o quanto se sente incompreendida na sua busca pela felicidade, por ser alguém na vida: *“As pessoas podem não entender ela, que não tenham o mesmo raciocínio que ela. Toda a sociedade e também a família não entende ela. Ela quer chegar a ser mais feliz possível, é sozinha, não tem família. Para ela, chegar longe é ser alguém na vida, o que todo mundo merece”* (prancha 8 MF).

Solange utiliza defesas tais como: projeção (“*uma criança triste está esperando alguém ajudar, ela quer aprender a tocar violino, está triste porque não sabe se alguém vai ajudar, está esperando que isto aconteça, que um professor ajude ela*”, prancha 1); racionalização (“*é difícil contar as coisas para as pessoas, principalmente as que não vão entender, ou entender diferente daquilo que acontece, admitir que se está sofrendo*”, prancha 3MF); intelectualização (“*uma pessoa abre a porta da sala para entrar em outra sala, ela quer ver, está olhando as flores, são lírios e muita luz. É uma casa bem arrumada, a mulher veio chamar a família para jantar, são três, um menino e duas meninas, os filhos são muito unidos, o marido e a mulher estão bem*”, prancha 5). A intelectualização é manifesta pelo controle dos afetos e dos impulsos. Precisa mostrar que tudo está bonito: “a casa arrumada”, a “mulher arrumada”, “criança bem cuidada”. Tudo está arrumado, organizado, dessa forma tentando demonstrar que as pessoas também estão bem cuidadas. A negação, no TAT, também se manifesta: “*uma criança abraçando o pai. O pai cuida sempre desta criança, ele é cuidadoso e a mãe também. Quando a mãe não pode cuidar, o pai que cuida*” (prancha 10).

Falta recalçamento, não tem interdição. Fraca integração do ego, em virtude da emergência do conflito, impedida pelo uso intenso de defesas, por meio de seus relatos pobres nas lâminas do TAT.

Discussão do Caso

Em relação à família de origem, Solange refere que sua mãe sempre foi uma pessoa exigente e autoritária, ao passo que o pai se mostrava mais ausente, submisso e passivo. O alcoolismo também o fragilizava. As dificuldades de relacionamento mostram-se presentes na família de origem, principalmente quando são apresentados os relatos de abuso, que são ignorados. Os abusos aparecem de várias formas, inclusive na relação dos avós, já que a avó era considerada por Solange como uma empregada do avô. Amendola (2004) faz referência à

confusão e à ambiguidade diante das situações de violência, pois o ambiente não é percebido como acolhedor. Na família de Sérgio, o abuso também se apresenta de forma encoberta.

Solange relata dificuldade em manifestar carinho para com as pessoas e os filhos: “*Se eles chegassem perto de mim, eu beijava, mas nunca fui carinhosa com meus filhos. Acho que aprendi a ser assim, não sei explicar*”. Sem ter recebido carinho, é difícil que se possa dá-lo. Talvez daí também advenha a dificuldade de Solange de reconhecer as situações abusivas.

Mostra-se ambivalente em relação à sexualidade. Se, por um lado, mostra-se recatada e puritana, achando condenável o pai dar banho nos filhos ou beijá-los na boca, avisando os filhos de que ninguém pode mexer no corpo deles e negando relações sexuais ao marido, por outro, não considera tão grave a situação de Sérgio mostrar os genitais à irmã ou à filha. O que é abuso para ela? Solange nega os indícios do que está acontecendo, não vê maldade no que Sérgio fez: “*Eu convivi 30 anos com uma pessoa e não vi nada*”. Portanto, parece que só acreditaria vendo.

Observa-se também a negação de Solange quando leva as filhas ao shopping para encontrar o pai, não percebendo a gravidade dos fatos. Não reconhece o que vê e ouve: “*Só entendi, quando foi preso*”. Apresenta aspectos de dissimulação, fuga da situação problemática. Solange tem dificuldade de criar vínculos, é uma pessoa autoritária e com aspectos imaturos do ego; quer que todos acreditem que é uma boa moça, uma boa mulher; busca uma saída maníaca, busca mais o prazer. Em alguns momentos, mostra-se apavorada, assustada, mas se defende com o isolamento do afeto; não cria vínculos, da mesma forma que Sérgio também não criou vínculos familiares.

Nesse sentido, mostra ser uma mãe perversa, conivente com as situações que ocorreram. Segundo Almeida-Prado e Feres-Carneiro (2005), a perversão pode ser vista como uma

expressão de impulsos destrutivos para lesar, estragar a sexualidade de outrem. Não vê problema em Sérgio ter abusado de sua irmã, em ter mostrado os órgãos genitais.

Quando ocorre o incesto, ocorre uma ruptura da lei, tornando-se impossível, dessa forma, a instauração e transmissão nos vínculos familiares. Quando não há a interdição do incesto, estabelece-se uma transgressão, e os demais membros da família passam a ser cúmplices (Nogueira & Pereira de Sá, 2004).

Solange, possivelmente, apresenta uma perversão narcísica. É um modo particular de se proteger dos conflitos internos à custa do meio. Evita o impacto promovido por sentimentos de luto, angústia, colocando sobre o outro as dores, as dificuldades e os conflitos relacionados àqueles sentimentos (Prado, 2004). É uma pessoa narcisista, que está mais preocupada em se livrar da pena, da retaliação pelo consentimento e pelo fato de ter levado as filhas ao encontro do pai.

Caso 3

Nome da mãe: Cátia

Idade: 34 anos

Profissão: Empregada doméstica

Escolaridade: Ensino fundamental completo

Nome do Pai: Rubens

Idade: 34 anos

Escolaridade: Ensino médio incompleto

Profissão: Motorista

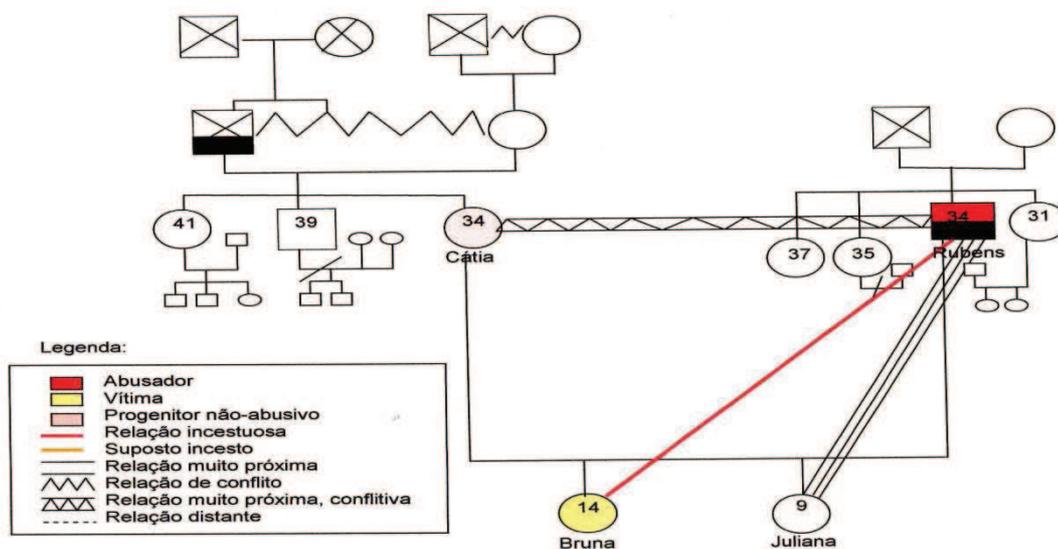
Filha que sofreu abuso: Bruna

Idade: 14 anos

Escolaridade: Ensino médio incompleto (primeiro ano)

GENOGRAMA

Caso 2 - Cátia

**História Progressa**

Cátia refere que a sua infância teve muitas coisas boas, mas também coisas ruins. As boas eram brincar muito com os irmãos e os vizinhos; as ruins deveram-se ao fato de o pai beber muito. A mãe conta que eles tinham de se mudar muito, porque, como o pai bebia, acabava perdendo o emprego; então, tinham de se mudar para outro lugar, onde o pai conseguisse um novo emprego. A família não gostava disso, mas tinham de acompanhá-lo. A última vez em que se mudaram foi a chácara onde os avós paternos moravam, onde permaneceram dos três aos 16 anos de Cátia, quando seu pai faleceu aos 47 anos, de cirrose. Para Cátia, o pai era muito bom, era um excelente pai, mas, quando bebia, mudava, ficava ruim, principalmente com a mãe e a irmã mais velha: *“Minha irmã é muito nervosa. Quando o pai bebia, minha irmã avançava nele, ela tinha muita raiva do nosso pai. Ele era briguento, batia boca, principalmente com a mãe. Ele era terrível, agressivo, ruim mesmo quando bebia”*.

Cátia refere que a mãe era protetora, pedia aos filhos que ficassem quietos quando o pai chegasse bêbado, mas que chegou a perder o controle: *“Uma vez minha mãe pegou a faca e foi em direção ao pai e disse ‘eu não aguento mais isto’. Meu irmão segurou ela, senão acho que ela ia matar ele”*

Quando era adolescente, refere que a mãe era muito rígida, brigava demais e não deixava Cátia namorar. *“Não deixava a gente ficar na rua com os vizinhos, brigava muito. Eu nunca podia sair, ela ficou ruim depois que o pai morreu”*. Quando seu pai faleceu, a família saiu da chácara e foram morar perto da avó materna, próximo de onde mora hoje:

“Eu não queria morar ali, deixei todos meus amigos e tive que mudar de colégio. Odiei tudo. Só depois de muito tempo acostumei. Ali que conheci meu ex-marido. Eu não queria morar ali, parece que eu adivinhava. Primeiro, conheci a irmã dele, depois ele. Começamos namorar e depois casamos, porque eu engravidei. Minha mãe ficou muito braba, mas eu queria muito casar com ele, porque eu gostava demais dele”.

Em relação à família de Rubens, refere que o pai dele tem 64 anos, a mãe, 59 anos, e que estão separados há 14 anos. Comenta que brigavam muito, mas não sabe esclarecer detalhes da separação. Relata que o pai era muito agressivo e bebia demais. Rubens tem três irmãs. Não sabe se houve problemas de assédio na família de Rubens, mas relata que houve muitos problemas de agressão entre os pais e que a mãe batia e desvalorizava muito os filhos.

A primeira gravidez de Cátia foi muito difícil, pois a mãe dela brigava demais, acusando-a de fazer mal à família. Conta que isso só melhorou quando passou a morar com a sogra. Durante a gravidez, refere que o marido foi bem atencioso: *“Ele cuidava de mim e da nossa filha”*. Eles têm duas filhas: Bruna, de 14 anos, e Juliana, de nove.

Relata que o relacionamento do casal era bom, só o que atrapalhava, segundo Cátia, era a bebida. Ela refere que não gostava quando ele chegava em casa alterado. Às vezes, era agressivo com ela e com a filha mais velha. O casal não conversava muito, mas diz que ainda

ama muito o marido, que não consegue esquecê-lo e sente falta dele. Durante o casamento, refere que não podia ficar sozinha em casa com o ex-marido: *“Ele só queria sexo, só pensava nisso. Eu até falava para ele: ‘Tu não pensa em outra coisa, não pode ficar quieto em casa’, mas ele ficava me pegando o tempo todo.”*

Começou a perceber também no marido fixação por filmes e revistas eróticas. Um dia, quando a filha mais velha tinha quatro anos e ela estava grávida da Juliana, notou que o marido estava diferente e não gostou quando ela contou que havia ido ao médico e soube que era uma menina. Neste dia, ele saiu de casa, voltou de madrugada, bêbado, e Cátia brigou com o marido:

“Fui atrás dele no banheiro e briguei muito naquela noite, eu estava grávida e com uma filha pequena e ele bebendo até aquela hora. Neste dia, ele disse que precisava me contar uma coisa que tinha feito, uma coisa que estava arrependido. Contou que tinha ido na zona e tinha saído com uma menina bem novinha, mas não disse a idade.”

Durante a gravidez da Juliana, Cátia refere que sofreu muito. Relata que estava mais agitada, trabalhava demais, pois nessa época era cozinheira em uma empresa e o marido começou a beber e brigava muito quando chegava em casa:

“Quando cheguei em casa um dia, ele tinha comprado um filme pornográfico e revistas, e deixou ali. Acho que não sei onde foi que ele tinha deixado à mostra e ainda eu disse, ainda briguei com ele: ‘Não deixa essas coisa ai’. Daí ele pegou e escondeu, mal eu sabia que não era só comigo que ele via estes filmes”

Cátia refere que Rubens bebia mais nos finais de semana e, quando chegava em casa alcoolizado, era agressivo. A agressão era maior com Bruna. Refere que *“tinha gana com a Bruna, batia muito. Um dia, ele pegou ela e bateu com a cinta, sabe? Chegou a ficar os vergão”*. Bruna, segundo a mãe, não podia fazer nada, não podia sair. O pai implicava com

tudo que ela fazia, parece que tinha raiva dela. Acredita que essa raiva eram ciúmes; *“queria a menina só para ele e, ao mesmo tempo, batia bastante nela, para mostrar do que ele era capaz caso ela contasse a alguém”*.

Cátia refere que houve outro caso de abuso sexual por parte de Rubens. Uma prima de Cátia cuidava da Juliana quando ela trabalhava. A avó paterna mora perto de sua casa e, como Cátia trabalhava, sua prima começou a cuidar da filha mais nova à tarde em sua casa. Rubens viajava, mas, às vezes ficava em casa ou chegava mais cedo do que Cátia. Em uma ocasião, ele abusou de sua prima. Cátia ficou sabendo pela mãe da menina que, na época, tinha 16 anos. Cátia questionou por que a prima nada revelara a ela, e a menina disse que ficara com medo que ela não acreditasse: *“Aquela vez, nós quase separemo, mas daí ficemo um tempo, assim, meio longe, né? Mas daí voltemo. Eu me arrependo tanto. Se soubesse o que ia acontecer com a minha filha, eu não tinha nem voltado. Mas é que quando a gente gosta, né?”*.

A prima de Cátia revela que só aconteceu uma vez, porque noutra ocasião em que Rubens tentara entrar pela janela do seu quarto, ela prometera contar, e ele dissera que não iria mais acontecer caso ela ficasse quieta. Mesmo assim, a prima resolveu contar a sua mãe, que contou a Cátia.

Cátia desconhece se houve outros casos na família de Rubens ou na sua e refere ainda: *“nem quero saber”*. Em relação à filha mais nova, acredita que não houve nada, pois questionou-a, mas ela negou: *“Pelo menos, ela me disse que não e eu acho que ela não entende muito bem sabe.”*

O Abuso Sexual e a Denúncia

Há um ano, Cátia descobriu que Rubens assediava a filha mais velha. Ela descobriu, porque machucou o pé no trabalho e precisou ficar em casa alguns dias em razão de atestado médico. Nos dias em que esteve de licença, resolveu arrumar a casa. Quando foi limpar e arrumar o quarto da Bruna, encontrou debaixo do colchão uma carta escrita por ela denunciando o pai: *“Era uma carta, assim, como se tivesse desabafando, escrevendo bem ligeiro, sabe, como se fosse um diário”*. Cátia comenta que leu a carta e que lhe foi muito difícil saber o que havia acontecido, pois a filha odiava o pai: *“Eu comecei a ler, e daí vi aquela parte que ela escreveu, que odiava o pai dela, que ele fazia ela passar vergonha, que humilhava ela”*. A carta dizia: *“O meu pai fazia eu deitar nua na cama”*. Cátia comenta que, naquele momento, *“caiu tudo na minha cabeça, desmoronou, né?”*.

Quando a filha voltou do colégio, ao meio-dia, Cátia conta que a chamou para conversar. Relata que, com dificuldade, com vergonha, Bruna contou à mãe que há mais ou menos quatro anos, quando a avó paterna ficara hospitalizada, o pai aproveitara o momento e começara a abusar dela. A avó mora ao lado da casa de Cátia e cuida das meninas durante o dia: *“O pai obrigava ela a fazer isso, deitar na cama, assistir fita pornô com ele, quando ele chegava do trabalho, e espiava ela nua no banho.”* Pelo relato de Cátia, o abuso constituía-se em voyerismo e carícias, mas o pai estava tentando avançar:

“Já fazia um tempinho, só que eu acho que, pelo o que eu entendi, assim, que ela falou, dos últimos tempos, acho que tava tentando e ela não tava querendo fazer o que ele queria, sabe? Daí ele tava ameaçando ela. Dizia que ia fazer a vida dela um inferno, que ela nunca ia aproveitar nada, que ele, como pai, não ia deixar, essas coisas, sabe?”

Segundo relatos da mãe, Bruna sempre fora quieta, mas, ultimamente, tornara-se mais quieta ainda e triste. A mãe de Rubens, segundo Cátia, desconfiava de que alguma coisa

estava errada, porque Bruna estava sempre muito quieta, “às vezes com o olhar meio triste, mas eu jamais ia imaginar que fosse por causa do pai.”

Quando soube do abuso, Cátia contou à sogra, que ficou apavorada, referindo que não tinha mais filho, que seu filho, a partir daquele dia, não contasse mais com ela, que agora ela iria cuidar da nora e das netas: “Ela não tem mais filho, vai fica do lado da neta pro que precisar. Apoiou a Bruna e pediu desculpa pra mim umas duas, três vezes, que não foi assim que ela criou o filho dela. Eu até fiquei com dó dela”.

Cátia não conversou com Rubens, não teve coragem de perguntar o que havia acontecido, por que ele teria feito isso. Depois de ler as cartas e os relatos da filha, Cátia foi à delegacia com Bruna e denunciou o marido. Após a denúncia, Rubens saiu de casa e ficaram alguns dias sem contato. Após algumas semanas, ele ligou, furioso, pedindo a ela que retirasse a denúncia. Então, ela disse: “Mas tu acha certo o que tu fez com a tua filha”. E ele falou: “É, eu não acho certo”. Refere que essas foram as únicas palavras dele. Comenta que, às vezes, envia mensagens via celular pedindo perdão: “Eu não sou ninguém pra perdoar ninguém. Acho que nem é pra mim que ele tem que pedir perdão. Então, se ele fez alguma coisa, tem que pagar”. Para Bruna, o pai dela agora é o avô paterno, que mora ao lado da sua casa.

Reação da mãe frente à denúncia:

Cátia refere que nunca desconfiou do que ocorria. Mesmo com a reação da filha de estar mais triste e quieta, não houve qualquer suspeita. Quando soube, refere que ficou arrasada:

“Deus que me proteja, eu não gosto nem de falar. Fiquei muito chateada, muito triste. Eu não esperava, podia esperar por qualquer uma, né, menos com a minha filha. Ela é a minha filha, acho que não é mais dele, porque um pai que faz isso não tem, eu acho que não tem filha. Os filhos têm que ver os pais como exemplo”.

Cátia comenta que passou por muitas dificuldades após a revelação. Relata que não conseguia dormir, não se alimentava, vomitava e tinha muita insônia. Com isso, emagreceu mais ou menos 10 kg, conforme seu relato: “*Agora to com uma gastrite nervosa*”.

Atualmente, Cátia e Rubens estão separados e o contato deles são as visitas da filha Juliana, porque esta revelou para a psicóloga do fórum que sentia saudades do pai. Chorou, estava triste e disse: “*Mãe, você vai ficar braba se eu quiser ver o pai?*” Cátia respondeu que não ficaria triste, pois a filha tem o direito de ver o pai, já que não aconteceu nada com ela. Como o juiz determinou que as visitas devessem acontecer na presença de um familiar, uma vez por mês, em local público, a mãe sempre acompanha a filha. O pai foi proibido de se aproximar de Bruna, só podendo vê-la caso ela queira e na presença de um familiar.

Cátia refere que, mesmo separada do marido, não conseguiu ter outros relacionamentos:

“Tenho medo de outro relacionamento, porque vai que esta pessoa goste da minha filha. Se o pai faz, por que outros não podem fazer. Não sei se ele tem outra pessoa, mas não quero saber. Agora, ele está morando com um amigo e fica me convidando para ir lá, mas eu não vou. Ele fica falando que estou mais bonita, que estou mais magra e eu fico sem graça e tudo vem na cabeça. Não acredito nele”.

Síntese da Testagem Psicológica

Na primeira sessão do teste TAT, o herói aparece como uma figura negativista, refletindo uma imagem negativa e depressiva de si mesma. As características principais do herói o colocam como triste e sofrido. Segundo Amendola (2004), as mães de crianças com histórico de abuso sexual intrafamiliar podem apresentar sintomas como depressão, medo e dependência.

Apresenta ainda uma baixa autoestima: “*Ela é muito sozinha, precisava de alguém, não tem amiga, e a mãe dela não tem tempo para ela, tem muita coisa para fazer. Então, só resta*

arrumar companhia como amigas, estas podem ajudar ela a ficar melhor. Mas até ela não arrumar amigas, só lhe resta companhia da boneca, esta sim é sua amiga. Esta menina é muito triste, muito deprimida, tem um olhar distante, sofredor” (prancha 7MF).

Por outro lado, há um movimento no sentido de mudar essa situação, surgindo figuras que ficam felizes, que conseguem reconstruir suas vidas. Apresenta um pensamento mágico, que a ajuda a acreditar que o futuro poderá ser melhor. Surge uma vontade de reparação, esperança, reconstrução, tendência à euforia. Conforme conta na prancha 20; *“Está chovendo muito, está ventando muito, as flores estão caindo com toda esta chuva, todos os fios de luz vão cair também. É uma grande tempestade, que vai destruir muitas coisas, as casas, telhados, mas não vai machucar as pessoas. Elas vão sobreviver a esta tempestade. As pessoas vão se recuperar e reconstruir estas casas, todos vão ficar juntos novamente e vão conseguir ser felizes”*.

Nas relações familiares demonstra dedicação aos filhos em detrimento da relação conjugal: *“Os pais ficam felizes quando os filhos estão bem, felizes. Vai dar tudo certo ele merece ser um grande tocadador de violino”* (prancha 1); *“Ela não vai deixar estes filhos viverem, fica grudada neles, mas um dia, quando eles crescerem, eles vão deixar ela. Daí quer só ver, ela vai sofrer”* (prancha 10); *“A mulher está olhando o mar, admirando o mar, como é azul e lindo. Ela está sozinha, não enxerga os homens e eles também não enxergam ela. Agora ela está pensando como é lindo e é alto aquele lugar, como ela gostaria de ficar ali. Mas ela precisa ir para casa antes que fique noite e fique perigoso. Então está na hora”* (prancha 17 MF); *“Ela precisava um companheiro que cuidasse dela, que amasse ela, mas é difícil conseguir isso, mesmo ela sendo uma mulher lutadora. Então, só lhe resta se preocupar com os filhos”* (prancha 8MF).

Na segunda sessão do TAT, Cátia apresentou-se mais resistente, com mais defesas, referindo que *“tudo vai dar certo”*: *“A mulher vai conseguir se livrar dela, da bruxa, e a*

bruxa vai para bem longe, esquecer as pessoas boas e estas vão poder viver livres, sem as maldades que tem por aí” (prancha 12F).

A atenção e a concentração mantiveram-se preservadas durante a avaliação. Cátia mostrou algumas dificuldades em elaborar as perdas, conforme se pode observar no relato da prancha 15: *“Uma menina tão linda de vestido vai ao cemitério rezar pelos familiares falecidos. O pai dela faleceu faz tempo. Ele morreu de câncer e ela vai ao cemitério porque sente falta de conversar com ele. Ela mora agora com a mãe, elas se dão bem, a mãe ajuda ela. A menina reza muito e pede pelo pai para Deus iluminar ele onde estiver, para que ele ficar bem. Ela quer que o pai esteja bem e ele vai ficar com as orações dela”*. Pode-se inferir que essa menina seja ela mesma, resgatando o vínculo com o próprio pai, ou a filha Bruna, orando para que o pai fique bem onde ele estiver.

Como mecanismos de defesa, no TAT evidencia-se, preponderantemente, a negação (*“quando chegou ela estava dormindo nua e ele ficou com medo, porque queria fazer algo que não podia, estava desejando ela, está com medo da tentação. Então, não quer mais ficar ali, vai fugir, porque não tem coragem de fazer mal para ela, ele não faz mal para as pessoas”*, prancha 13 HF; *“são as minhas filhas, estão felizes brincando e eu levando elas para passear. Elas adoram passear. São minhas companheiras, contam todas as coisas delas para mim”*, prancha branca).

Há uma razoável integração do ego com o aumento das defesas. O ego de Cátia está se conciliando com o superego, e este aponta que a mãe tem de cuidar de suas filhas, mas ainda existe ambivalência no cuidado. O relato da prancha a seguir evidencia a importância do cuidado e a ambivalência: *“Ela não vai deixar estes filhos viverem, fica grudada neles, mas um dia quando eles crescerem eles vão deixar ela. Daí quer só ver, ela vai sofrer”* (prancha 10).

Discussão do Caso

Cátia, atualmente, vivencia o conflito de estar perto das filhas e cuidá-las e um desejo inconsciente de ser olhada e ter Rubens de volta. Nas suas relações, buscou a repetição do modelo masculino. O pai era alcoolista e ela retoma e repete este modelo, quando refere que Rubens também é alcoolista. Seu pai, assim como Rubens, foi uma pessoa ausente na vida de Cátia. Pai e marido sem atuação, não cuidaram de suas famílias. Não sabe de situações de abuso, mas o relato é “*nem quero saber*”, ou seja, existe a evitação do reconhecimento dessas situações, o que é confirmado pela situação de abuso da prima.

Houve muita mudança de residência durante sua infância e adolescência, em razão do alcoolismo do pai. É possível relacionar essas mudanças à sua fragilidade para estabelecer relações estáveis, visto que Cátia não conseguia manter vínculos profundos, ou seja, desde pequena abandonava as pessoas próximas, os amigos e a escola, o que resultou na escolha de um companheiro também com dificuldades de vínculos. Mostra-se uma mulher com sentimentos de perda e solidão, por isso muito dependente do marido: “*é que quando a gente gosta, né?*”.

O relacionamento sexual do casal mostra-se disfuncional, com o marido demonstrando um desejo intenso e busca de recursos para satisfação fora do relacionamento, inclusive relatando a ela a existência de relações sexuais extraconjugais. Cátia, por sua vez, demonstra evitação da relação sexual, incomodando-se com a busca constante do marido por sexo.

Apresenta mecanismos de defesa como negação diante da dor e do sofrimento, mecanismos esses evidenciados no TAT e no relato sobre quando encontrou revistas pornográficas em casa e pediu ao marido que as guardasse. Na entrevista, a formação reativa também está presente e se manifesta pela vivência da raiva como medo de Rubens. Cátia conseguiu denunciar Rubens assim que soube do assédio e seu medo tornou-se maior. Desde sua infância, a formação reativa está presente, quando sentia raiva do pai pelas constantes

mudanças, mas só a reconhece como medo. Assim, sua manifestação de raiva mostra-se de forma distorcida.

Na avaliação pelo TAT, observa-se que, em muitas pranchas, o final das histórias mostra que existe um desfecho bom, mas a sua história não leva a isso. Muitas dificuldades e problemas foram e ainda são vividos. Quando nada era percebido, mesmo com indícios presentes e o relato do abuso da prima, aparentemente existia uma vida tranquila, mas quando Rubens bebia, estragava tudo e, com o assédio à filha, estragou ainda mais. Sente-se abandonada, sozinha, com perda do objeto de amor.

O sentimento de culpa está ausente. Visualiza, inclusive, a implicação da filha mais nova, mas não reconhece sua responsabilidade: “*Se o bebê não precisasse tanto, ela poderia ver o que estava acontecendo*”. O sentimento de culpa é uma forma de crescimento, de evolução do indivíduo como pessoa e em relação ao meio que o rodeia (Winnicott, 1983), o que talvez esteja faltando na percepção de Cátia para que ela possa assumir uma postura mais ativa e madura. Esse amadurecimento se manifesta quando Cátia consegue denunciar o marido. Hoje, o papel de mãe está mais pesado do que antes. Cátia mostra que não há investimento, mostra a dor pelo sofrimento da filha e que houve falha na função de mãe, reconhecendo que não foi suficientemente boa. Winnicott (1983) refere que as mães têm de prover cuidado suficientemente bom e cuidar de si mesmas, reconhecendo, assim, a natureza de sua tarefa.

Síntese de Casos Cruzados

O incesto é um dos abusos sexuais que apresenta consequências às vítimas; é considerado uma violação ao direito da pessoa a uma convivência familiar protetora, ultrapassando os limites estabelecidos pela família, pela cultura e pela sociedade. O incesto é definido como o contato sexual entre pessoas que tenham um grau de parentesco, incluindo

padrastos, tutores ou qualquer pessoa que assuma a função dos pais (Flores & Caminha, 1994). Nos três casos apresentados, o incesto está presente, em dois foi exercido pelo pai biológico e em um, pelo pai adotivo, ainda que neste caso também fique evidente a existência de abuso com a filha biológica mais velha do casal, que foi quem reconheceu o abuso da irmã mais nova e denunciou o pai. Dois casos foram confirmados pelo exame físico e resultaram no aprisionamento do abusador. Um deles não teve comprovação física, pois o abuso caracterizava-se, eminentemente, por *voyerismo* e por carícias inadequadas. Não houve punição ao agressor, mas pode-se considerar a confirmação do abuso pelo relato da vítima nas cartas e pela aceitação das acusações pelo abusador. Esses dados revelam a preponderância da punição nos casos de abuso com dano físico.

Além das situações de abusos sexuais, as famílias das participantes também evidenciam a presença de outros tipos de violência, como física e psicológica. São relatadas humilhações, agressões e também a coação sexual no próprio relacionamento conjugal. Nesse sentido, trata-se de famílias permeadas pela violência em diferentes ordens, o que propicia pensar no fenômeno de naturalização (Renner & Slack, 2006), fenômeno que leva a uma maior aceitação da violência como parte inerente dos relacionamentos.

Outros aspectos comuns às vivências das participantes são a presença de conflitos familiares, rigidez e falta de afeto com a figura materna e ausência ou fragilidade da figura paterna em suas famílias de origem. Seus pais eram passivos e submissos e as mães, mais rígidas e controladoras. Tais experiências não propiciam a convivência com modelos de identificação saudáveis, nos quais elas possam se espelhar ao desempenhar os papéis parentais e conjugais.

Na relação conjugal, seus parceiros também se mostram ausentes como esposos, quando se ausentam dos lares à procura de uma satisfação, por meio da bebida ou de outras mulheres. Essa fragilidade e falta de cuidado vivenciados na família de origem podem ter levado a

escolhas conjugais insatisfatórias, assim como propiciado que essas mães tivessem dificuldade de cuidar de suas filhas.

Assim, percebe-se que as famílias incestuosas são bastante disfuncionais e que apresentam dificuldade de prover proteção e cuidado em razão da violência perpetuada durante as gerações. Deve-se, assim, levar em consideração as histórias dessas mães que também foram de negligência, de dificuldades experienciadas e abandono por parte de seus pais. Os relatos das mães referem que houve dificuldade e distanciamento nas relações familiares.

Gauer, Machado e Scherer (2006) pontuam que a família é doente quando não estabelece a proteção devida aos filhos, permitindo que o abusador fique em contato com a criança dentro da própria casa, mantendo, assim, o segredo sobre o abuso. Pelos relatos das mães, constata-se que em todos os casos houve uma série de indícios de diferentes situações abusivas no seio da família. As falas das mães apontam que elas percebiam esses indícios e talvez até soubessem o que acontecia, mas não “queriam” ou “não conseguiam” tomar consciência e agir: *“Não vou negar que talvez eu já soubesse... Acho que eu já sabia, mas eu negava, eu não queria ter certeza do que era, sabe?”* (Silvana).

Mesmo suspeitando dos maridos, elas se mantêm caladas, instituindo a lei do silêncio e o segredo familiar, que, segundo Gauer, Machado e Scherer (2006), pela estrutura negadora de realidade que vai se constituindo, impede que a criança verbalize a situação pela qual está passando. A negação ficou evidente nos três casos, visto que as mães não conseguiram impedir o incesto. Elas impedem que a dor venha à tona até o momento da denúncia. O vínculo com os companheiros após a denúncia continua e, nos três casos, as mães não apresentam agressividade dirigida a eles; pelo contrário, como afirma Amendola (2004), elas os veem como doentes, dignos de pena e cuidado, muito mais do que de punição.

Essas constatações levam à ideia de que o funcionamento e a dinâmica das mães nos casos apresentados podem, inconscientemente, ter estimulado o incesto (Habigzang *et al.*, 2005). Segundo Freud (1913/1974), a proibição do incesto tem um efeito estruturante na personalidade. Nos casos de abuso sexual incestuoso, o conflito original não foi resolvido e os processos de separação e individuação não se estabeleceram adequadamente.

É importante considerar que, após a revelação, a convivência da família continua a existir, mas o incesto provoca sérias alterações na dinâmica familiar. É necessário analisar essa relação familiar, pois muitas vezes as mães são acusadas de cumplicidade; contudo, é preciso entendê-las e considerar que essas mulheres são mães que precisam de ajuda. As três mulheres que participaram do estudo descrevem-se como extremamente dependentes dos companheiros. Tendo suas vidas pautadas pelo vínculo com o parceiro conjugal, com um *self* fragilizado e espelhado pelo *self* do companheiro, elas se sentem impossibilitadas de romper o relacionamento. Muitas vezes, a dependência também vai além da emocional, porque elas dependem financeiramente dos parceiros. Esse não era o caso das participantes deste estudo, que pautavam a dependência pelo amor que sentiam por seus companheiros: “*sempre amei muito este homem*” (Silvana); “*Aquela vez, nós quase separemo, mas daí ficemo um tempo, assim, meio longe, né? Mas daí voltemo. Eu me arrependo tanto. Se soubesse o que ia acontecer com a minha filha, eu não tinha nem voltado. Mas é que quando a gente gosta, né?*” (Cátia).

Mesmo assim, todas, no momento em que a denúncia se configurou, de alguma forma se mostraram protetoras, dedicando-se ao cuidado das crianças. Os primeiros cuidados são importantes para criança e, de certa forma, essas mães, de acordo com suas devidas condições, entenderam as primeiras necessidades da criança e posicionaram-se acolhendo e priorizando a relação parental em detrimento da conjugal.

O sentimento de culpa é uma reação que está presente em dois dos casos analisados. A carga emocional experimentada pelas mães deve-se muitas vezes a não terem conseguido proteger essas crianças e, também, pelo medo de perder o amor dos filhos. Gauer, Machado e Scherer (2006) referem que o sentimento de culpa ocorre quando existem o silêncio e pressões para não revelar o abuso, culpa desencadeada pelo prazer físico e aversivo do ego e pela vergonha em razão do abuso. Pode o sentimento de culpa também estar ligado ao sentimento de ódio que elas sentem pelos pais, gerando um sentimento ambivalente porque são figuras parentais.

Nos três casos analisados fica clara a ambivalência, na medida em que as mães amam, mas, ao mesmo tempo, odeiam os agressores, e também as crianças. A estrutura familiar foi alterada em virtude do incesto, que gera vergonha perante a sociedade. A ansiedade também é manifestada porque a situação que estão vivenciando, que as obriga a lidar com o novo, com as mudanças, a insegurança, a impotência e o desamparo. As mães sentem-se culpadas por não conseguirem lidar com as novas situações, o que surge na forma de incapacidade por não terem conseguido impedir o incesto e não terem controlado os acontecimentos. Somente em uma das mães não se observou sentimento de culpa, a qual, inclusive, atribui à filha mais nova uma demanda de trabalho que a impossibilitou de identificar o abuso.

Sentimentos de solidão e abandono são unânimes. Elas se colocam como se não tivessem ninguém, como se estivessem abandonadas. Os maridos eram as âncoras para o sentimento de solidão delas, que este já existia desde a infância. Querendo ser protegidas pelos maridos, dependentes emocionalmente deles e sem um modelo de identificação saudável de mãe, mostram-se distantes dos filhos, que chegam a ficar com os pais como cuidadores primários. Abre-se, nesses casos, a possibilidade de o incesto acontecer. Não há possibilidade de separação sem interdito.

Autores, como Amendola (2004), buscam identificar características no comportamento e no discurso das mães que se mostram como protetoras e nas que se apresentam de forma mais ambivalente. No caso das “protetoras”, verifica-se que elas se apresentam aflitas, culpadas e necessitadas de acolhimento e orientação, o que seria compatível com as experiências das mães dos casos 1 e 3. Essas mães se contrapõem às “não-protetoras”, que se apresentam relutantes em se separar do marido, desacreditando no relato ou no sintoma da criança e apresentam falta de cuidado aos filhos vítimas de violência sexual. Isso seria compatível com o relato da mãe do caso 2, que, inclusive, perdeu a guarda das filhas para a irmã por ter se encontrado com o companheiro em companhia das filhas, mesmo estando impedida judicialmente de tomar essa atitude. Ainda que essa classificação seja, de certa forma, possível, com vistas à reação materna perante o abuso das filhas, parece que, pelos dados obtidos na avaliação das mães, em todos os casos se identificam ora atitudes protetivas, ora não protetivas, talvez sendo mais característica a ambivalência dessas mulheres do que posições mais fixas de um lado ou outro. Elas se sentem motivadas a acolher as filhas e protegê-las, mas demonstram intensa dificuldade em reconhecer o abuso e romper com o companheiro, estabelecendo um limite de interrupção da situação abusiva, o qual não conseguiram estabelecer desde que viviam a conjugalidade.

Constata-se uma falha na construção narcísica, derivada, provavelmente, já das primeiras relações objetais. Como referido anteriormente, Silvana e Cátia não foram cuidadas; os pais eram ausentes e as mães rígidas, assim não havendo continência. Ninguém pode dar aquilo que não teve. A falta de vínculos, de carinho e cuidado que ambas vivenciaram foi “transferida” aos seus filhos. No entanto, de nada serve ficar responsabilizando as vivências precoces pela inatividade materna e pela falta de proteção. Esse dado serve para que se planejem futuras intervenções com as mães de vítimas de incesto, auxiliando-as na sua constituição como figura materna.

SEÇÃO II – ARTIGO TEÓRICO

A FAMÍLIA INCESTUOSA: DO SILÊNCIO À POSSIBILIDADE DE REVELAÇÃO

RESUMO

O incesto constitui-se em uma prática criminosa em nosso contexto social. Ainda assim, pesquisas revelam que a maior parte do abuso sexual contra crianças e adolescentes ocorre no âmbito doméstico, perpetrada por familiares, configurando-se como prática incestuosa. Protegido pelo segredo familiar, o incesto apresenta-se como uma prática sexual de difícil reconhecimento, sendo comum que a denúncia demore a ocorrer ou, em alguns casos, nem aconteça. Algumas características das famílias incestuosas também contribuem para a ocorrência do abuso e para sua manutenção. A partir de uma revisão assistemática da literatura, com base em livros e artigos científicos nacionais e internacionais, elaborou-se o presente artigo teórico, com o objetivo de descrever as características de famílias incestuosas. São apresentadas as características dos abusadores, das vítimas, dos progenitores não abusivos e das relações nas famílias incestuosas. Ao final, propõe-se uma reflexão sobre a possibilidade de revelação e denúncia.

Palavras-chave: Incesto, Família incestuosa, abuso sexual infantil, denúncia.

THE INCESTUOUS FAMILY: FROM SILENCE TO THE POSSIBILITY OF REVELATION

ABSTRACT

Incest constitutes in a criminal practice in our social context. Still, polls reveal that the majority of the sexual abuse against children and adolescents occurs at home, perpetrated by family members, configuring it as incestuous practice. Protected by family secrecy, incest is presented as a sexual practice difficult to recognize, being common that the complaint delay to occur, or in some cases, not even happens. Some characteristics of incestuous families also contribute to the occurrence of abuse and for its maintenance. From an unsystematic review of literature on the basis of national and international scientific books and articles, we elaborated this theoretical paper, in order to describe the characteristics of incestuous families. It is presented the characteristics of abusers, victims, the non-abusive progenitors and the relationships of incestuous families. In the end, it proposes a reflection on the possibility of revelation and denunciation.

Keywords: Incest, Incestuous family, child sexual abuse, denunciation.

INTRODUÇÃO

A família passa por diversas fases ao longo do ciclo da vida. Durante essas fases, conflitos poderão aparecer e serão solucionados conforme ela apresente recursos adequados e suficientes, os quais são construídos no contexto da família atual e também pela forma como as gerações anteriores desta mesma família resolveram seus conflitos (Penso, Costa & Ribeiro, 2008). Um dos critérios para o desenvolvimento saudável da família é um relacionamento de qualidade entre seus membros, considerado como favorecedor de um bom desenvolvimento emocional dos filhos. Ainda que, atualmente, a família seja considerada como, pelo menos, um dos progenitores e seus descendentes, considera-se que a saúde familiar independe das configurações que ela possa apresentar (Wagner, Mosmann, Dell'Aglio, & Falcke, 2010). Dessa forma, a família pode favorecer a formação de pessoas saudáveis, emocionalmente estáveis e equilibradas, ou também propiciar sentimentos de insegurança e desequilíbrios (Szymansky, 2000).

Segundo Marques, Amparo e Faleiros (2008), a família é a responsável pela construção do processo educativo passado de geração para geração, por meio de valores que vão sendo transmitidos e internalizados pelos filhos. Quando a família não apresenta um alicerce adequado, em virtude da presença de violência e abuso, sua identidade passa a se constituir a partir de relações contraditórias, que envolvem, ao mesmo tempo, cuidados e falta de proteção.

A identidade familiar apresenta-se em forma de mito. O mito familiar é a forma de proteção para que a família não se desestruture, evitando a dor e o conflito e protegendo contra as dificuldades e verdades dolorosas que podem aparecer ao longo da vida, mantendo dessa forma uma organização ((Penso, Costa & Ribeiro, 2008). As famílias, muitas vezes, negam que determinadas situações graves ocorram dentro do seio familiar, como é o caso do

incesto, que pode ficar mascarado, tornando-se um segredo familiar (Oliveira & Ramos, 2008). É como se, nas famílias incestuosas, a interdição ao incesto se deslocasse para a palavra: é proibido falar. Cria-se, então, uma tirania interna baseada na lei do silêncio e o mito familiar funciona como protetor do ambiente, garantindo a discrepância entre a imagem que a família mostra ao ambiente exterior e o que ocorre no seu interior (Perrone & Nannini, 2007).

Nesse sentido, observa-se que existem características que são típicas da forma de funcionamento de famílias incestuosas. Qual é o papel que cada um dos membros desempenha nesses núcleos? Quais são as características mais marcantes, descritas na literatura, de vítimas, abusadores e do progenitor não abusivo? Como se configuram as relações nesses núcleos?

Buscando responder a esses questionamentos, com base numa revisão assistemática da literatura, incluindo livros e artigos científicos nacionais e internacionais, acessados por meio das bases de dados Academic Search Premier, BVS-Psi, ISI Web of Science, Lilacs e Scielo, elaborou-se o presente artigo. Com vistas a descrever pesquisas com famílias incestuosas, foram utilizados os seguintes descritores: “incest and family” e “sexual abuse and family”.

Violência e Incesto

Mesmo desenvolvendo uma teoria mais centrada nos processos intrapsíquicos do indivíduo, Freud (1913/1974) apresenta em seus escritos a importância das primeiras relações parentais para a constituição psíquica e a introjeção das regras civilizatórias, como se pode observar em *Totem e Tabu*. Segundo o autor, as normas legais e os cuidados nas relações humanas foram se desenvolvendo mesmo antes da criação das leis. O fundamental era a convivência entre as pessoas e foram sendo instituídos parâmetros de conduta com vistas à preservação da espécie, como a proibição do canibalismo e a proibição do incesto.

Mesmo diante da proibição do incesto, ainda se constata que a prática do abuso sexual contra crianças e adolescentes, na maioria das vezes, ocorre no meio familiar, fato que contribui para que a denúncia demore a vir à tona ou, em alguns casos, nem aconteça. Portanto, o incesto apresenta-se como uma prática de abuso sexual de difícil reconhecimento.

As divergências no que diz respeito ao significado de incesto, na própria psicanálise, quanto a biologia x psiquismo, são polêmicas. No entanto, Azevedo (2001) considera que, mais do que os laços sanguíneos, o que importa é a função que o abusador ocupa na vida da vítima. Nesse contexto, há que se pensar que um padrasto, no qual a enteada depositou a sua confiança, pode ser visto como pai. Se desse padrasto ela espera carinho e o que ganha é sexo, tal situação pode ser configurada como um incesto, ainda que ele não seja um progenitor biológico.

Portanto, Amazarray e Koller (1998) referem que o incesto é qualquer contato sexual que ocorre entre pessoas que tenham grau de parentesco, incluindo-se padrastos, tutores e qualquer pessoa que venha a assumir o papel dos pais. Dessa forma, as relações incestuosas são aquelas praticadas entre pessoas que a lei proíbe de se casar e entre pessoas que estejam ligadas por um forte vínculo familiar. A violência sexual doméstica, portanto, é uma violência de natureza incestuosa, pois geralmente os abusadores são membros da família (Flores & Caminha, 1994).

Segundo Habigzang, Koller, Azevedo e Machado (2005), alguns dos fatores de risco para as famílias incestuosas são a presença de padrasto na família, o abuso de álcool ou drogas, o desemprego, mãe passiva ou ausente, pais desocupados e cuidando dos filhos por longos períodos de tempo e dificuldades econômicas. Esses indicadores confirmam os fatores de risco identificados por Amazarray e Koller (1998) ainda na década passada, os quais são: pai ou mãe abusado ou negligenciado na família de origem, pai ou mãe alcoolista, pai autoritário ou moralista, mãe passiva ou ausente, cônjuges com relacionamento sexual

inadequado, presença de padrasto ou madrasta, pais que acariciam demais seus filhos ou exigem carícias demasiadas, pais que permanecem muito tempo sozinhos com os filhos e filhas que desempenham papel de mães.

Considerado como abuso sexual intrafamiliar, o incesto acontece dentro da própria família e, algumas vezes, na própria casa da criança. Ademais, esse tipo de violência geralmente ocorre mais de uma vez, podendo se estender por anos, uma vez que é praticado por uma pessoa próxima, que assume ser responsável pelo cuidado da criança (Caminha, 2000; Habigzang & Caminha, 2004). Na maioria dos casos, o abuso é perpetrado por pessoas que desempenham o papel de cuidador, sendo afetivamente próximas da criança ou do adolescente (Cohen & Mannarino, 2000; Habigzang & Caminha, 2004; Koller & De Antoni, 2004).

Dias (2006) refere que o incesto é assinalado como um crime que inicia com afeto, cuidados e relações de confiança e, por meio dessas relações, propicia práticas de aproximações em forma de carinhos, toques e carícias, percebidos pela criança como demonstrações de amor, mas que possuem caráter eminentemente sexual para o abusador. Como se caracterizam, então, as pessoas que cometem o incesto?

Características do abusador

Ao contrário do que se costuma pensar sobre o padrasto como sendo quem mais comete o abuso sexual intrafamiliar, o estudo realizado por Cohen e Gobetti (2001), com 84 casos atendidos no Centro de Estudos e Atendimento Especializado nas questões Referentes ao Abuso Sexual Intrafamiliar (CEARAS), em São Paulo, identificou o pai biológico como principal abusador, envolvido em 38,53% dos casos; o padrasto ficou em segundo lugar, com 18,18% das ocorrências. Outros familiares, como tios, avós, irmãos, primos, mães, irmãos, cunhados e padrinhos, também foram citados como abusadores.

Há controvérsias na literatura sobre o perfil do abusador. Enquanto alguns autores consideram que ele possui capacidade de discernimento, de alerta, de discriminação da lei, da sociedade e da responsabilidade, sendo suas perseguições sexuais parte de uma construção voluntária e consciente (Perrone & Nannini, 2007), outros o consideram como doente mental e perverso, como um sujeito que não tem condições de reconhecer suas emoções e pensamentos (Fuks, 1998).

Mais unânime é a constatação de que a imensa maioria dos abusadores foi vítima de abuso na infância ou na adolescência (Banyard, Arnold & Smith, 2000; Cecconello, 2003; De Antoni, Barone & Koller, 2007; Dunn, Mezzich, Janiszewski, Kirisci & Tarter, 2001; Falcke, 2006; Kamsner & McCabe, 2000; Mendlowicz & Figueira, 2007; Roy, 2001). A transmissão transgeracional da violência e do abuso sexual ocorre pela repetição do abuso sexual vivenciado, como um processo de identificação com o agressor. Cecconello, De Antoni e Koller (2003) referem que existe o ciclo da violência, visto que os agressores tendem a repetir comportamentos vividos na infância com suas vítimas. Ao mesmo tempo, é necessário não generalizar esse fato, pois nem todas as pessoas que sofreram algum tipo de agressão na infância tornam-se agressoras, em razão de fatores como a resiliência, pela qual o indivíduo consegue superar suas dificuldades buscando alternativas para lidar com os fatores estressantes (Cecconello, De Antoni & Koller, 2003). Nesse sentido, quando as pessoas que sofreram violência na infância recebem atendimento adequado, pode haver um rompimento do ciclo de repetições, vivenciando, dessa forma, um novo olhar sobre as vítimas e criando uma forma de proteção para com os filhos envolvidos (Penso & Neves, 2008).

Segundo Perrone e Nannini (2007), com relação ao perfil do agressor, é necessário salientar ainda que ele pode ocupar duas posições distintas:

- a) Postura reservada, suave, pouco viril, aparentemente pudico e moralista, enviando uma mensagem de fragilidade. Nos relacionamentos, mostra-se submisso e inspira

ternura, simpatia e desejo de proteção. É capaz de obter o reconhecimento e a confiança das pessoas que o rodeiam, muitas vezes tornando-se ótimas opções como cuidadores das crianças. Como abusador, não faz a criança sofrer, levando-a a se apegar, inocentemente, à relação abusiva.

- b) Posição agressiva, desejo de controle, submissão dos outros e conquista. Mais expansivo, faz alarde de sua força e virilidade de um modo até caricaturesco. Deprecia as leis e não possui sentimento de culpa ou remorso. Os abusos ocorrem na forma de injúrias e humilhações, colocando as vítimas sempre em posição inferior. Caracteriza-se por um comportamento ousado e sem escrúpulos, exigindo que as vítimas participem e gozem sexualmente em troca de presentes ou dinheiro.

Contribuindo com a descrição do perfil de abusadores, Marques, Amparo e Faleiros (2008) identificam, por meio de um estudo de caso, características como rebaixamento do controle interno, empobrecimento nos relacionamentos interpessoais, baixo nível mental, avidez oral de caráter sádico e dificuldade de adaptação com certo afastamento da realidade. O caso descrito pelas autoras reflete características observadas em um estudo mais amplo realizado com abusadores incestuosos aprisionados, o que permite pensar que sejam características de um número maior de abusadores sexuais.

Destaca-se, portanto, que, ainda que algumas características possam ser pontuadas, há controvérsias na literatura, especialmente com relação à consciência dos atos abusivos. Nesse sentido, não é possível traçar um perfil padrão para os abusadores, mas existem características psicológicas que precisam ser investigadas nas intervenções com famílias incestuosas.

Características da vítima

As vítimas geralmente são crianças (5 a 10 anos) e, em sua maioria, meninas (Caminha, 2000; De Antoni & Kolller, 2002; Habigzang *et. al.*, 2005; Sanderson, 2005). Perrone e

Nannini (2007) referem que, ainda que o abuso inicie na infância, a ocorrência com penetração costuma ocorrer concomitantemente ao ingresso na adolescência.

Dividida entre o amor que sente pelo progenitor e o ódio diante da violência física e emocional que este pratica, a criança demonstra ambivalência afetiva. Diante desse tipo de violência, ela não vivencia adequadamente a situação edípica, pois o lado da fantasia é interrompido de forma abrupta, impedindo-a - diante da saída encontrada para o complexo - de se descobrir como ser único e desejante, como aconteceria se seu desenvolvimento se processasse de forma saudável (Azevedo, 2001).

Nesse seguimento, é notório que

as crianças, quase todas, sem exceção, brincam com a idéia de ocupar o lugar do progenitor do mesmo sexo, para tornar-se o cônjuge do sexo oposto, isto, sublinhe-se, apenas em imaginação. Na realidade elas não queriam nem poderiam dispensar a ternura, sobretudo a ternura materna. Se, no momento dessa fase de ternura, se impõe a criança mais amor ou um amor diferente do que elas desejam, isso pode acarretar nas mesmas conseqüências patogênicas (Ferenczi, 1992, p. 56).

A experiência secreta do abuso sexual prejudica a capacidade das crianças de criar relações profundas e de confiança com o mundo exterior, levando-as a se manterem mais isoladas e distantes da rede social. A vergonha é um sentimento frequente, que contribui para o isolamento. Crianças e adolescentes fantasiam que os outros podem perceber em seus rostos o abuso sofrido, que adivinham o segredo só ao olhá-las e que ninguém é capaz de compreender seus conflitos (Perrone & Nannini, 2007).

Conforme Nogueira e Pereira de Sá (2004), quando ocorre o incesto, a criança se depara com muitos conflitos, já que o adulto genitor, ao invés de ajudá-la a reprimir suas pulsões, transmite-lhe a idéia de que deve obedecer ao seu próprio desejo. A criança não possui maturidade física e psíquica para a relação sexual, deparando-se, assim, com conflitos, como

pânico, medo e fobias relacionados à sexualidade. Muitos outros sintomas são descritos na literatura como consequência das situações de abuso sexual intrafamiliar, entre os quais: fobias, ansiedade e depressão (Habigzang *et. al.*, 2008; Junqueira & Deslandes, 2003; Pfeiffer, & Salvagni, 2005), enurese (Junqueira & Deslandes, 2003), autopercepção distorcida e autoestima rebaixada (Matias, 2006; Scortegagna, & Villemor-Amaral, 2009), presença de crenças distorcidas de culpa (Habigzang *et. al.*, 2008), dificuldades de gerir emoções negativas (Pavio & Laurent, 2001), condutas erotizadas, busca precoce de parceiro sexual e sedução caricaturizada frente ao adulto (Amazarray, & Koller, 1998; Perrone & Nannini, 2007), baixo rendimento escolar (Habigzang *et. al.*, 2008), psicose e personalidade antissocial (Winnicott, 1983), transtorno de personalidade múltipla, com possibilidade de comportamento autodestrutivo e até suicida (Pfeiffer, & Salvagni, 2005).

Além disso, Amazarray e Koller (1998) ressaltam que, mesmo no caso de algumas crianças que não apresentem sintomas externos, ou esses sejam de pouca relevância, isso não quer dizer que ela não sofra ou não venha a sofrer com os efeitos dessa experiência. O sofrimento pode se manifestar de forma emocional e, dessa forma, ser muito intenso, e as consequências podem permanecer latentes, talvez se manifestando posteriormente, quando diante de uma crise evolutiva ou situacional e diante do estresse. Assim, segundo as autoras, a criança que sofre abuso sexual deveria ser considerada uma criança em situação de risco.

Na família, a vítima de abuso sexual tem posição dupla: por um lado, é sacrificada, em vista da violência que sofre, mas, por outro, é privilegiada pelo abusador. Essa posição dupla, além de gerar confusão, coloca-a em um espaço central e de responsabilidade na dinâmica familiar. Como lhe foi designado o papel de “salvadora da família”, acredita que dela depende a coesão e a felicidade familiar, o que lhe gera uma sobrecarga de responsabilização (Perrone & Nannini, 2007).

Percebe-se, na literatura, uma ênfase na descrição de possíveis sintomas advindos das situações de abuso sexual. Assim, muitas das referências às características das vítimas de abuso são pautadas pela sintomatologia que ela possa apresentar. Poucos foram os dados encontrados com relação ao seu papel na dinâmica familiar e às suas características pessoais.

Características do progenitor não-abusivo

Como, na maioria dos casos, o abuso familiar é perpetrado por pais e padrastos, consideraremos, neste estudo, progenitor não abusivo como sendo a mãe, ainda que seja sabido o quanto, muitas vezes, o abuso é efetuado pela mulher, na posição de cuidadora.

Assim como ocorre com os abusadores, muitas das mães de crianças vítimas de abuso sexual também sofreram violência na infância e acabam elegendo como companheiros homens transgressores. A cumplicidade com seus companheiros permanece por meio de uma relação silenciosa, sustentando um comportamento de omissão diante do ocorrido com seu/sua filho/a. Esse fenômeno transgeracional, por meio de uma repetição, demonstra que as mães estão comprometidas com sua própria história de abuso na infância e, por intermédio dos seus companheiros, perpetuam a situação de abuso em razão do silêncio e da omissão (Nogueira & Pereira de Sá, 2004).

Estudos dão conta de que mães com histórico de abuso sexual na infância sofrem uma reexperiência da sua própria vivência passada ao tomar ciência do abuso praticado com suas crianças (Green *et. al.*, 1995; Hiebert-Murphy, 1998; Leifer *et. al.*, 2004). O sofrimento delas retrata um reflexo do efeito do abuso sofrido no passado, associado a sentimentos de culpa por não conseguirem proteger os filhos (Oates *et. al.*, 1998).

Considerando a relação entre o histórico de abuso sexual em mulheres e a satisfação conjugal, Leifer, Kilbane e Kalick (2004) demonstram que a insatisfação no relacionamento com o companheiro é muito maior nas que sofreram abuso. Outra pesquisa revelou ainda que

mulheres com história de abuso sexual na infância e que demonstraram insatisfação conjugal apresentam uma maior dependência emocional no relacionamento com suas crianças, em uma clara inversão de papéis (Alexander, Teti & Anderson., 2000), o que evidencia que o histórico de abuso se correlaciona não só com a conjugalidade, mas também com a dimensão da parentalidade. Corroborando tal perspectiva, em uma análise comparativa das habilidades parentais em mães com e sem história de abuso sexual na infância, Cohen (1995) identificou que a vivência de abuso influenciou negativamente nas habilidades que concernem à maternidade, havendo uma maior dificuldade das mães abusadas de manter uma comunicação livre e aberta com suas crianças. Estudos demonstram ainda que a experiência de abuso no passado e a falta de esclarecimento das mães no que diz respeito à educação sexual conduzem a que haja uma tolerância exacerbada a atos violentos e bizarros dentro dos lares (Amendola, 2004; Flores & Caminha, 1994).

Nesse sentido, entender certas atitudes das mães implica resgatar a sua história de vida. Com trajetórias caóticas, perpassadas por abandonos e violências (Farinatti *et al.*, 1993; Padilha & Gomide, 2004), a maioria das mães denota carências afetivas, instabilidade no que tange aos cuidadores primários e pouco apoio social (Amendola, 2004; Farinatti *et al.*; 1993; Leifer *et al.*, 2001; Leifer *et al.*, 2004).

Destaca-se ainda que, na relação conjugal, essas mulheres são muito atenciosas com o companheiro, numa tentativa de prevenir agressões. Demonstram medo, dependência afetiva e financeira de seus companheiros e se submetem às ordens da família de origem, com obediência aos pais, transferindo tal postura para a relação conjugal, com vistas a evitar conflitos (Amendola, 2004).

Além disso, é característico das mães de crianças abusadas permitir que outros tomem a maior parte das decisões importantes, subordinar suas necessidades às dos outros, relutar em fazer exigências às pessoas das quais são dependentes, ter medo exagerado da solidão e de

serem abandonadas, demonstrar capacidade limitada na hora de decisões, bem como sentimento de desamparo e, de alguma forma, de incompetência. Tais características deixam clara a dependência emocional da mãe, pela necessidade de se sentir ligada a determinada pessoa (Amendola, 2004).

A depressão também é outro dado significativo que se apresenta como característica nas mães de crianças abusadas (Hammen, 2003). Nesse sentido, a escuta de mães de crianças vítimas de incesto tem evidenciado que, desde crianças, elas não tiveram sua palavra acolhida e ratificada por seus cuidadores. Sem ter sido efetivamente ouvidas e atendidas como filhas, essas mulheres, ao se tornarem mães, apresentam dificuldades de estar próximas e acolher os filhos.

Características das relações em famílias incestuosas

Em âmbito familiar, o incesto desencadeia-se e se mantém obedecendo a uma complexa dinâmica. O abusador, quase sempre, aproveita-se de seu papel de cuidador, da confiança e do afeto que a criança ou o adolescente tem por ele para, sutilmente, iniciar o abuso sexual. Segundo Nogueira e Pereira de Sá (2004), o contato da criança com abusador inicia na forma de relação de confiança, ternura e carinho, por se tratar de uma relação de dependência afetiva e psicológica estabelecida entre ambos. Em virtude dessa ligação de carinho, a vítima muitas vezes não consegue perceber que a interação sexual é abusiva, logo, não conta para ninguém. Quando essa prática se torna mais explícita, com a criança percebendo que é uma violência, têm início as barganhas e ameaças para que o abuso se mantenha em segredo (Habigzang *et al.*, 2008). Esse segredo, na maioria das vezes, mantém-se por anos (Furniss, 1993; Habigzang & Caminha, 2004; Habigzang *et al.*, 2005), demonstrando que a criança, em situação de vulnerabilidade, acredita nas ameaças e passa a crer que é culpada pelo abuso, sentindo vergonha e medo de contar o fato à família e de ser punida, instaurando a lei do

silêncio. Assim, aceita e adapta-se à situação de abuso e ao silêncio, acreditando que com tal procedimento manterá a estabilidade nas relações familiares (Cohen & Mannarino, 2000).

Outro fator que pode explicar a lei do silêncio nas famílias nas quais ocorre o incesto é o fato de que o abuso pode funcionar, em alguns casos, como mantenedor da própria família. Nesse contexto, a filha satisfaz às necessidades e insuficiências da relação conjugal dos pais, suprimindo os anseios sexuais do pai dentro da própria casa. Demonstra-se, assim, muitas vezes uma justificativa para o silêncio e cumplicidade das mães, as quais se afastam das filhas quando estas buscam denunciar o incesto (Azevedo, 2001). Confirmando essa dinâmica, pesquisas revelam que são frequentes os conflitos sexuais entre o casal nas famílias incestuosas (Amendola, 2004; Araújo, 2002; Leifer, Kilbane & Gossman, 2001), não sendo raro que o papel de esposa seja repassado para a filha (Farinatti, Biazus & Leite, 1993; Pfeiffer & Salvagni, 2005). Constata-se, desse modo, que nas famílias em que acontece o abuso sexual de forma incestuosa há o rompimento das fronteiras intergeracionais no que tange ao funcionamento familiar, evidenciando-se uma inversão de papéis, pela qual a criança, dependente estrutural, está no lugar de parceiro pseudoigual no relacionamento sexual inadequado com o abusador (Furniss, 1993).

Corroborando tais postulados, segundo Dias (2006), na família incestuosa o segredo do abuso sexual contra crianças e adolescentes está bem guardado, protegido por um manto de silêncio. O abusador passa a cobrar da vítima o silêncio e a cumplicidade, responsabilizando-a pela estrutura da família. A vítima teme as ameaças, teme que o abusador mantenha relações incestuosas com ela e com os irmãos, teme a destruição da sua família, tem receio de ser afastada de casa e de ser acusada de ter seduzido o agressor. Por tudo isso, encobre com todo empenho esse segredo, o que dificulta a denúncia.

Por essas razões, há casos em que o segredo só vem à tona quando a vítima já se encontra na puberdade, ou até na fase adulta. Torna-se penoso e difícil para a criança saber

em quem confiar depois de ter sido abusada, no seu próprio lar, por uma pessoa em quem depositava confiança e amor. O pai, que deveria zelar pela criança, no lugar da lei, exerce o seu papel de forma totalmente contrária. Nesse passo, há que se ter por base que *“não há espaço para a lei enquanto interdição do gozo. A criança é colocada unicamente como causa de prazer, objeto de uso de um pai perverso”* (Azevedo, 2001, s/p).

Nesse entendimento,

o pai incestuoso ocupa o lugar da permissividade, da violência, da pulsão de destruição, através de uma ruptura vital, libidinal, decisiva e podendo ser na maioria dos casos irreversível, tanto na dimensão do gozo, quanto na dimensão do castigo, da sanção, da culpa (Pizá, 1999, p. 15).

A partir de tal constatação, fica-se diante de uma criança impedida de se desenvolver de forma saudável nos níveis sexual, social e moral. Segundo Pizá (1999), a criança suporta o incesto, percebendo amor e carinho nessa prática cruel, podendo o incesto continuar sendo, em alguns casos, uma defesa do conflito edípico, surgindo uma ambivalência de seus sentimentos identificatórios.

Situações de abuso sexual trazem em seu bojo uma relação de dominação, uma vez que a criança apresenta poucas condições de reagir quando está sob o domínio do abusador. Nesse processo, perpetua-se uma dominação psicológica, visto que a vítima participa dos atos enquanto dominada; logo, não tem responsabilidade sobre tal (Faleiros, 2000). Por sua vez, quem abusa demonstra seu poder por meio de controle hostil e agressivo (Koller & De Antoni, 2004).

Vale ressaltar que o que caracteriza o incesto é o fato de ser consumado, geralmente, sem o uso da força física, e sim pelo poder, pela coação e/ou sedução, de modo que não deixa marcas físicas nas vítimas, o que muitas vezes torna difícil a identificação de tal evidência.

Em geral, o abusador age a partir do momento em que sutilmente conquista a confiança da vítima, o que é facilitado por se tratar de alguém da família. Dessa forma, os contatos, aos poucos, vão se tornando mais íntimos, passando de um carinho e afago, à relação sexual genital, oral ou anal (De Antoni & Koller, 2002; Pires, 2000). Esse afago, esses contatos e as aproximações podem ser vistos pela criança como uma atenção que lhe está sendo dispensada (Pfeiffer & Silvagni, 2005); por isso, o abusador, com seu poder e força física, condiciona a criança ou adolescente a situações para as quais não estão preparados nem física nem emocionalmente (Caminha, 2000).

O abuso sexual incestuoso é altamente prejudicial à criança vitimizada por envolver uma quebra de confiança com as figuras parentais ou com quem a cuida, uma vez que deveriam oferecer segurança, conforto e bem-estar psicológico (De Antoni & Koller, 2002). Logo, o sentimento de traição será bem maior, em razão da proximidade de relacionamento que existe entre o abusador e a vítima (Sanderson, 2005). Esse sentimento pode afetar não só a relação com o abusador como também com os outros membros da família. Assim, enquanto algumas crianças buscam estratégias para evitar ou resistir à violência, outras demonstram uma situação de desamparo aprendido, respondendo passivamente à exposição continuada de violência (Rennner & Slack, 2006).

No decorrer do tempo, tem-se percebido que o incesto, como decorrência de uma série de conflitos e agressões que hoje grassa pelas famílias, em relações conflitantes entre pais e filhos, evidencia uma inversão e fragilidade de papéis (Cohen, 2000; Forward & Buck, 1989). Dessa forma, o abuso pode representar um sinal de que a família está em crise (Cohen, 2000), traduzindo uma estrutura incoerente e sem integridade nas relações com os seus membros (Brendler *et al.*, 1994). Com base nessas constatações, tem-se a família pautada por um funcionamento próprio, o que, sistemicamente, implica o envolvimento de todos os membros. Nesse sentido, o progenitor não abusivo também é parte da família incestuosa e necessita de

auxílio e de orientação (Cohen & Mannarino, 2000; Hiebert-Murphy, 1998), uma vez que diante da suspeita ou confirmação do abuso pode ficar confuso, demonstrando certa ambiguidade (Araújo, 2002).

O incesto, assim, não pode ser visto como uma relação sexual entre duas pessoas, mas como uma relação oriunda de uma estrutura familiar que não pôde evitá-la (Cohen, 2000). Com a denúncia do incesto, há sofrimento na vida de cada um dos integrantes do grupo familiar, mesmo daqueles que não estavam diretamente envolvidos na tríade pai-mãe-filha, resultando em dificuldades econômicas com a separação do casal, no rompimento de vínculos, em desconfianças, temores e insegurança, o que exige um grande esforço no sentido de recuperar a organização do grupo.

Nesse sentido, a denúncia, por vezes, não acontece e o silêncio se mantém, em razão do medo, da vergonha e de considerar mais importante preservar a família do que denunciar o abuso. Muitas mães, ao não acreditarem em suas filhas e puni-las pela revelação do incesto, tentam evitar que a família desmorone no que diz respeito à sua unidade familiar e conjugal. Isso revela, segundo Araújo (2002), uma postura de cumplicidade com o abusador de forma silenciosa e se constitui em um dos mais importantes obstáculos à denúncia. Quais fatores podem dificultar ou favorecer a ocorrência da denúncia então?

Do silêncio do incesto à possibilidade de denúncia

Estudos revelam, conforme referido anteriormente, que, estatisticamente, a maior parte dos abusos sexuais é praticada pelos próprios pais das vítimas, ou por outras pessoas da própria família, como irmãos, sendo raros os casos que envolvem estranhos. (Cohen & Gobetti, 2001; Habigzang *et al.*, 2005). Ressalta-se que no incesto a vítima, quase sempre, expõe-se à sedução perversa do agressor. Soma-se a isso a desintegração a que toda a família está sujeita, marcada já de antemão por uma estrutura bastante frágil. Com esse envolvimento

de familiares, então, torna-se pouco provável que a denúncia, tanto por parte da vítima como pela pessoa responsável por ela, venha à tona de imediato (Azevedo, 2001).

Na maioria dos casos de incesto, a revelação cabe às mães (Habigzang *et al.*, 2005), justificando que, quando há demora em denunciar, isso ocorre pelo sentimento de vergonha e por características da própria dinâmica de funcionamento da família incestuosa (Kreklewitz & Piotrowski, 1998). Após a denúncia, a mãe, geralmente, torna-se a figura protetiva, ao passo que o abusador nega ou culpabiliza a vítima (Leiffer *et al.*, 2004).

Outra dificuldade encontrada para que a denúncia ocorra é o fato de que o abuso sexual, quando é intrafamiliar, nem sempre se mostra acompanhado de violência física aparente, podendo se apresentar de formas e em níveis de gravidade variados, dificultando, assim, seriamente, a possibilidade de comprovação pela vítima e a confirmação diagnóstica pelos meios que hoje são dispostos por meio de medidas legais de averiguação do crime (Pfeiffer & Salvagni, 2005). Estabelecer a frequência com que ocorre a vitimização sexual, em razão do silêncio que se cria em torno do fato, também não é fácil. Ressalta-se, novamente, nesse sentido, a grande resistência não só por parte da vítima como também de seus familiares em comunicar o ocorrido. Isso acontece, em geral, por ser uma prática que envolve medo e vergonha, em razão do comprometimento dos próprios membros da família (Vittiello, 1989).

Em sendo vítima e testemunha, é pela criança ou adolescente, com seu depoimento, que se terá o procedimento de seu resguardo e, em alguns casos, a punição ao seu agressor. O seu testemunho, assim, pode anular ou confirmar se a denúncia sobre o incesto é verdadeira, o que se constitui em uma extrema responsabilidade para a criança (Azevedo, 2001).

Destaca-se ainda como outra situação que se liga ao abuso sexual, impedindo que tal prática venha à tona, a presença da violência intrafamiliar sob outras formas, manifestada na negligência e nos abusos físicos e emocionais. Nesse contexto, tais práticas concorrem para que o abuso sexual continue em segredo pela própria criança ou adolescente, assim como

pelos outros membros da família, que muitas vezes sabem o que acontece, mas temem revelar, o que, com o tempo, pode favorecer a naturalização das relações violentas na família (De Antoni & Koller, 2000; Habigzang & Koller, 2006; Kellog & Menard, 2003).

Ressalta-se também que existem fatores fora do ambiente familiar que contribuem para que a denúncia do incesto seja dificultada, como o fato de alguns profissionais da saúde e da educação relutarem em reconhecer e denunciar a prática do abuso no meio familiar, ou o fato de os tribunais insistirem em regras estritas de comprovação do abuso para a proteção da vítima e para penalização do agressor. Registram-se, nesse caso, profissionais que negam e subestimam a severidade e a extensão do abuso sexual (Furniss, 1993). Também nesse sentido, não muito tempo atrás, os abusos sexuais eram vistos como fantasias que partiam das próprias crianças (Thouvenin, 1997). Hoje em dia, porém, profissionais da saúde estão mais capacitados para trabalhar com crianças vítimas de violência, deixando claro que são muito raros os casos em que as crianças ou os adolescentes possam estar fantasiando uma situação de abuso sexual.

Nesse sentido, a revelação, por meio da denúncia, é um momento fundamental que pode auxiliar a vítima ou trazer mais um trauma para a criança e o adolescente já vitimizados pela prática do incesto. Nesse sentido, é essencial que a denúncia do abuso aos órgãos de proteção possa ser acompanhada por profissionais da saúde, que precisam estar conscientes das implicações legais e éticas de suas intervenções, como também de sua omissão (Saywitz *et al.*, 2000).

Penso, Costa, Almeida e Ribeiro (2009) apresentam uma pesquisa realizada com famílias que foram intimadas e encaminhadas pela Justiça para participar de grupos multifamiliares. O objetivo da pesquisa foi entender a relação familiar entre os membros da unidade familiar e entre as famílias e os profissionais que fazem parte dos grupos multifamiliares. Os resultados apresentados referem a necessidade de se criarem

oportunidades de lazer com as crianças/adolescentes vítimas de abuso e, sobretudo, de se criar um espaço para ouvi-las.

Portanto, para que a revelação e a denúncia ocorram, é essencial que o silêncio seja quebrado por uma possibilidade efetiva de escuta. A partir daí, a criança vítima do abuso sexual pode ter o auxílio adequado de profissionais especializados para que possa superar as vivências traumáticas do abuso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão de estudos e pesquisas que se dedicaram à compreensão da temática do incesto, este artigo se propôs a atentar para as características das famílias nas quais essa prática se faz presente. Partindo da conceituação do incesto, como uma prática criminosa que ocorre no cerne das relações familiares, identifica-se uma série de características dos protagonistas da situação e das próprias relações familiares que contribuem para a ocorrência e manutenção do abuso. Protegido pelo sigilo das relações familiares e pelos temores em relação à denúncia, o incesto pode permanecer encoberto por um longo período.

Nesse sentido, as possibilidades de denúncia delineiam-se a partir de uma atenção especial dos profissionais da saúde e da educação para as manifestações das crianças e dos adolescentes e, especialmente, pela acolhida do progenitor não-abusivo, geralmente a mãe, que é quem mais comumente procede à denúncia. Quanto mais os profissionais estiverem preparados para ouvir essas pessoas, mais efetivamente poderão contribuir para a interrupção da prática incestuosa. De outro modo, quando os profissionais negam o que está sendo evidenciado e evitam o enfrentamento da situação, acabam sendo coniventes com a dinâmica da família incestuosa, tornando-se mais um personagem a reforçar o segredo familiar.

O trabalho com as famílias incestuosas deve estar focado na evitação contundente do segredo (Madanes, 1997), pois o silêncio e o temor à revelação constituem-se em escudos

protetores da dinâmica abusiva. Segundo a autora, o terapeuta precisa trazer à luz todos os segredos, mesmo que a família tente restabelecer alianças ocultas.

Partindo desses pressupostos, constata-se que a revelação se constitui praticamente no único caminho em busca de auxílio profissional e do rompimento do vínculo abusivo. No entanto, com vistas a que não ocorra um rompimento familiar definitivo, que implique uma desestruturação global do núcleo familiar, a equipe de profissionais que acolherá a vítima e a família deve ser capacitada, tanto no que diz respeito à compreensão do fenômeno e das características das famílias incestuosas como no que tange à elaboração de intervenções que levem em consideração a complexidade do fenômeno do incesto.

REFERÊNCIAS

- Alexander, P. C.; Teti, L. & Anderson, C. L. (2000). *Childhood sexual abuse history and role reversal in parenting*. Child Abuse & Neglect, 24 (6), 829-838
- Amazarray, M. R., & Koller, S. H. (1998). *Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 11, 559-578.
- Amendola, M. F. (2004). *Mães que choram: Avaliação psicodiagnóstica de mães de crianças vítimas de abuso sexual*. In M. C. C. Prado A. (Ed.). O mosaico da violência: a perversão da vida cotidiana. São Paulo: Vetor. pp.103-169.
- Araújo, M. F. (2002). *Violência e abuso sexual na família*. Psicologia em Estudo, 7, 3-11.
- Azevedo, E. C. (2001). *Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual*. Psicologia: ciência e profissão, v.21, n. 4, Brasília,.
- Banyard, V. L., Anold, S., & Smith, J. (2000). *Childhood sexual abuse and dating experiences of undergraduate women*. Child Maltreatment, 5, 39-48.
- Brendler, J.; Silver, M.; Haber, M. & Sargent, J. (1994) *Doença mental, caos e violência: terapia com famílias à beira da ruptura*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Caminha, R. M. (2000). *A violência e seus danos à criança e ao adolescente*. In: Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente (AMENCAR) (Org.), Violência doméstica. Brasília: UNICEF.
- Caminha, R. M. (2000). *Maus-tratos: o flagelo da violência*. In: BENVENUTI, V. L. (Org.), Cadernos de extensão II. São Leopoldo: Unisinos.
- Cecconello, A. M. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). *Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar*. Psicologia em Estudo, 8, 45-54.
- Cohen, T. (1995). *Motherhood among incest survivor*. Child Abuse and Neglect, 19 (2), 1423-1429.
- Cohen, C. O incesto. In: Azevedo, M. A.; Guerra, V. N. A. (Orgs.) (2000). *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. São Paulo: Cortez.
- Cohen, C., & Gobbeti, G. J. (2001). *O Incesto: o abusos exual intrafamiliar*. Disponível em: http://www.cedeca.org.br/PDF/incesto_cohen.pdf Acesso em 08 nov 2010.
- Cohen, J. A. & Mannarino, A. P. (2000). *Predictors of treatment outcome in sexually abused children*. Child Abuse and Neglect, 24 (7), 983-994.

- De Antoni, C. & Koller, S. H. , (2000). *Vulnerabilidade e resiliência familiar. Um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares*. *Psico*, 31, 39-66
- De Antoni, C. & Koller, S. H. (2002). Violência doméstica e comunitária. In: Contini, M. L. J.; Koller, S. H.; Barros, M. N. S. (Orgs.). *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.
- De Antoni, C., Barone, L. R. & Koller, S. H. (2007). *Indicadores de risco e de proteção em famílias fisicamente abusivas*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 125-132.
- Dias, M. B. (2006) *Incesto: um pacto de silêncio*. *Revista CFJ*, Brasília, n. 34. p.11-14, jul./set.
- Dunn, M. G., Mezzich, A., Janiszewski, S., Kirisci, L., & Tarter, R. (2001). *Transmission of neglect in substance abuse families: The role of child dysregulation and parental SUD*. *Journal of Child and Adolescent Substance Abuse*, 10 (4), 123-132.
- Faleiros, E. T. S. (2000). *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes*. Brasília: UNICEF.
- Falcke, D. (2006). *Filho de peixe, peixinho é: a importância das experiências na família de origem*. *Revista Colóquio*, 3 (2), 83-97.
- Farinati, F.; Biazus, D. B. & Leite, M. B. (1993). *Pediatria social: a criança maltratada*. Rio de Janeiro: Medsi.
- Ferenczi, S. (1992). *Psicanálise IV: obras completas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Flores, R. Z. & Caminha, R. M. (1994). *Violência sexual contra crianças e adolescentes: algumas sugestões para facilitar o diagnóstico correto*. *Revista de Psiquiatria do RS*, 16, 158-167.
- Freud, S. (1913/1974). *Totem e Tabu*. (J. Salomão, trad.). Em Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XIII, pp. 20-193). Rio de Janeiro: Imago.
- Fuks, L. B. (1998). *Abuso sexual de crianças na família: Reflexões Psicanalíticas*. *Percurso* No 20, 120-126.
- Furniss, T. (1993). *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar, manejo, terapia e intervenção legal integrados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Green, A. H.; Coupe, P.; Fernandez, R. & Stevens, B. (1995). *Incest revisited: delayed post-traumatic stress disorder in mothers following the sexual abuse of their children*. *Child Abuse and Neglect*, 19 (10), 1275-1282.
- Habigzang, L. F. & Caminha, R. M. (2004). *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: conceituação e intervenção clínica*. São Paulo: Caso do Psicólogo.
- Habigzang, L. F. & Koller, S. H.; Azevedo, G. A. & Machado, P. X. (2005). *Abuso sexual*

infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 21(3), 341-348.

Habigzang, L. F. & Koller, S. H. (2006). *Terapia cognitivo-comportamental e promoção de resiliência para meninas vítimas de abuso sexual intrafamiliar*. In: Dell’Aglia, D. D.; Koller, S. H.; Yunes, M. A. M. (Eds.). Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção (pp. 233-258). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Habigzang, L. F.; Corte, F. D.; Hatzenberger, R.; Stroehrer, F. & Koller, S. H. (2008). *Avaliação psicológica em casos de abuso sexual na infância e na adolescência*. Psicologia: reflexão e crítica, v. 21, n. 2, Porto Alegre.

Hammen, C. (2003). *Risk and protective factors for children of depressed parents*. In : Luthar, S. S. (Org.). Resilience and vulnerability: adaptation in context of childhood adversities (pp.50-75). New York: Cambridge University Press.

Hiebert-Murphy, D. (1998). *Emotional distress among mothers whose children have been sexually abused: the role of a history of child sexual abuse, social support, and coping*. Child Abuse and Neglect, 22 (5), 423-435.

Junqueira, M.F.P.S.; Deslandes, S.F. (2003). *Resiliência e maus-tratos à criança*. Cadernos de Saúde Pública 19 (1): 227-235, 2003.

Kamsner, S. & McCabe, M. (2000). *The relationship between adult psychological adjustment and childhood sexual abuse, childhood physical abuse, and family-of-origin characteristics*. Journal of Interpersonal Violence, 15 (12), 1243-1261.

Kellog, N. D. & Menard, S. W. (2003). *Violence among family members of children and adolescents evaluated for sexual abuse*. Child Abuse and Neglect, 27, 1367-1376.

Koller, S. H. & De Antoni, C. (2004). *Violência intrafamiliar: uma visão ecológica*. In: Koller, S. H. (Org.). Ecologia do desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kreklewetz, C. M. & Piotrowski, C. C. (1998). *Incest survivor mothers: protecting the next generation*. Child Abuse and Neglect, 22 (12), 1305-1312.

Leifer, M.; Kilbane, T.; Grossman, G. A (2001). *Three-generational study comparing the families of supportive and unsupportive mothers of sexually abused children*. Child Maltreatment, 6 (4), 353-364.

Leifer, M.; Kilbane, T. & Kalick, S. (2004). *Vulnerability or resilience to intergeneration sexual abuse: the role of maternal factors*. Child Maltreatment, 9 (1), 78-91.

Madanes, C. (1997). *Sexo, Amor e Violência*. (M.C.E. Lopes & S.M.C. Machado, Trad.) São Paulo: Ed. Psy. (Trabalho original publicado em 1990).

Marques, H. M. V, Amparo, D. M. & Faleiros, V. P. (2008). *O vínculo transgeracional e o teste de Rorschach de um abusador sexual incestuoso*. In: Penso, M. A. & Costa, L. F. (orgs.). A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção. São Paulo: Summus, pp.199-223..

- Matias, D. P. (2006). *Abuso sexual e sociometria: um estudo dos vÃnculos afetivos em famÃlias incestuosas*. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 295-304.
- Mendlowicz, M. ; Figueira, I. (2007). *TransmissÃo intergeracional da violÃncia familiar: o papel do estresse pÃs-traumÃtico*. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29, 88-89.
- Nogueira, S. E. & Pereira de SÃa, M. L. B. (2004). *Atendimento PsicolÃgico a crianÃas vitimas de abuso sexual: alguns impasses e desafios*. In M. C. C. Prado A. (Ed.). *O mosaico da violÃncia: a perversÃo da vida cotidiana*. SÃo Paulo: Vetor. pp. 47-102.
- Oates, R. K.; Tebbutt, J.; Swanston, H.; Lynch, D. & Otoole, B. (1998). *Prior childhood sexual abuse in mothers of sexually abuse children*. *Child Abuse and Neglect*, 22 (11), 1113-1118.
- Oliveira M. E. C. & Ramos K. D. O. (2008). *Transgeracionalidade percebida nos casos de maus-tratos*. In: Penso, M. A. & Costa, L. F. (orgs.). *A transmissÃo geracional em diferentes contextos: da pesquisa Ã intervenÃo*. SÃo Paulo: Summus, p. 99-123.
- Padilha, M. G. S. & Gomide, P. I. C. (2004). *DescriÃo de um processo terapÃutico em grupo para adolescentes vÃtimas de abuso sexual*. *Estudos de Psicologia*, p. 53-61.
- Pavio, S. C. & Laurent, C. (2001). *Empathy and emotion regulation: Reprocessing memories of childhood abuse*. *Journal of Clinical Psychology*, 57, 213-226.
- Penso, M. A. & Neves, V. L. (2008). *Abuso Sexual Infantil e Transgeracionalidade*. In: Penso, M. A. & Costa, L. F. (orgs.). *A transmissÃo geracional em diferentes contextos: da pesquisa Ã intervenÃo*. SÃo Paulo: Summus, p.123-142.
- Penso, M. A., Costa, L. F. & Ribeiro M. A. (2008). *Aspectos teÃricos da transmissÃo transgeracional e do genograma*. In: Penso, M. A. & Costa, L. F. (orgs.). *A transmissÃo geracional em diferentes contextos: da pesquisa Ã intervenÃo*. SÃo Paulo: Summus, p. 9-23.
- Penso, M. A., Costa, L. F., Almeida, T. M. C & Ribeiro M. A. (2009). *Abuso sexual intrafamiliar na perspectiva das relaÃes conjugais e familiares*. *Universidade Luterana do Brasil. Aletheia*, n.30, pp 142-157.
- Perrone, R., & Nannini, M. (2007). *Violencia y abusos sexuales en la familia: una visiÃn sistÃmica de las conductas sociales violentas*. 2 ed. Buenos Aires: PaidÃs.
- Pires, J. M. (2000). *ViolÃncia na infÃncia: aspectos clÃnicos*. In: AssociaÃo de Apoio Ã CrianÃa e ao Adolescente (Amencar) (Org.). *ViolÃncia domÃstica*. BrasÃlia: Unicef.
- PizÃ, G. (1999). *A violÃncia silenciosa do incesto*. *Revista CiÃncia e SaÃde*, ABRASCO.
- Pfeiffer, L. & Salvagni, E. P. (2005). *VisÃo atual do abuso sexual na infÃncia e adolescÃncia*. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro: 81, 197-204.
- Renner, L. M. & Slack, K. S. (2006). *Intimate partner violence and child maltreatment: understanding intra and intergenerational connections*. *Child Abuse & Neglect*, 30

(6), 599-617.

Roy, A. (2001). *Childhood trauma and hostility as an adult: Relevance to suicidal behavior*. *Psychiatry Research*, 102 (1), 97-101.

Sanderson, C. (2005). *Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais*. São Paulo: M. Brooks.

Saywitz, K. J.; Mannarino, A. P.; Berliner, L. & Cohen, J. A. (2000). *Treatment for sexually abused children and adolescents*. *American Psychologist*, 55(9), 1040-1049.

Scortegagna, S. A., & Villemor-Amaral, A. E. (2009). *Autopercepção no Rorschach de Vítimas de Abuso Sexual Infantil*. *PSICO*, 40 (3), 328-336.

Szymansky, H. (2000). Teoria e "Teorias" de famílias. Em M.C.B. Carvalho (Org.), *A família contemporânea em debate*. (pp.23-27). São Paulo: Cortez.

Thouvenin, C. (1997). A palavra da criança: do íntimo ao social. In: GABEL, M. (Ed.). *Crianças vítimas de abuso sexual* (pp. 91-102). São Paulo: Summus.

Vittiello, N. (1989). Vitimização sexual: conseqüências orgânicas. In: Azevedo, M. A.; Guerra, V. N. A. (Orgs.). *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. Violência sexual contra crianças e adolescentes*. São Paulo: Iglu.

Wagner, A., Mosmann, C. P., Dell'Aglio, D. D., & Falcke, D. (2010). *Família & Internet*. São Leopoldo: Sinodal.

Winnicott, D. W. (1988). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre. Artes Médicas, 19-31.

SEÇÃO III – ARTIGO EMPÍRICO

O PAPEL DA MÃE DE VÍTIMAS DE INCESTO

RESUMO

A literatura evidencia uma contradição na compreensão do papel das mães de crianças vítimas de incesto. Enquanto alguns estudos enfatizam que geralmente são elas que denunciam a situação abusiva e tornam-se protetivas em relação às vítimas, outros ressaltam o quanto elas participam ativamente da dinâmica do incesto, mostrando-se ausentes e passivas ou até mesmo sendo coniventes com o abusador. Visando ampliar a compreensão sobre o papel da mãe de vítimas de incesto, o presente trabalho objetivou dar voz a essas mulheres para que narrassem sua história de vida e sua relação com o abusador e os filhos. O estudo foi realizado com três mães de crianças vítimas de incesto, residentes na cidade de Passo Fundo. Por meio do método de Estudo de Casos Múltiplos, foi possível uma análise em profundidade da percepção das mães sobre o papel que desempenharam nas famílias incestuosas. Com base nos resultados, são discutidos aspectos como a ambivalência das mães, que, mesmo se mostrando protetoras por ocasião da denúncia, revelam que identificavam indícios da situação abusiva, mas se omitiam.

Palavras-chave: denúncia, mães, história de vida, vítimas de incesto, situação abusiva

THE ROLE OF THE MOTHER OF VICTIMS OF INCEST

ABSTRACT

The literature reveals a contradiction in the understanding of the role of mothers of child victims of incest. While some studies emphasize that they are generally the ones that denounce the abusive situation and become protective towards the victims, others point out how they actively participate in the dynamics of abuse, being absent and passive or even conniving with the abuse, for some sexual difficulty with the partner. To better understand the role of the mother of incest victims, this study aimed to give voice to these women to narrate their life history and its relationship with the abuser and the children. The study was conducted with three mothers of child victims of incest, residents in the city of Passo Fundo. Using the method of Multiple Case Study, it was an in-depth analysis of mothers' perceptions about the role they played in incestuous families. From the results, it is discussed the aspects like the ambivalence of mothers that, even displaying to be protective at the time of the denunciation, show evidence that they identified the abusive situation, but omitted.

Keywords: denunciation, mothers, life history, victims of incest, abusive situation

INTRODUÇÃO

Para entender quem são as mães das vítimas de abuso sexual intrafamiliar é necessário conhecer sua história, suas características, suas reações diante do abusador e da denúncia. Dessa forma, é necessário resgatar sua trajetória de vida e a relação conjugal com seu companheiro e com a vítima.

Conforme Santos e Dell’Aglia (2009), as reações maternas diante da revelação do abuso sexual de suas filhas são reações positivas ou ambivalentes. As reações positivas indicam que as mães acreditaram no relato de suas filhas, demonstram cuidado e apoio, o que pode ser observado pelo fato de acompanharem as filhas e pela disponibilidade emocional para enfrentar a situação. Todavia, as mães muitas vezes possuem dificuldades em denunciar o abusador por estarem sofrendo ameaças, terem medo de perder a família constituída ou por serem economicamente dependentes do companheiro, o que leva outros familiares e a própria sociedade a questionar o seu desempenho como mãe.

Para Amendola (2004), na relação conjugal em famílias abusivas, é frequente que as mães manifestem reações de medo, em razão da sua dependência afetiva e financeira. Elas cercam a família de cuidados na tentativa de proteção contra as agressões. A autora enfatiza o papel das mães como protetoras, fazendo referências àquelas que possuem atitudes de cuidado após o trauma. Segundo ela, as mães que representam essa figura de proteção e cuidado precisam manter um relacionamento próximo com seus filhos para que o processo de rompimento do ciclo abusivo seja concretizado. Mesmo se apresentando aflita e culpada após a denúncia, a mãe necessita de acolhimento e orientação.

As principais características apresentadas pelas mães protetoras, segundo Amendola (2004), são: 1) não ofendem os pais de seus filhos, justificando-os como “doentes”; 2) apresentam dificuldade de compreender as informações assinaladoras de situações abusivas,

levando certo tempo para constatar que seus filhos estavam sendo abusados sexualmente; 3) mostram-se perplexas e incapazes de conceber, com antecipação, a possibilidade da ocorrência de abuso sexual pelos ex-maridos; 4) procuram assistência aos filhos tão logo percebem a ocorrência do abuso; 5) levam seus filhos para realizar o exame de corpo de delito no IML, bem como exames clínicos; 6) temem pelos filhos e por si próprias, sentindo-se ameaçadas e perseguidas; 7) apresentam muitas dúvidas com relação às informações que poderão dar aos filhos com relação à visitação, ao abuso sexual, ao processo na Justiça; 8) desejam saber se seus filhos se tornarão homossexuais e se terão “cura”; 9) apresentam dificuldade de relacionamento com os filhos vitimados; 10) percebem a agressão à criança como um ataque violento à sua própria integridade.

Discussões de pesquisas apresentadas por Elliot e Carnes (2004) referem que a maioria das mães acredita nas revelações das crianças, mesmo demorando para emitir respostas de apoio e proteção. Memórias intrusivas de sua própria experiência de abuso sexual na infância e sintomas de depressão e ansiedade após vir à tona a revelação de abuso sexual de suas filhas são alguns sinais que as mães podem demonstrar (Green *et al.*, 1995). Associam-se, ainda, a tais constatações dissociação, ansiedade, depressão, trauma do abuso sexual, distúrbio de sono e problemas sexuais, assim como maior uso de drogas do que em mães de crianças sem história de abuso sexual (Leifer *et al.*, 2004).

Em estudo realizado por Penso, Costa e Almeida (2005), evidencia-se a repetição que ocorre nas famílias no que se refere ao cuidado e à proteção das crianças. Dessa forma, as autoras referem a perpetuação das histórias de violência cometidas por homens afetivamente próximos, trazendo de volta as situações de sofrimento das gerações anteriores. As mães e avós, quando se deparam com esses acontecimentos de abuso, ficam sem ação e reagem como aprenderam em suas famílias de origem, não conseguindo se posicionar como protetoras entre suas filhas e os abusadores. Segundo Penso e Neves (2008), por não terem tido a chance de

uma palavra acolhida de seus cuidadores, entram em estado de “pane”, o que provoca uma grande indiferenciação entre o passado e o presente, o discurso e a ação.

Narvaz e Koller (2004) referem que, na situação de abuso sexual, muitas mulheres e meninas vítimas de violência intrafamiliar reescrevem não só sua história individual, mas também a história de suas mães. Segundo elas, é somente com a revelação do abuso sexual sofrido pelas filhas que as mães podem revelar a vitimização sofrida por elas no passado, desvendando a repetição do ato abusivo na história da família e o fato de a violência intrafamiliar ter sido silenciada por essas mães.

As mães ditas não protetivas, conforme Narvaz e Koller (2006), possuem dificuldade em lidar com a realidade que está se repetindo em suas vidas, visto que nunca denunciaram suas próprias histórias de abuso e convivem com elas como se o abuso fosse natural e esperado. Dessa forma, essas mães revivem o passado, quando não foram protegidas por suas mães, e hoje transferem para as filhas a dívida pela não revelação do segredo. Demonstraram dificuldades de se fortalecer para acabar com esse ciclo, expressando um sentimento de impotência em relação às suas filhas e não conseguindo ser mães cuidadoras.

Matos, Schmickler e Borba (2005), também investigando mães incapazes de proteger as filhas do abuso sexual, confirmam a hipótese de que uma mãe não-protetora geralmente foi vítima de abuso sexual na infância. No estudo realizado, as mães que revelaram história de abuso sexual na infância deram grande importância ao modelo de família tradicional, evitando romper os laços familiares, nos quais os valores e princípios religiosos são mais importantes. O discurso das mães não-protetoras, segundo os autores, foi caracterizado por ambiguidades e contradições através de indícios de culpa e justificativas para a ocorrência do abuso.

Apesar dessa ambivalência, ainda são as mães as pessoas que mais denunciam as situações de abuso. Conforme Habigzang *et al.* (2005), dados referentes à violência sexual mostram que a denúncia foi realizada pela mãe da vítima em 37,6% dos casos, pela própria

vítima em 29% dos casos, por outros parentes em 15,1%, e por instituições, tais como escola, hospital e departamento de polícia, em 6,5% dos casos.

Quando a denúncia de abuso sexual é revelada, é necessário entender todo o contexto em que esta família está inserida para que ocorra uma reorganização familiar. Após a denúncia, o agressor e a vítima geralmente são afastados para que a vítima possa ser protegida. Caso os familiares não consigam se organizar para protegê-la, a criança é abrigada ou sua guarda legal passa a ser de algum familiar não-abusivo, geralmente a mãe. Esse é um momento difícil para a vítima e para a mãe, já que ambas tendem a se sentir culpadas pelo sofrimento de todos. Em estudo realizado por De Antoni e Koller (2000) com 13 meninas vítimas de abuso sexual, todas relataram sentir culpa pelo sofrimento da mãe e dos irmãos quando o pai ou padrasto foi afastado do lar, e as que foram abrigadas percebiam o fato de estarem em um abrigo como um castigo pelo abuso. Revela-se, assim, a necessidade de atendimento às vítimas de violência, bem como aos cuidadores diretamente envolvidos.

Destaca-se, todavia, que a maior parte das mães, mesmo sendo abusadas sexualmente na infância, rompe o ciclo de violência intrafamiliar, protege suas crianças e apresenta resiliência (Leiffer *et al.*, 2004). Dessa forma, não se pode generalizar o pressuposto de que as mães de crianças abusadas sexualmente são resistentes, culpadas e despreocupadas. Muitas delas, pelos estudos realizados, têm buscado auxílio e demonstram ações protetivas em relação aos seus filhos (Pintello & Zuravin, 2001).

OBJETIVOS

O presente estudo teve como objetivos:

- a) Investigar a história transgeracional de mães de vítimas de incesto;
- b) Conhecer o papel da mãe da vítima de incesto e como ela descreve o relacionamento entre ela, a vítima e o abusador antes da revelação do abuso sexual e posteriormente à ocorrência, revelação e denúncia do abuso.

MÉTODO

Considerando os objetivos propostos para este trabalho, optou-se por um método de investigação que permitisse uma análise profunda das características das mães de vítimas de incesto. Para tal, utilizou-se o método de Estudo de Casos Múltiplos (Yin, 2005).

Participantes

Participaram deste estudo três mulheres, mães de vítimas de incesto. O encaminhamento das cuidadoras que possuem crianças-vítimas de incesto foi realizado por intermédio do Centro de Estudos à Infância e Adolescência (CEPIA), da cidade de Passo Fundo. A tabela 1 descreve as características das mães que participaram do estudo:

Tabela 1: Características das mães

<i>Mães²</i>	<i>Idade</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Profissão</i>	<i>Idade do Companheiro</i>	<i>Idade da filha</i>
Silvana	34	Ensino Médio	Telefonista	37	18
Solange	44	Ensino Médio	Serviços Gerais	52	10
Cátia	34	Ensino Fundamental	Empregada Doméstica	35	14

Instrumentos

a) Entrevistas: As entrevistas foram realizadas com a finalidade de conhecer a história de vida e como as mães relatavam o relacionamento que possuíam com a vítima e com o abusador anterior e posteriormente à revelação do abuso. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para análise do material coletado.

b) Genograma: O Genograma Familiar (vide Anexo A) é uma representação gráfica que mostra o desenho ou mapa da família. É um instrumento que auxilia os membros da família a se expressarem e que vem se somar à gama de instrumentos de coleta de dados.

² Os nomes são fictícios, com a finalidade de preservar a identidade das participantes.

Neste estudo, o genograma foi utilizado como forma de ampliar a análise sobre a história familiar da mãe da vítima de abuso sexual, especialmente dos padrões transgeracionais.

c) TAT: O Teste de Apercepção Temática (TAT), de autoria de Henry Murray, é uma técnica projetiva, constituído por 31 (trinta e uma) pranchas que abrangem situações humanas clássicas. Conforme as instruções, a cada sujeito devem ser aplicados 20 (vinte) estímulos, que gerarão um total de 20 (vinte) histórias, as 10 (dez) primeiras mais estruturadas e as 10 (dez) últimas menos estruturadas. Após serem apresentadas pelo examinador ao sujeito, este conta uma história sobre cada uma das pranchas. O TAT é um método que avalia os impulsos, emoções, sentimentos complexos, conflitos e características da personalidade. Sua principal valia, neste estudo, consiste na capacidade de identificar as inibições que a mãe não deseja aceitar ou que não tem condições de mostrar por serem conteúdos inconscientes, possibilitando uma compreensão mais abrangente de sua dinâmica de funcionamento psíquico.

Procedimentos de Coleta de Dados

Inicialmente, foi estabelecido contato com o Ministério Público, por meio da Promotoria da Infância e da Adolescência, da cidade de Passo Fundo. A promotora da Infância e Adolescência encaminhou o projeto à responsável pelo Centro de Estudos à Infância e Adolescência (CEPIA) executor do Serviço SENTINELA, que oferece apoio psicossocial à vítima de violência e exploração sexual e sua família. Foi explicado aos responsáveis dessas instituições o procedimento da pesquisa e entregue um documento solicitando uma autorização para que as mães pudessem ser encaminhadas para avaliação no consultório particular da pesquisadora. O projeto só foi iniciado após sua aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), o que se deu sob o parecer número 10/095. Após o encaminhamento das mães, foi agendada a primeira entrevista

com cada participante, na qual foi firmado o contrato de trabalho e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram realizados seis encontros com cada participante. Após o término das entrevistas, foi realizado o encaminhamento das mães para psicoterapia nos centros de atendimento de psicologia da Prefeitura Municipal de Passo Fundo.

Procedimentos de Análise de Dados

Os resultados foram analisados em profundidade, integrando os dados obtidos nas entrevistas com as mães e na elaboração do genograma. Posteriormente à análise de cada um dos casos, buscou-se retratar os aspectos comuns e diferenciados de interações entre os casos analisados, tendo como ponto de partida os objetivos propostos no estudo.

RESULTADOS

Nos casos analisados, foram obtidas informações importantes sobre a história de vida das mães, bem como sobre o seu relacionamento com o abusador e o cuidado com a vítima. A seguir serão apresentados os três casos de mães de vítimas de incesto e a discussão realizada.

Caso 1

Silvana tem 34 anos, é separada e tem quatro filhos. Quanto à sua família de origem, refere que não conheceu os avós e que sua mãe nunca mencionou qualquer familiar. Lembra-se de um tio paterno que assediava as mulheres da família e que teria “*feito alguma coisa*” com as próprias filhas. Silvana descreve a mãe como uma pessoa rude, conservadora e que brigava muito com as filhas. Refere que nunca recebeu carinho da mãe: “*Minha mãe só disse que me amava quando morreu nos meus braços, e eu sou igual a ela*”. A mãe teve dois filhos de um primeiro casamento, os quais ficaram com o pai após a separação, porque, segundo a mãe, a menina não gostava do pai de Silvana e tinha muito medo dele. Acredita que seu pai

tenha *“feito alguma coisa para ela”*. Antes de a irmã falecer, lembra que ela falou para nunca deixar o padrasto (pai de Silvana), *“por a mão e fazer mal às meninas”*.

Em relação à família do seu ex-marido, Jorge, Silvana não sabe quase nada. Refere que o pai de Jorge faleceu jovem, mas lembra-se que a ex-sogra falava muito mal dele. Dizia que o marido não prestava e que fizera muito mal à família, mas nunca referiu o que aconteceu.

Relata que, quando conheceu Jorge, paquerava um sobrinho dele. Aos quinze anos, começaram a namorar e depois de oito meses ela teve a primeira relação sexual. Logo em seguida ficou grávida de Érica. *“No início, não contei pra ele da gravidez. Não queria que ele ficasse comigo por causa da gravidez”*. No entanto, refere que Jorge sempre cuidou dela e do bebê. Após o nascimento de Érica, resolveram morar juntos, mas logo soube que Jorge a traía, pois ele mesmo contava. Silvana refere que não perdoava, mas aceitava. Após dois anos morando juntos, Silvana voltou para a casa de seus pais. Várias vezes, Jorge foi buscá-la e ela acabou cedendo. Quando engravidou novamente, refere que Jorge não aceitou: *“Ele nunca gostou do menino”*. Mesmo assim, permaneceram juntos. Conta que, durante todo relacionamento, só houve um episódio de agressão: *“Eu provoquei ele para me agredir, porque eu sou muito impulsiva também, sabe? Eu empurrei ele e ele veio pra cima”*.

Depois do nascimento da penúltima filha, Silvana voltou a trabalhar e, como Jorge era vigia noturno, cuidava das crianças durante o dia. Comenta que sempre ligava para saber das crianças. Quando não iam à escola, ficava preocupada. Um episódio que hoje lhe chama atenção foi quando Sabrina comentou que o pai havia comprado talco para passar nelas: *“Daí eu perguntei pra ele: “Você botou talco nas meninas?” E ele disse que não. Eu acreditava e, ao mesmo tempo, desconfiava”*. Silvana relata que, na hora do banho, olhava o corpo dos filhos: *“Eu não sei te dizer o porquê que me levava àquilo, mas eu sempre, quando ia mudar, ou dar banhinho nelas, eu sempre investigava. Não sei o porquê, se eu tinha algum medo, mas eu sempre verificava elas”*. Silvana comenta ainda: *“Quando ele ficava com elas, eu*

tinha medo. Só quando elas estavam dormindo eu ficava tranquila, porque eu sabia que ele ia tá na internet, sempre em sites pornográficos. Talvez por isso eu também desconfiasse”.

Silvana relata que, há um ano, ficou sabendo que Jorge havia assediado sexualmente e estuprado a filha Érica. O fato ocorreu, segundo a menina, dos nove aos 13 anos. Com 13 anos, Érica teria reagido e o abuso cessado. Silvana comenta sobre sua reação:

“Ah, agora eu entendi assim, ó, que foi um choque pra mim. Só que, como eu demoro muito pra reagir, como eu sou uma pessoa que tem depressão faz tempo, por isso naquela hora o amor de filha foi maior que o meu de marido. Talvez o fato de eu amar ele demais, muito mesmo, foi difícil pra acreditar que ele tivesse feito, mas a primeira impressão que eu tive assim, ó, que naquela hora ela era a mais importante. Eu fiquei assustada, abismada, mas não deixei de acreditar nela em nenhum momento. Fiz a minha parte de mãe, esqueci de eu como mulher”.

Em uma ocasião, quando a mãe chegou do trabalho, encontrou o espelho do banheiro e cadeiras quebrados, pois Érica teria agredido o pai: *“Não vou negar que talvez eu já soubesse... Acho que eu já sabia, mas eu negava, eu não queria ter certeza do que era, sabe?”* Nesse dia, Érica disse para a mãe perguntar ao pai o que tinha acontecido. Ela perguntou e Jorge respondeu: *“Ratiei com a nossa filha”*. Na mesma hora, refere que, conhecendo o marido como conhecia, entendeu que Jorge havia *“feito alguma coisa”* com a filha: *“Talvez eu até desconfiasse de alguma coisa assim, só que eu me bloqueei pra aquilo, não fui atrás.”*

Aos 17 anos, Érica contou para o namorado o abuso sexual sofrido. A mãe acredita que Érica tenha contado para o namorado, porque se sentiu mal ao se envolver sexualmente, rejeitando definitivamente essa possibilidade e sofrendo pela recordação do abuso:

“Porque ela não convivia com ninguém, não tinha namorado ainda, ele foi a primeira pessoa que conviveu com ela e eu acho que também na hora deles terem.., ele era mais velho, queria ter relações e ela não quis de jeito nenhum e aí contou”.

O namorado de Érica relatou o ocorrido a Silvana. No dia seguinte, ela conversou com Érica. Após o relato da filha, Silvana foi à delegacia, fez um Boletim de Ocorrência e mandou

o marido embora. Conta que ele foi prontamente, sem questionar. Érica foi encaminhada ao CEPIA, fez o exame ginecológico, com o qual foi confirmado o abuso sexual, e Jorge foi preso. Silvana diz que somente em um sentido entende os motivos do abuso:

“Ela tem um corpo muito perfeito, é uma morena muito bonita a minha filha. Qualquer um sentiria prazer por ela, por que não ele? Só por que ele é pai? Não, não faz diferença, né? Ele é homem, ele não é só pai. Ele sentiu desejo como homem”.

Após a denúncia de Érica, a escolinha infantil onde a filha Júlia ficava fez outra denúncia: “*Ele passou lá e uma prô viu gestos que não eram de pai pra filha, com minha filhinha de dois anos, que é um bebê*”. Segundo a professora, Júlia estava nua e o pai a beijava demais. Silvana acredita que Jorge tenha assediado também a filha do meio, mas não diz o porquê da desconfiança. Ela refere que Sabrina tem um pacto com o pai:

“É amor demais com o pai, e ela tem um pacto com ele pra não contar, porque a gente conversa com ela sobre isso e ela se bloqueia. Uma vez eu perguntei pra ela assim: “Filha, papai tocou em você?” Ela disse: “Não, meu pai só botou álcool em mim”. Depois não falou mais nada e não quer falar sobre isso”.

Mesmo após todas essas denúncias, Silvana permitiu que Jorge voltasse a frequentar a casa, mas foi cobrada por isso: “*O Conselho Tutelar me ameaçou que, se ele voltasse lá, eles iam tirar as minhas filhas. Eles me explicaram que a culpada era eu, que deixava ele lá*”. Silvana refere ter se sentido rejeitada como mulher perante o abuso das filhas: “*Porque, pro meu psicológico, aceitar que ele não me desejava, desejava as minhas filhas*”. Comenta que só teve ele como parceiro sexual e queria que ele só sentisse desejo por ela:

“Eu tinha aquela, como é que eu vou dizer, ele tinha que ser meu e eu tinha que ser dele. Uma doença sexual também minha, não só dele. Então, demorou pra cair a ficha, que ele é uma pessoa doente, uma pessoa perigosa, me faz mal”

Silvana relata que o ex-marido é um “*doente sexual*”, uma pessoa “*fanática por sexo*”. Segundo ela, Jorge sempre visitava *sites* de sexo com “*ninfetas*” e, durante as relações sexuais, fantasiava com meninas novas: “*Na hora, eu não falava nada, simplesmente*

aceitava, mas depois eu até imaginava, ele é doente. Só que talvez eu também era doente por ele, entendeu? Eu era muito dependente dele.” Quando estavam casados, refere que era muito dependente do marido, não financeiramente, porque sempre trabalhou, mas “*sempre amei muito este homem*”. Após a denúncia, somente o sobrinho do marido a apoiou e disse que estava na hora de ela saber o que o marido fazia: sexo em grupo e sempre com seus parentes. Segundo o sobrinho, Jorge queria muito que Silvana participasse. Ela lembra que muitas vezes foi convidada, mas nunca aceitou: “*Sou muito guardada para estas coisas, nossas brigas eram muito por causa disto e nosso casamento foi acabando.*” Segundo Silvana, seus vizinhos ficaram todos contra ela. Diziam que era louca, porque deixara o marido, que era trabalhador e honesto. Refere que teve de deixar de amá-lo para ver quem ele era realmente.

Silvana refere que Jorge “*era uma pessoa completa*”, mas que sempre a fez se sentir inferior: “*Porque você é gorda, porque você não gosta de sexo, porque você só faz quando você quer*”. Silvana conta que ele a forçou várias vezes a ter relações sexuais. Quando ela saiu de casa, Jorge a procurava: “*Pulava o portão da minha casa, fez horrores, porque ele viu que eu não acreditava mais nele. Ele queria fazer sexo comigo pra mim ficar do lado dele, porque achava que psicologicamente me comandava*”. Além disso, tinha amantes e era fixado à internet:

“Eu fui crescendo, o meu psicológico foi amadurecendo como mulher, eu fui vendo, porque aquilo era um meio da pessoa ficar excitada. Só que eu pensava assim ó, será que eu sou tão inmulher, que ele não me deseja como mulher? Que ele precisa ter um estímulo? Que seria pra mim, os filmes, a internet. Eu fui me bloqueando pra isso. Então, invés de ele me ter como mulher, eu fui ficando cada vez mais bloqueada como mulher pra ele, porque eu sabia que não era a mim que ele desejava, entendeu? Que não era por mim que ele tava ali, pelo meu físico, meu corpo, né? Eu comecei a me sentir muito inferior, como mulher, e acabei me afastando dele. Eu me sentia um objeto”.

Quando questionada se havia ocorrido abuso sexual na família de origem deles, Silvana confirma. A sogra conta que o pai de Jorge assediou as sobrinhas e Silvana acredita que Jorge também tenha abusado da sobrinha deles: *“Eu cheguei um pouquinho mais cedo e ele tava tomando banho, ele saindo do banho e minha sobrinha no quarto. Ela tava toda vestida, era inverno, só que eu desconfiei de alguma coisa. Ela demorou pra abrir a porta e ele saiu enrolado na toalha”*. A suspeita ocorreu também porque, segundo Silvana, a sobrinha ficou constrangida. Acredita que ela tenha gostado: *“Talvez ela tivesse gostado, porque ela deixa claro que ela não gosta de mim. Só que eu nunca perguntei pra ela e jamais vou perguntar”*.

Em relação a Jorge, o que Silvana diz sentir é medo. Comenta que já teve vontade de ajudá-lo, porque sabe que ele é doente, e que nunca sentiu raiva dele. Atualmente, ele reside com uma menina de 17 anos: *“Ela é uma coitadinha, ela é bem pequenininha, é uma adolescente, uma criança. Só que eu não culpo ele, eu culpo a mãe dela, porque a mãe dela, se fosse mãe de verdade, jamais deixaria”*.

Silvana também se mostra preocupada com as filhas: *“Meu problema é saber que as minhas filhas vão ter problemas de relacionamento. Minha filha mais velha, essa assim a gente sente que ela sente uma necessidade de carinho”*. De acordo com Silvana, Érica diz: *“Mãe, eu sou carente do teu abraço”*. Silvana sente que devem começar aos poucos:

“Primeiro, que eu vou ter que conquistar ela como filha, ela vai ter que me perdoar, porque, não que seja eu a culpada, mas na verdade, eu fui mãe, eu também teria que ter percebido, mas ele nunca fez quando eu tava junto, eu jamais vi. Eu só desconfiei aquela vez, só que eu não fui mais pra frente”.

Érica sente muita culpa por ter denunciado o pai. Segundo Silvana, ela chora muito e sente-se culpada por três motivos: 1) acredita que Silvana ainda ama o seu pai; 2) as irmãs choram e pedem pelo pai, 3) tem medo de que os outros pensem que ela está mentindo. Érica esteve em atendimento no CEPIA: *“Ela tá muito doentinha, muito deprimida. Eu tenho, né,*

eu sei quais os sintomas e ela chora muito, sabe? Que ela se sente, eu acho que ela se sente muito culpada, então o psicológico dela fica...”

No último encontro, Silvana relatou que Jorge havia saído da prisão e que Gabriel foi morar com ele, porém ficou apenas uma semana e voltou para casa. Ela “*não quis saber*” o que aconteceu. Também teve notícia de que Jorge será pai de uma menina com a nova esposa, o que a deixou muito revoltada, já que Silvana acha que esta criança vai ser mais uma vítima. Ela acredita que não terá como mudar o passado, mas que terá de ser mais responsável pelos filhos: “*Não se pode confundir, amor de homem é uma coisa e de filhos é outra, então tem que cuidar dos filhos. Não dá para fechar os olhos para isso, por mais que se ame este marido, quer dizer, este monstro*”. Em relação ao futuro da filha: “*Acredito que minha filha será muito retraída como mulher, sempre vai faltar alguma coisa, o pai tirou dela aquela inocência que ela tinha*”.

Caso 2

Solange tem 44 anos, cinco filhos, sendo quatro biológicos e uma adotiva. Michele é filha de seu irmão Cláudio, mas Solange a adotou logo que nasceu, quando a cunhada faleceu e o irmão disse que não tinha condições de cuidá-la. Quanto à sua família de origem, relata que mudaram de cidade em busca de uma vida melhor, indo morar com os avós, que eram pessoas muito humildes. O avô era muito bravo, brigava o tempo todo com os netos e com sua avó: “*A minha avó parecia empregada dele, não parecia ser a mulher*”. Solange conta que sua infância foi difícil, pois passou muitas necessidades: tinha de cuidar da casa e dos irmãos, brincou pouco, não tinha tempo. Sempre estava em atrito com a mãe, porque ela era muito exigente, o que foi um dos motivos de casar cedo, para sair de casa. O pai de Solange sempre bebeu, mas era muito carinhoso, enquanto sua mãe era uma “*carrasca*”. Sempre teve

medo de que os pais se separassem, porque, caso isso acontecesse, seu pai passaria dificuldades.

Refere não saber se houve casos de abuso em sua família ou na família de Sérgio. Conta que os pais de Sérgio brigavam muito e que o ex-marido tinha um irmão agressivo. Acredita que este abusou da filha, mas Sérgio nunca quis falar sobre isso, alegando que não interessava à mulher os problemas da família dele.

Solange casou com 18 anos. Refere que o relacionamento entre ela e Sérgio sempre foi normal, mas diz que nunca amou o marido para casar. Gostava dele como amigo, porque era uma pessoa legal e não tinha vícios. Diz que era revoltada e achou que, saindo de casa, a vida seria melhor. Conta que brigavam, porque ele achava que ela tinha de aceitar as queixas dele, como quando chegava do trabalho e queria transar e ela sempre fugia, dizendo que não sentia vontade. Diz que o marido era pegajoso e ela não gostava disso, que estava sempre a agarrando quando estava em casa. Solange diz que nunca foi carinhosa nem com os filhos. *“Se eles chegassem perto de mim, eu beijava, mas nunca fui carinhosa com meus filhos, acho que aprendi a ser assim”*.

Há vinte anos, a irmã de Solange contou que fora abusada por Sérgio. Solange conta: *“Na época, eu entendi que ele só tinha mostrado os órgãos genitais para a Ângela, só agora que eu entendi o horror que foi”*. Nessa época, Solange já tinha três filhos: Daniela, Alice e Paulo. Sua irmã mais nova, Ângela, morava com eles, pois sua mãe trabalhava e ela não tinha com quem ficar. Refere que a mãe engravidou na mesma época em que ela estava grávida da sua segunda filha, por isso a irmã tinha a mesma idade de suas filhas mais velhas.

Em uma ocasião, sua outra irmã, Raquel, que já tinha 16 anos, foi até sua casa brincar com as crianças. Elas estavam brincando e Raquel fez um desenho de uma vela e mostrou-o a Michele, dizendo: *“Olha uma vela Michele”*, mas ela respondeu *“não é vela, é um tico”*. Raquel, nesse momento, perguntou como ela sabia, e ela disse que o pai tinha mostrado para ela. Quando Solange chegou em casa, encontrou sua mãe e suas irmãs, que lhe contaram o

que havia acontecido. Sérgio negou tudo. Então, Ângela falou que era verdade, porque ele também havia “*feito muitas coisas*” com ela. Solange refere: “*Eu acreditei nelas, minha irmã queria matar ele. Mande ele sumir de casa, fiquei louca de raiva.*” Ele se ajoelhou, pediu desculpas e foi embora. Solange resolveu não denunciar: “*Não sei o que ele fez, se ele só mostrou não seria uma coisa tão hedionda, né?*”

Passadas algumas semanas ele, voltou, disse que não ia mais fazer, e então Solange permitiu que ele ficasse: “*Santa ingenuidade*”. Sérgio, segundo Solange, sempre foi um bom pai, brincava, abraçava, contava histórias, jogava bola, porém não dava banho às crianças: “*Nunca permiti que pai desse banho, mudasse ou beijasse na boca os filhos, acho isso um horror*”. No período em que retornou para casa, ficou tudo do mesmo jeito. No entanto, Solange revela que nunca perdoou o marido, que tudo o que ele fazia a irritava. Conta que ele tentou conquistá-la de várias formas, era prestativo e dizia que a amava.

Todavia, quando Solange começou a trabalhar à noite em outra cidade, as duas filhas menores ficavam com o pai e com Daniela, filha mais velha, que, separada, residia na casa dos pais. Michele contou para a irmã Daniela o abuso que sofria e, quando Solange chegou, ficou sabendo do ocorrido. Sérgio sempre levava Solange para pegar o ônibus (1h40min da madrugada). Soube que o marido, após deixá-la na parada, voltou para casa e, quando Michele foi ao banheiro, ele entrou. Daniela viu a irmã saindo do banheiro, e em seguida, o pai. Não perguntou nada e foi se deitar. De manhã, após a saída do pai, ela perguntou à irmã o que tinha acontecido e Michele contou que o pai abusara dela e que não tinha sido a primeira vez. Quando a mãe chegou, Daniela contou o que havia ocorrido e Michele confirmou. Solange, a filha Daniela e sua irmã Ângela foram à delegacia para denunciar Sérgio.

Refere ainda que Daniela aproveitou para também revelar o abuso que havia acontecido com ela. Solange conta que, desde os 15 anos, Daniela tem convulsões. Todos os exames foram feitos, mas os médicos chegaram à conclusão de que as convulsões iniciaram em razão de um trauma. Na época, perguntaram a Daniela o que havia acontecido e ela disse que a mãe

sabia: *“Eu não sabia, ela acha que já tinha me contado, mas eu disse pra ela: ‘Daniela tu não me contou’. Só agora entendi qual era o trauma”*.

Segundo Solange, na delegacia não aceitaram que ela fizesse a denúncia, porque quem tinha visto e a quem a Michele contara fora a Daniela. Daniela ficou na delegacia, enquanto Solange foi com Michele ao Conselho Tutelar. Daniela então fez a denúncia: *“Fiquei de lado, o que eu ia fazer? Mais tarde, descobri que eles, do Conselho Tutelar, e o juiz queriam me culpar também. Imagina, eu ir presa com ele”*. Solange acredita que todos queriam culpá-la: *“Acham que eu contribuí com a situação, porque eu não denunciei quando aconteceu a primeira vez, mas, imagina, com a Ângela foi mais ou menos 20 anos atrás”*.

Após, voltou para casa com Michele, mas refere que estava transtornada, tanto que demorou muito para chegar. No outro dia, levou Michele para fazer o exame médico, que confirmou o abuso: *“Como isso foi acontecer? Sempre ensinei meus filhos que só quem pode tocar eles é a mãe, nem pai, nem primos. Eu sempre dizia: ‘No corpo da gente, ninguém pode mexer’. Às vezes, eles queriam tomar banho na creche, mas eu nunca deixei por medo”*. Após a denúncia, descobriu-se que Sérgio abusara de várias pessoas. No total, segundo Solange, havia uma lista de 15 pessoas: *“Uma foi puxando a outra”*.

O Conselho Tutelar avisou Solange de que as crianças não poderiam se aproximar do pai. No entanto, Solange resolveu atender a um pedido dele:

“Eu não conseguia imaginar que era tudo isso. Por mais que as pessoas falavam, eu via que ele era pai. Eu sabia que para casa ele não ia mais voltar e ele pediu para ver as crianças, a Michele e a Valentina. E eu fui no shopping me encontrar com ele. Almoçamos juntos”

Refere que o encontrou várias vezes, sempre em lugares públicos. Sua filha Daniela e a irmã Ângela desconfiaram, seguiram-na e, quando Solange chegou em casa, Ângela anunciou que tinha feito o pedido de guarda das crianças, porque tinha medo que Solange aceitasse o

marido de volta: *“Se eu não ouvisse tudo o que eu ouvi, eu aceitaria ele de volta. Não fiz isso por maldade, eu tava em lugar público. Eu só entendi quando ele foi preso”*.

Solange acredita que todos estão contra ela, que todos a humilharam, como os juízes e a própria família: *“Se tu soube de uma coisa e faz, tu tem que ficar quieta, mas quando tu não sabe duma coisa e a pessoa chega e diz ‘tu é isso, isso e isso’, daí tu para e pensa: ‘Será que eu sou mesmo tudo isso?’”* Revela que não se sente culpada, pois nunca soube o que acontecia: *“Eu convivi 30 anos com uma pessoa e não vi nada”*. Conta que a conselheira tutelar lhe disse: *“Ou tu é muito ingênua, ou gostava do que aconteceu”*.

Após o passeio no shopping, o juiz determinou que a guarda fosse destinada à tia Ângela. Durante seis meses, a guarda ficou com ela. Nesse tempo, Solange conseguiu perceber que estava errada e quis muito recuperar as meninas. Então, mudou-se para casa de sua irmã Raquel, que ficava próxima à casa de Ângela, para ficar mais perto das filhas. Visitava-as todos os dias e conseguiu que as meninas voltassem a residir com ela, mas na casa da tia Raquel, ainda que a guarda continue com Ângela: *“De tudo isso eu só tenho que agradecer”*. Solange refere que não quer voltar para casa porque tem lembranças muito ruins, principalmente do dia que em lhe que tiraram as meninas, para morar com a tia.

Caso 3

Cátia refere que a sua infância teve aspectos positivos e negativos: bom era brincar com os irmãos e os vizinhos e ruim era ver o pai beber. A mãe conta que eles tinham de se mudar muito, porque o pai bebia e perdia os empregos. A última vez em que se mudaram, foi para morar numa chácara com os avós paternos. Para Cátia, foi um excelente pai, mas, *“quando bebia, ficava ruim”*, principalmente com a mãe e a irmã mais velha: *“Minha irmã é muito nervosa. Quando o pai bebia, minha irmã avançava nele. Ela tinha muita raiva do nosso pai, que era briguento e batia boca, principalmente com a mãe. Ele era terrível, agressivo, ruim*

mesmo quando bebia". Cátia refere que a mãe pedia aos filhos que ficassem quietos quando o pai chegava bêbado, mas uma vez perdeu o controle: *"Uma vez minha mãe pegou a faca e foi em direção ao pai e disse 'eu não aguento mais isto'. Meu irmão segurou ela, senão acho que ela ia matar ele."*

Quando era adolescente, Cátia refere que a mãe era muito rígida, brigava demais e não a deixava namorar. *"Não deixava a gente ficar na rua com os vizinhos, brigava muito. Eu nunca podia sair. Ela ficou ruim depois que o pai morreu"*. Quando seu pai faleceu, a família saiu da chácara e foi morar perto da avó materna:

"Eu não queria morar ali, deixei todos meus amigos e tive que mudar de colégio. Odiei tudo. Só depois de muito tempo acostumei. Ali que conheci meu ex-marido. Eu não queria morar ali, parece que eu adivinhava. Começamos namorar e depois casamos, porque eu engravidei. Minha mãe ficou muito braba, mas eu queria muito casar com ele, porque eu gostava demais dele".

Em relação à família de Rubens, refere que os pais dele estão separados há 14 anos. Comenta que brigavam muito, mas não sabe esclarecer detalhes da separação. Relata que o pai era muito agressivo e bebia. Rubens tem três irmãs. Não sabe se houve problemas de assédio na família de Rubens, mas relata que houve muitos problemas de agressão entre os pais e que a mãe batia e muito nos filhos, e os desvalorizava.

A primeira gravidez de Cátia foi muito difícil, pois a mãe dela brigava demais, acusando-a de fazer mal a família. Conta que isso só melhorou quando passou a morar com a sogra. Durante a gravidez, refere que o marido foi bem atencioso: *"Ele cuidava de mim e da nossa filha"*. Relata que o relacionamento do casal era bom. Só o que atrapalhava, segundo Cátia, era a bebida. Ela refere que não gostava quando ele chegava em casa alterado; às vezes, era agressivo com ela e com a filha mais velha, Bruna. O casal não conversava muito, mas diz que ainda ama muito o marido, que não consegue esquecê-lo e sente falta dele. Durante o casamento, refere que não podia ficar sozinha em casa com o ex-marido: *"Ele só queria sexo,*

só pensava nisso. Eu até falava para ele: 'Tu não pensa em outra coisa, não pode ficar quieto em casa'. Mas ele ficava me pegando o tempo todo.'

Também começou a perceber que o marido tinha fixação por filmes e revistas eróticas. Um dia, quando a filha mais velha tinha quatro anos e Cátia estava grávida da Juliana, notou que o marido estava diferente. Ele saiu de casa, voltou de madrugada, bêbado, e Cátia brigou com ele:

“Fui atrás dele no banheiro e briguei muito naquela noite, eu estava grávida e com uma filha pequena e ele bebendo até aquela hora. Neste dia, ele disse que precisava me contar uma coisa que tinha feito, uma coisa que estava arrependido. Contou que tinha ido na zona e tinha saído com uma menina bem novinha.”

Durante a gravidez da Juliana, Cátia refere que sofreu muito. Relata que estava mais agitada, trabalhava demais, e o marido começou a beber e brigava quando chegava em casa:

“Quando cheguei em casa um dia, ele tinha comprado um filme pornográfico e revistas, e deixou ali. Acho que não sei onde foi que ele tinha deixado à mostra e ainda eu disse, ainda briguei com ele: ‘Não deixa essas coisa ai’. Daí ele pegou e escondeu, mal eu sabia que não era só comigo que ele via estes filmes”

Cátia refere que Rubens bebia mais nos finais de semana e ficava agressivo. A agressão era maior com Bruna. Refere que *“tinha gana com a Bruna, batia muito. Um dia, ele pegou ela e bateu com a cinta, sabe? Chegou a ficar os vergão”*. Bruna, segundo a mãe, não podia fazer nada, não podia sair. O pai implicava com tudo que ela fazia, parecendo ter raiva dela. Acredita que essa raiva eram ciúmes: *“Querida a menina só para ele e, ao mesmo tempo, batia bastante nela, para mostrar do que ele era capaz, caso ela contasse a alguém”*.

Cátia refere que já tinha havido outros casos de abuso sexual envolvendo Rubens. Uma prima dela cuidava da Juliana quando ela trabalhava. Rubens viajava e, às vezes, ficava em casa ou chegava antes do que Cátia. Em uma ocasião, ele abusou de sua prima. Cátia ficou sabendo pela mãe da menina. Questionou a prima sobre por que não revelara o acontecido a ela, e a menina disse que ficara com medo de que ela não acreditasse: *“Aquela vez, nós quase*

separemo, mas daí fiquemo um tempo, assim, meio longe, né? Mas daí voltemo. Eu me arrependo tanto. Se soubesse o que ia acontecer com a minha filha, eu não tinha nem voltado. Mas é que quando a gente gosta". A prima de Cátia revela que o fato só acontecera uma vez, pois noutra vez que Rubens tentara entrar pela janela do seu quarto, ela prometera contar e ele disse que não iria mais acontecer.

Cátia desconhece outros casos na família de Rubens ou na sua. Refere ainda "*nem quero saber*". Em relação à filha mais nova, acredita que não houve nada, pois perguntou, mas ela negou: "*Pelo menos, ela me disse que não e eu acho que ela não entende muito bem*"

Há um ano, Cátia descobriu que Rubens assediava a filha mais velha. Como machucou o pé no trabalho, precisou ficar em casa alguns dias e resolveu aproveitar para arrumar a casa. No quarto da Bruna, encontrou debaixo do colchão uma carta escrita por ela denunciando o pai: "*Era uma carta, assim, como se tivesse desabafando, escrevendo bem ligeiro, sabe, como se fosse um diário*". Cátia comenta que leu a carta e que foi muito difícil saber o que havia acontecido e que a filha odiava o pai: "*Eu comecei a ler, e daí vi aquela parte que ela escreveu, que odiava o pai dela, que ele fazia ela passar vergonha, que humilhava ela*". A carta dizia: "*O meu pai fazia eu deitar nua na cama*". Cátia comenta que, naquele momento, "*caiu tudo na minha cabeça, desmoronou, né?*".

Quando a filha voltou do colégio, Cátia a chamou para conversar. Relata que, com dificuldade, com vergonha, Bruna contou que há mais ou menos quatro anos, quando a avó paterna ficara hospitalizada, o pai aproveitara o momento e começara a abusá-la. A avó mora ao lado da casa de Cátia e cuida das meninas: "*O pai obrigava ela a fazer isso, deitar na cama, assistir fita pornô com ele, quando ele chegava do trabalho, e espiava ela nua no banho*." Pelo relato de Cátia, o abuso constituía-se em olhar e carícias, mas o pai estava tentando avançar:

"Já fazia um tempinho, só que eu acho que, pelo o que eu entendi, assim, que ela falou, dos últimos tempos, acho que tava tentando e ela não tava querendo fazer

o que ele queria, sabe? Daí ele tava ameaçando ela. Dizia que ia fazer a vida dela um inferno, que ela nunca ia aproveitar nada, que ele, como pai, não ia deixar”

Segundo relatos da mãe, Bruna sempre fora quieta, mas ultimamente se tornara mais triste. Ela desconfiava de que alguma coisa estava errada, porque Bruna estava, “às vezes, com o olhar meio triste, mas eu jamais ia imaginar que fosse por causa do pai.” Mesmo assim nunca desconfiou do abuso e, quando soube, ficou arrasada:

“Deus que me proteja, eu não gosto nem de falar. Fiquei muito chateada, muito triste. Eu não esperava, podia esperar por qualquer uma, menos com a minha filha. Ela é a minha filha, acho que não é mais dele, porque, um pai que faz isso não tem, eu acho que não tem filha. Os filhos têm que ver os pais como exemplo”.

Cátia comenta que passou por muitas dificuldades após a revelação. Relata que não conseguia dormir, não se alimentava, vomitava e tinha muita insônia. Por causa disso, emagreceu mais ou menos 10 kg, conforme seu relato: “Agora tô com uma gastrite nervosa”.

Cátia contou à sogra o que acontecera e ela ficou apavorada, referindo que não tinha mais filho: “Ela não tem mais filho, vai ficar do lado da neta pro que precisar. Apoiou a Bruna e pediu desculpa pra mim umas duas, três vezes, que não foi assim que ela criou o filho dela. Eu até fiquei com dó dela”. Cátia não conversou com Rubens, não teve coragem de perguntar o que havia acontecido, por que ele teria feito isso. Depois de ler as cartas e os relatos da filha, Cátia foi à delegacia com Bruna e denunciou o marido. Após a denúncia, Rubens saiu de casa e ficaram alguns dias sem contato. Depois, algumas semanas, ele ligou, furioso, pedindo a ela que retirasse a denúncia, mas ela disse: “Mas tu acha certo o que tu fez com a tua filha”. E ele falou: “É, eu não acho certo”. Refere que essas foram as únicas palavras dele. Comenta que, às vezes, ele lhe envia mensagens via celular pedindo perdão: “Eu não sou ninguém pra perdoar ninguém. Acho que nem é pra mim que ele tem que pedir perdão. Então, se ele fez alguma coisa, tem que pagar”. Para Bruna, o pai dela agora é o avô paterno.

Atualmente, Cátia e Rubens estão separados e o contato deles são as visitas da filha Juliana, porque esta revelou para a psicóloga do fórum que sentia saudades do pai. Chorou, estava triste e disse: “*Mãe, você vai ficar braba se eu quiser ver o pai?*” Cátia respondeu que não ficaria triste, pois a filha tem o direito de ver o pai, já que não aconteceu nada com ela. Contudo, o juiz determinou que as visitas devessem acontecer na presença de um familiar, uma vez por mês, em local público. Então, a mãe sempre acompanha a filha. O pai foi proibido de se aproximar de Bruna. Ele só poderá vê-la caso ela queira e na presença de um familiar.

Cátia refere que, mesmo separada do marido, não conseguiu ter outros relacionamentos:

“Tenho medo de outro relacionamento, porque vai que esta pessoa goste da minha filha. Se o pai faz, por que outros não podem fazer. Não sei se ele tem outra pessoa, mas não quero saber. Agora, ele está morando com um amigo e fica me convidando para ir lá, mas eu não vou. Ele fica falando que estou mais bonita, que estou mais magra e eu fico sem graça e tudo vem na cabeça. Não acredito nele”.

DISCUSSÃO DOS DADOS

Nos casos apresentados das mães das vítimas de incesto, foi possível identificar uma história de dificuldades nas suas relações parentais: suas mães eram autoritárias, rígidas e exigentes, e a falta de afeto e dificuldade de formar vínculos estavam presentes. “*Minha mãe só disse que me amava quando morreu nos meus braços e eu sou igual a ela, não consigo dar carinho e ficar dizendo aos meus filhos que amo eles*” (Silvana); “*minha mãe era uma carrasca*” (Solange); “*Não deixava a gente ficar na rua com os vizinhos, brigava muito. Eu nunca podia sair*” (Cátia).

Assim, observa-se que, de alguma forma, esse modelo de relações se repete transgeracionalmente, quando essas mulheres que tiveram mães rígidas e distantes

emocionalmente acabam se mostrando também distantes de suas filhas, não conseguindo olhar para elas e perceber o abuso que estavam sofrendo. O nascimento psíquico do indivíduo e o desenvolvimento afetivo estão ligados aos cuidados maternos, à necessidade de a mãe ser suficientemente boa, quando proporciona todo o cuidado e as necessidades que seu bebê necessita (Winnicott, 1990, 1993). Nesse sentido, pode-se pensar na dificuldade dessas mães em fornecer o que não tiveram.

Partindo dessa constatação, nas intervenções com famílias incestuosas, deve-se levar em conta que as famílias são bastante disfuncionais e que apresentam dificuldade de prover proteção e cuidado durante as gerações. Atentando para as histórias dessas mães - histórias que também foram de negligência, de experiências difíceis e abandono por parte de seus pais -, é possível uma maior aproximação com a experiência delas, o que poderá favorecer o processo de intervir. Os relatos das mães referem que houve dificuldade e distanciamento nas relações familiares e que as figuras parentais não souberam cuidá-las o suficiente, ainda que nenhuma delas tenha relatado ter sido vítima de abuso sexual na infância, aspecto bastante salientado na literatura como parte da experiência de vida da maioria das mães de vítimas de incesto (Leifer, Kilbane & Kalick, 2004; Narvaz & Koller, 2004; Penso & Neves, 2008). Nesse sentido, as mães que participaram deste estudo revelam a transmissão transgeracional da violência que esteve presente nas famílias de origem sob diferentes formas, mas não diretamente como abuso sexual.

Um dos principais mecanismos de defesa apresentado nos casos das mães das vítimas de incesto diante de situações traumatizantes é a recusa. O mecanismo de defesa da recusa é uma forma de manter afastadas as experiências difíceis ou situações dolorosas e os sentimentos a elas associados, não querendo reconhecer a realidade (Laplache & Pontalis, 2001). Nesses casos, ocorre um bloqueio em receber a informação, acolher e agir: *“Não vou negar que talvez eu já soubesse... Acho que eu já sabia, mas eu negava, eu não queria ter certeza do que era, sabe? [...] Talvez eu até desconfiasse de alguma coisa assim, só que eu me bloqueei pra aquilo, não*

fui atrás” (Silvana); *“acham que eu contribuí com a situação, acho que é porque eu não denunciei quando aconteceu a primeira vez, mas imagina, quando aconteceu com a Ângela faz mais ou menos 20 anos atrás*” (Solange). Ainda que seja evidente uma série de indícios de abuso nas falas das mães, elas indicam que perceberam as situações, identificaram algo errado, mas se recusaram a fazer o enfrentamento, a investigar, a questionar e, assim, promover o rompimento do abuso.

As mães das vítimas de incesto, diante da relação incestuosa, percebem as atitudes de incertezas, que tiveram. São mães fragilizadas, que viveram situações de conflitos familiares e que, possivelmente, em razão da sua baixa auto-estima, tornaram-se vulneráveis e dependentes de seus companheiros, que as exploraram. Muitas vezes, vários tipos de violência se fazem presentes, como a física: *“Eu provoquei ele para me agredir, porque eu sou muito impulsiva também, sabe? Eu empurrei ele e ele veio pra cima”* (Silvana), a psicológica: *“Porque você é gorda, porque você não gosta de sexo, porque você só faz quando você quer”* (Silvana). e a sexual: *“Ele queria fazer sexo comigo pra mim ficar do lado dele, porque achava que psicologicamente me comandava”* (Silvana); *“Ele só queria sexo, só pensava nisso. Eu até falava para ele: ‘Tu não pensa em outra coisa, não pode ficar quieto em casa’, mas ele ficava me pegando o tempo todo”* (Cátia). Pode-se inferir que, pela experiência prévia familiar de muitos abandonos e agressões, essa violência seja naturalizada. As mães não percebem que seus companheiros também abusavam delas próprias e se referem às situações de abuso sexual como se os abusadores tivessem *“feito alguma coisa”*, o que parece evidenciar uma diminuição da gravidade do fenômeno.

As dificuldades em seus relacionamentos conjugais, principalmente nas questões sexuais, são evidentes, sendo referidas pelas três mães como um desejo incessante de sexo por parte do companheiro e a recusa por parte delas. Além disso, relatam a busca deles por satisfação sexual por meio de filmes, internet, relações extraconjugais e, inclusive, outras relações abusivas que elas já haviam descoberto, com a irmã, com a sobrinha ou com uma

prima. Os indícios do incesto também existiam para elas: *“Daí eu perguntei pra ele: ‘Você botou talco nas meninas?’ E ele disse que não. Eu acreditava e, ao mesmo tempo, desconfiava”* (Silvana); *“Eu não sei te dizer o porquê que me levava aquilo, mas eu sempre, quando ia mudar, ou dar banhinho nelas, eu sempre investigava”* (Silvana); *“Quando cheguei em casa um dia, ele tinha comprado um filme pornográfico e revistas, e deixou ali”* (Cátia).

Ainda assim, com todo esse conteúdo sexual visível e emergente, as mães revelam que percebiam a possibilidade de incesto, mas não “viam”: *“Eu convivi 30 anos com uma pessoa e não vi nada”* (Solange); *“eu fui mãe, eu também teria que ter percebido, mas ele nunca fez quando eu tava junto, eu jamais vi”* (Silvana). Nesse sentido, parece que elas só acreditariam concretamente vendo, ou seja, percebiam o que estava acontecendo, mas não acreditavam e, assim, deixaram de lado a função de proteção e cuidados que deveriam ter com suas filhas, negando a situação ocorrida para a manutenção da unidade familiar.

Buscando uma forma de compreensão para a dinâmica de funcionamento das mães de vítimas de incesto, Perrone e Nannini (2007) acreditam que a mãe da vítima de incesto defende a idéia de ter uma família normal e a coesão familiar, porque normalmente tem uma família caótica, com fracassos sentimentais, rupturas, abandonos, e às vezes, violência. Segundo os autores, trata-se de uma história de secreta rivalidade entre ela e sua própria mãe. Havendo um conflito com seus pais, esta mãe busca um companheiro para formar sua própria casa, representando um modelo de “verdadeira família”. Quando surgem desvios de comportamentos do companheiro, visto e esperado como “salvador”, a mãe se depara com uma situação contraditória: se denuncia, deve admitir o fracasso para a sua mãe; se resolve não enxergar, sacrifica seu filho para salvar a família idealizada.

O mito familiar apresenta-se em forma de proteção para que a família não se desestruture, evitando a dor e o conflito e funcionando como uma forma de homeostase familiar (Penso, Costa & Ribeiro, 2008). As famílias muitas vezes negam que determinadas

situações graves ocorram dentro do seio familiar, como é o caso do incesto, tornando-o assim, um segredo familiar (Oliveira & Ramos, 2008). Nos três casos observa-se que o abuso acontecia há muito tempo e que foi mantido em segredo, possivelmente como forma de manter a estabilidade e coesão da família, ou seja, funcionando como mantenedor homeostático. Protegido pelo mito da unidade familiar, o incesto permanece encoberto em vista da busca de manutenção da família acima de qualquer custo, o que se dá a partir da instauração da lei do silêncio.

Segundo Perrone e Nannini (2007), em todas as famílias incestuosas é proibido falar. O segredo é guardado cuidadosamente, sobretudo quando há ameaças verbais ou violência física. Muitas crianças não falam para evitar que sua mãe sofra uma pena e por estarem assustadas com as ameaças do pai. Para algumas mães, tal situação vai além da imaginação, ao passo que, já para outras, o “não enxergar” funciona como uma forma de proteção. Os autores ainda referem que as mães que fazem parte dos sistemas familiares com relações incestuosas caracterizam-se como ausentes, diminuem a sua percepção, usam escudos para suas justificativas e dão prioridade à coesão familiar.

Segundo Penso et al. (2009)

a violência sexual incestuosa não é imprevisível, e não ocorre de repente e ao acaso. Essas famílias precisam ser vistas como representantes de um espaço ambíguo, tanto de insegurança como de proteção, constituídas de relações afetivas bastante confusas e tensas. As mulheres falham ao protegerem as filhas, rivalizam com elas, ainda permanecem com o parceiro e têm pena dele, e se encontram aprisionadas em papéis de subordinação e dominação.

A relação conjugal aprisionante e de dependência é perceptível nos casos, uma vez que as mães lutam por permanecer com os companheiros. Nos três casos apresentados, as participantes mantiveram seus casamentos, mesmo com as desconfianças, até a revelação pública do abuso. Talvez isso ocorra em razão das carências afetivas e pouco apoio social disponível para essas mulheres (Amendola, 2004; Farinatti *et al.*, 1993; Leifer *et al.*, 2001;

Leifer *et al.*, 2004). Somente após a denúncia foram desencadeadas as separações, mas, mesmo assim, o contato com os companheiros permaneceu. Segundo Perrone e Nannini (2007), a maioria permanece com atitudes ambivalentes, como se a revelação não mudasse muita coisa, não o suficiente para romper os vínculos que as une aos seus companheiros. Nesse sentido, foi possível verificar, como referido anteriormente, que nos três casos as mães silenciaram e, mesmo com as desconfianças, mantiveram-se caladas, sem investigar.

No momento em que o silêncio foi quebrado pelas filhas ou por algum familiar a revelação pôde acontecer. Diante da revelação do incesto, as reações podem ser positivas ou ambivalentes (Santos e Dell’Aglío, 2009). As positivas implicam acreditar no relato de suas filhas e demonstrar cuidado e apoio, o que pode ser observado no acompanhamento das mães e na disponibilidade emocional para enfrentar a situação. Nesses casos, as mães normalmente revelam sentimentos de raiva em relação ao abusador e sentimento de culpa por não terem protegido suas filhas do abuso sexual.

As atitudes de Silvana foram preponderantemente protetivas. Após o incesto ser revelado pelo namorado da filha e esta confirmar o fato à mãe, ela foi à delegacia, fez um Boletim de Ocorrência e mandou que o marido saísse de casa, mas também demonstrou reações ambivalentes ao permitir que Jorge voltasse a frequentar a residência.

As reações de Solange foram de ambivalência, denotando sentimentos de raiva e carinho em relação ao abusador, bem como dificuldade em denunciá-lo, mesmo havendo outros casos na família com o mesmo abusador. Mesmo demonstrando ambivalência nos relatos, ela teve a iniciativa de fazer a denúncia. Solange foi até a delegacia, mas não aceitaram que esta fizesse a denúncia: *“Fiquei de lado, o que eu ia fazer. [...] Aham que eu contribuí com a situação porque eu não denunciei quando aconteceu a primeira vez, mas imagina com a Ângela foi mais ou menos 20 anos atrás”*. Solange chegou a perder a guarda das filhas, pois, mesmo desacatando ordem judicial, levava-as ao encontro do pai e suas irmãs

temiam que ela, inclusive, o aceitasse de volta: “*Se eu não ouvisse tudo o que eu ouvi, eu aceitaria ele de volta*”.

Cátia foi à delegacia com a filha e denunciou o marido após ler as cartas que a menina escreveu relatando o ocorrido, Rubens saiu de casa. Dessa forma, Cátia mostra que sua atitude foi de cuidado e de proteção com a filha. Mesmo assim, também mostra certa ambivalência ao levar as filhas para ver o companheiro.

Amendola (2004) busca identificar características no comportamento e no discurso das mães que se mostram como protetoras e nas que se apresentam de forma mais ambivalente. No comportamento e no discurso dessas “mães protetoras” verifica-se, de acordo com a autora, que existe uma compatibilidade, elas se apresentam aflitas, culpadas e necessitando de acolhimento e orientação, como nos casos de Silvana e Cátia. Essas mães se contrapõem às “mães não-protetoras”, que apresentam relutância em se separar do marido, desacreditam do relato ou sintoma da criança e apresentam falta de cuidado com relação aos filhos vítimas de violência sexual. Esses fatores poderiam ser relacionados com a posição ocupada por Solange.

Ainda que essa classificação seja, de certa forma, possível tendo em vista a reação materna perante o abuso das filhas, parece que, pelos dados obtidos na avaliação das mães, em todos os casos identificam-se atitudes ora protetivas, ora não protetivas, talvez sendo mais característica a ambivalência dessas mulheres do que posições mais fixas de um lado ou outro. Elas se sentem motivadas a acolher as filhas e protegê-las, mas demonstram intensa dificuldade em reconhecer o abuso e romper com o companheiro, estabelecendo um limite de interrupção da situação abusiva, o qual não conseguiram estabelecer desde que viviam a conjugalidade. Além disso, encontram justificativas para a ocorrência do abuso: “*Ela tem um corpo muito perfeito, é uma morena muito bonita a minha filha. Qualquer um sentiria prazer por ela, por que não ele? Só porque ele é pai? Não, não faz diferença, né? Ele é homem, ele não é só pai. Ele sentiu desejo como homem*” (Silvana); “*talvez ela tivesse goastado, porque*

ela deixa claro que ela não gosta de mim. Só que eu nunca perguntei pra ela e jamais vou perguntar” (Silvana)

Mesmo essas mães não tendo sido protetivas, no sentido de não enxergarem quando suas filhas estavam sendo vítimas de incesto e não afastarem o abusador de casa - muitas vezes por acreditarem que suas famílias eram “normais” e não quererem enfrentar o abandono - tornam-se protetivas quando acreditam no relato das filhas, denunciam e acompanham as meninas no atendimento psicoterápico, mostrando que são capazes de enfrentar a situação.

As mães, diante da denúncia do incesto, tentam estabelecer condições e meios de vivenciar novas etapas, através de laços afetivos e cuidados com suas filhas. Passam a priorizar suas funções parentais e a desempenhar cuidados mais adequados com as filhas. Surgem medos, insegurança, sentimentos de perda, ansiedades, raiva, angústia pela perda do objeto ou perda do amor, sentimentos ambivalentes na relação mãe e filha e na relação com o ex-companheiro. Mesmo assim, é a partir da revelação e da denúncia que elas parecem assumir um papel mais efetivo de mãe, o que revela a importância de profissionais que acolham essas mães e as orientem quanto aos cuidados que precisam exercer, valorizando os aspectos positivos de suas conquistas e dando-lhes suporte para a ambivalência e as carências afetivas, além de auxiliar no desenvolvimento de uma rede de apoio que se constitua também em fator de proteção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo investigou o papel da mãe de vítimas de incesto. Para tanto, foi realizado um estudo de casos múltiplos com três mães cujas filhas foram abusadas sexualmente pelos pais. Os dados da literatura, revisados previamente, apontam a existência nas mães das vítimas de incesto de uma disfunção no exercício do papel parental, ocasionada

por uma falha no processo de interdição (Azevedo, 2001). Essa disfunção parental seria oriunda de uma vivência insatisfatória na relação com a própria mãe. Observou-se que as mães que participaram desta investigação tiveram relacionamentos distantes com suas mães. A falta de afeto e de cuidado esteve presente nas relações parentais e, dessa forma, a repetição transgeracional foi parte dessas relações. São mães que foram negligenciadas e abandonadas em suas famílias e que revivem a violência na relação conjugal; tornam-se excessivamente dependentes de seus companheiros. Mesmo com relações amplamente conflituosas, a fala das mães revela grande dificuldade de sair desses relacionamentos.

Nesse sentido, os dados obtidos neste estudo corroboram a visão de Cohen (2000), de que o incesto não pode ser visto como uma relação sexual entre apenas duas pessoas, mas deve ser compreendido como uma relação oriunda de uma estrutura familiar que não pôde evitá-la. Com a denúncia do incesto, há sofrimento na vida de cada um dos integrantes do grupo familiar, mesmo daqueles que não estavam diretamente envolvidos na tríade pai-mãe-filha, resultando em dificuldades econômicas com a separação do casal, no rompimento de vínculos, em desconfianças, temores e insegurança, o que exige um grande esforço no sentido de recuperar a organização do grupo.

Reações positivas ou ambivalentes foram observadas nas reações das três mães; após a revelação, ocorreram mais reações positivas quando essas mães estiveram do lado das filhas, oferecendo-lhes apoio e denunciando o abusador. Percebeu-se também que as mães das vítimas de incesto reagem de diferentes maneiras: algumas parecem sofrer consequências menores, ao passo que para outras o sofrimento é maior. Duas das participantes, mesmo conseguindo denunciar o abusador, apresentam sentimento de culpa e um sofrimento psicológico vivenciado por não perceberem o incesto apesar das evidências.

A família está pautada por um funcionamento próprio, o que, sistemicamente, implica a responsabilização de todos os membros envolvidos. Nesse sentido, o progenitor não abusivo também é parte da família incestuosa e necessita de auxílio e de orientação (Cohen &

Mannarino, 2000; Hiebert-Murphy, 1998), já que, diante da suspeita ou confirmação do abuso pode ficar confuso, demonstrando certa ambiguidade (Araújo, 2002). Assim, as mães também precisam ser acolhidas e fortalecidas para que se sintam capazes de exercer a função materna de forma adequada.

Diante dos casos apresentados, destaca-se a importância da rede de profissionais que atuam nessa área, que devem estar preparados para atender às vítimas de incesto e às mães dessas, visto que chegam fragilizadas e necessitam ser amparadas para se fortalecerem. Isso porque, em muitos casos, em razão das próprias vivências passadas, não sabem como proteger as filhas nessa situação extremamente dolorosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Ao final deste trabalho de dissertação, fica o desejo de ter contribuído para a ampliação da compreensão da dinâmica de funcionamentos das famílias incestuosas, especialmente sobre o papel que a mãe desempenha nesses núcleos. Com base na revisão da literatura sobre as famílias incestuosas, foi possível ter um panorama das principais características dos personagens que compõem o grupo familiar e da forma como as relações se estabelecem, evidenciando-se, preponderantemente, que o incesto não se restringe ao relacionamento entre o abusador e a vítima, mas perpassa todo o sistema familiar, sendo protegido pelo segredo e pela lei do silêncio.

Buscando, então, compreender o papel e as características psicológicas da mãe de vítimas de incesto, foi realizado um estudo de natureza qualitativa com o objetivo de dar voz a três mães cujas filhas foram abusadas pelo pai. São descritos os casos, a partir das entrevistas realizadas com as mães, e observou-se uma série de características maternas, como, por exemplo, a ambivalência das mães, que, mesmo se apresentando como protetoras na ocasião da denúncia revelam a falta de proteção e a incapacidade de identificar e agir coerentemente diante dos indícios da situação abusiva de suas filhas. Ao se analisar, além das entrevistas, os dados da testagem psicológica realizada a partir do TAT, verifica-se que o conteúdo evidencia, preponderantemente, a dificuldade de simbolização das mães, que tomam as lâminas como reflexo direto das suas próprias vidas. Pode-se inferir, com base nessa dificuldade de simbolização e abstração, a existência de um pensamento em nível muito concreto, o que poderia explicar a dificuldade das mães de reconhecer o abuso, não buscando ver concretamente o que estava acontecendo.

A constituição dessas mães de vítimas de incesto se dá em razão de uma intensa precariedade das condições de vida e dos vínculos experimentados na família de origem, onde

vivenciaram a presença de abuso de álcool e de violência física, psicológica e sexual. Nesses núcleos familiares disfuncionais, as relações com as suas próprias mães caracterizam-se como distantes e pouco continentais. Elas são apresentadas como figuras maternas rígidas, não se constituindo como objeto de identificação saudável para suas filhas. Sem a vivência de apego seguro e com modelos de identificação precários, buscam, na adolescência, o investimento nos parceiros como forma de sair de casa; contudo, sem terem realizado um processo saudável de separação-individuação, transferem a dependência para os companheiros, os quais se caracterizam também por intensa fragilidade. São figuras inconstantes, com história de violência e vínculos precários nas famílias de origem; apresentam abuso de álcool e uma sexualidade, no mínimo, imatura, podendo chegar a perversão. Extremamente dependentes dos companheiros e idealizando-os essas mulheres apresentam-se frágeis e submissas, desvalorizadas como mulher e não tendo condições de assumir plenamente a função materna; apresentam uma fragilidade egoica, utilizando-se de mecanismos de defesas arcaicos. A recusa e a negação são os mecanismos mais utilizados e que dificultam o reconhecimento do abuso das filhas. As filhas, por sua vez, apresentam um duplo papel no núcleo familiar: por um lado, são vitimizadas pelos pais; por outro, apresentam-se como “salvadoras da família”, pois o incesto serve como mantenedor homeostático do núcleo familiar. Nesse sentido, observa-se uma fragilidade nas fronteiras geracionais da família e a inversão dos pais, uma vez que as filhas são designadas como protetoras dos pais.

Com base nos resultados desta pesquisa, pode-se concluir que o incesto não é um fenômeno que diz respeito exclusivamente às vítimas, mas ocorre como resultado de múltiplos determinantes, os quais se referem às características dos personagens envolvidos e à dinâmica da relação estabelecida entre eles, cabendo ao profissional que irá abordar o fenômeno uma compreensão mais holística do processo.

Cabe ressaltar que, pelo fato de o estudo ter sido realizado somente com três mulheres, os dados não podem ser generalizados, mas, na perspectiva do estudo de caso, permitem contribuir para um aprofundamento da compreensão da vivência de mães de vítimas de abuso sexual. Uma dificuldade encontrada na realização do estudo foi a localização de casos em que houvesse a confirmação do abuso sexual, o que levou a inserirmos um terceiro caso em que não houve confirmação pela inexistência do dado físico. Todavia, o abuso fica evidente pelo relato, inclusive escrito, da vítima e pelas outras situações de abuso que foram denunciadas concomitantemente. Trata-se de um abuso efetivado por meio de *voyerismo* e de carícias que não deixam marcas físicas, mas, inegavelmente, produzem sofrimento psíquico, por isso a opção por inseri-lo na pesquisa.

Como sugestão para futuras investigações indica-se a tentativa de uma compreensão do sistema familiar como um todo, possibilitando a escuta de todos os membros envolvidos na situação abusiva. Dessa forma, seria possível uma análise mais abrangente da dinâmica das famílias incestuosas.

REFERÊNCIAS

- Almeida-Prado, M. C. C. & Feres-Carneiro, T (2005). *Abuso sexual e traumatismo psíquico*. Interações, v. 10, 11-34. São Paulo.
- Amendola, M. F. (2004). *Mães que choram: Avaliação psicodiagnóstica de mães de crianças vítimas de abuso sexual*. In M. C. C. Prado A. (Ed.). *O mosaico da violência: a perversão da vida cotidiana*. São Paulo: Vetor. pp.103-169.
- Araújo, M. F. (2002). *Violência e abuso sexual na família*. *Psicologia em Estudo*, 7, 3-11.
- Azevedo, E. C. (2001). *Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual*. *Psicologia: ciência e profissão*, v.21, n. 4, Brasília,.
- Banyard, V. L., Anold, S., & Smith, J. (2000). *Childhood sexual abuse and dating experiences of undergraduate women*. *Child Maltreatment*, 5, 39-48.
- Bowlby, J. (1984). *Apego e perda*. Vol. 2: Separação. São Paulo: Martins Fontes. (Original work published 1973).
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. (2002). *Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde*. Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde.
- Caminha, R. M. (2000). *A violência e seus danos à criança e ao adolescente*. In: Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente (AMENCAR) (Org.), *Violência doméstica*. Brasília: UNICEF.
- Carneiro, S. L. A. & Cabral, M. A. A. (1997). *O silêncio dos inocentes: Abuso sexual intrafamiliar na infância*. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 46, 595-599.
- Cohen, J. A. & Mannarino, A. P. Incest. In: Ammerman, R. J.; Hersen, H. (Eds.). (2000). *Cases studies in family violence*. New York: Kluwer Academic.
- De Antoni, C. & Koller, S. H. , (2000). *Vulnerabilidade e resiliência familiar. Um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares*. *Psico*, 31, 39-66
- Delgado J. A. (2005) *Que é o "ser da família"?* Texto contexto - enferm. Florianópolis, vol.14, p. 86-94.
- Elias, R. J. (2004). *Comentários ao Estatuto da Criança e do Adolescente: (Lei n. 8069/90)*. 2 ed. de acordo com o novo Código Civil. São Paulo: Saraiva.

- Elliot, A. N, & Carnes, C. N. (2001). *Reactions of nonoffending parents to the sexual abuse of their child: A review of the literature*. *Child Maltreatment*, 6(4), 314-331.
- Faleiros, E. T. S. (2000). *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes*. Brasília: UNICEF.
- Farinati, F.; Biazus, D. B. & Leite, M. B. (1993). *Pediatria social: a criança maltratada*. Rio de Janeiro: Medsi.
- Flores, R. Z., & Caminha, R. M. (1994). *Violência sexual contra crianças e adolescentes: Algumas sugestões para facilitar o diagnóstico correto*. *Revista de Psiquiatria do RS*, 16, 158-167.
- Forward, S. & Buck, C. (1989). *A traição da inocência: o incesto e sua devastação*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Freud, S. (1913/1974). *Totem e Tabu*. (J. Salomão, trad.). Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII, pp. 20-193). Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (1993). *Child sexual abuse: immediate and long-term effects and intervention*. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*, 32, 890-902.
- Green, A. H., Coupe, P., Fernandez, R., & Stevens, B (1995). *Incest revisited: Delayed Post-Traumatic Stress Disorder in mothers Following the sexual abuse of their children*. *Child Abuse & Neglect*, 19(10), 1275-1282.
- Gauer G. J. C, Machado D. S & Scherer C.C (2006). *Uma violência Obscura: abuso sexual. Filhos & vitimas do tempo da violência*. Curitiba: Juruá.
- Habigzang, L. F. & Caminha, R. M. (2004). *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: conceituação e intervenção clínica*. São Paulo: Caso do Psicólogo.
- Habigzang, L. F. & Koller, S. H.; Azevedo, G. A. & Machado, P. X. (2005). *Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 341-348
- Habigzang, L. F. (2006). *Avaliação e Intervenção Psicológica para meninas vítimas de Abuso Sexual Intrafamiliar*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Habigzang, L. F. & Koller, S. H. (2006). *Terapia cognitivo-comportamental e promoção de resiliência para meninas vítimas de abuso sexual intrafamiliar*. In: DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H.; YUNES, M. A. M. (Eds.). *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção* (pp. 233-258). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hiebert-Murphy, D. (1998). *Emocional distress among mothers whose children have been sexually abused: The role of a history of child sexual abuse, social support, and coping*. *Child Abuse & Neglect*, 22(5), 423-435).

Kaplan, H.I., Sadock, B.J. & Jack. A. Grebb, J.A.; trad. Dayse Batista. *Problemas Relacionados ao Abuso ou Negligência* In H.I. Kaplan. (1997). *Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 7 ed. – Porto Alegre: Artmed, pp.738-746.

Kellog, N. D. & Menard, S. W. (2003). *Violence among family members of children and adolescents evaluated for sexual abuse*. *Child Abuse and Neglect*, 27, 1367-1376.

Laplanche & Pontalis (2008). *Vocabulário da Psicanálise*. Martins Fontes. São Paulo.

Leifer, M.; Kilbane, T.; Grossman, G. A (2001). *Three-generational study comparing the families of supportive and unsupportive mothers of sexually abused children*. *Child Maltreatment*, 6 (4), 353-364

Leifer, M.; Kilbane, T. & Kalick, S. (2004). *Vulnerability or resilience to intergeneration sexual abuse: the role of maternal factors*. *Child Maltreatment*, 9 (1), 78-91.

Matos, M., Schmickler, C. M. & Borba, F. E.. (2005). *A Passividade Materna ante o Abuso Sexual*. Anais da 5ª Semana de Ensino. Pesquisa e Extensão. Universidade Federal de Santa Catarina.

Melchert, T. (1998). *A review of instruments for assessing family history*. *Clinical Psychology Review*, 18,163-187.

Minayo, M. C. S. (1994). *A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública*. *Cadernos de Saúde Pública*, 10, 07-18.

Minayo M. C. S. & Souza E. R. (1999). *É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública*. *Ciência e saúde coletiva*, 4, 7-23.

Murray, H. A. (2005). *Teste de Apercepção Temática. Henry A. Murray e colaboradores da Clínica Psicológica de Harvard*; (adaptação e padronização brasileira Maria Cecília Vilhena M. Silva). 3º ed. adaptado e ampl. São Paulo. Casa do Psicólogo (Trabalho original publicado em 1943).

Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2004). *Famílias, gêneros e violências: Desvelando as tramas da transmissão transgeracional da violência de gênero*. In: M.N. Strey, M. N., Azambuja, M.P.R & Jaeger F.P (orgs.). *Violência, gênero e políticas públicas*. Coleção Gênero e Contemporaneidade. Porto Alegre, EDIPUCRS, pp. 149-176.

Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006). *A concepção de família de uma mulher-mãe de vítimas de incesto*. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 19, 395-406.

Nogueira, S. E. & Pereira de Sá, M. L. B. (2004). *Atendimento Psicológico a crianças vítimas de abuso sexual: alguns impasses e desafios*. In M. C. C. Prado A. (Ed.). *O mosaico da violência: a perversão da vida cotidiana*. São Paulo: Vetor. pp. 47-102.

Oliveira M. E. C. & Ramos K. D. O. (2008). *Transgeracionalidade percebida nos casos de maus-tratos*. In: Penso, M. A. & Costa, L. F. (orgs.). *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção*. São Paulo: Summus, pp. 99-123.

- Padilha, M. G. S. & Gomide, P. I. C. (2004). *Descrição de um processo terapêutico em grupo para adolescentes vítimas de abuso sexual*. Estudos de Psicologia, pp. 53-61.
- Penso, M. A., Costa, L. F., & Almeida, T. M. C. (2005). Pequenas histórias: grandes violências. In: Costa, L. F., Almeida T. M. C. (orgs.). *Violência no Cotidiano: do risco à proteção*. Brasília: Líber/Universa, pp. 125-137.
- Penso, M. A., & Neves V. L. (2008). Abuso Sexual Infantil e Transgeracionalidade. In: Penso, M. A. & Costa, L. F. (orgs.). *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção*. São Paulo: Summus, pp. 123-142.
- Penso, M. A., Costa, L. F. & Ribeiro M. A. (2008). Aspectos teóricos da transmissão transgeracional e do genograma. In: Penso, M. A. & Costa, L. F. (orgs.). *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção*. São Paulo: Summus, pp. 9-23.
- Penso, M. A., Costa, L. F., Almeida, T. M. C & Ribeiro M. A. (2009).). *Abuso sexual intrafamiliar na perspectiva das relações conjugais e familiares*. Universidade Luterana do Brasil. Aletheia, n.30, pp 142-157.
- Perrone R. e Nannini M. (2007). *Violencia y abusos sexuales en la familia: una visión sistémica de las conductas sociales violentas*. 2 ed. Buenos Aires: Paidós. 133-141
- Pfeiffer, L. & Salvagni, E. P. (2005). *Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência*. Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro: 81, 197-204.
- Pintello, D.; Zuravin, S. (2001). *Intrafamilial child sexual abuse: Predictors of postdisclosure maternal belief and protective action*. Child Maltreatment, 6 (4), 344-352
- Prado, M. C. C. A. (2004) O mosaico da violência. In M. C. C. Prado A. (Ed.). *O mosaico da violência: a perversão da vida cotidiana*. São Paulo: Vetor. pp. 11-47
- Renner, L. M. & Slack, K. S. (2006). *Intimate partner violence and child maltreatment: understanding intra and intergenerational connections*. Child Abuse & Neglect, 30 (6), 599-617.
- Sanderson, C. (2005). *Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais*. São Paulo: M. Brooks.
- Santos, S. S. & Dell'aglio, D. D. (2008). *Compreendendo as mães de crianças vítimas de abuso sexual: ciclos de violência*. Estudos de Psicologia, v. 25, n. 4, Campinas, out./dez.
- Santos, S. S. & Dell'aglio, D. D. (2009). *Revelação do abuso sexual infantil: reações maternas*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25, 85-92.
- Schmickler, C. M. & Borba, F. E. (2004). *Biografia de mães de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual intrafamiliar*. In: XIV Seminário de Iniciação Científica da UFSC. Florianópolis: UDESC. CDROM.
- Winnicott D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre. Artes

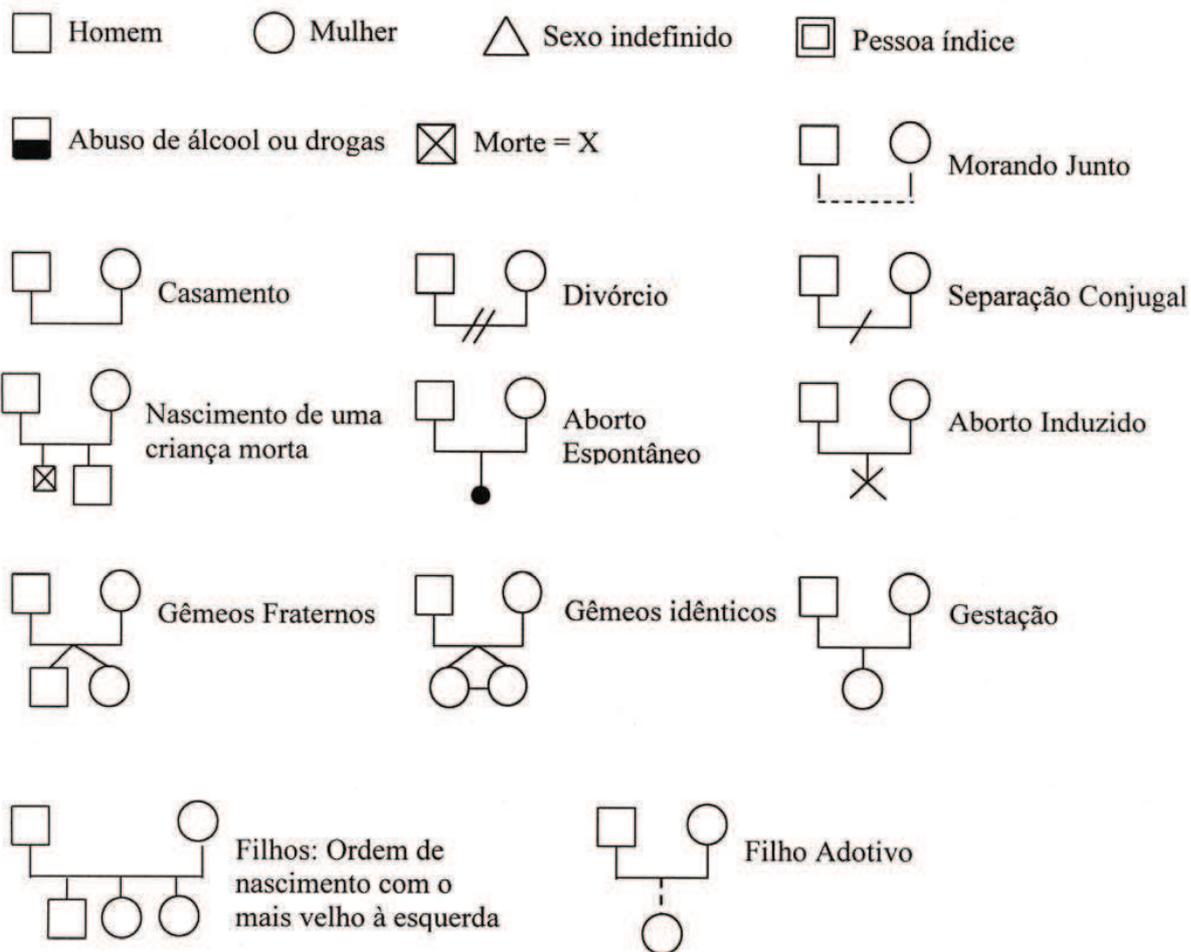
Médicas, 19-31.

Winnicott, D. W. (1896 / 2005). *A família e o desenvolvimento individual*. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 3º Ed. São Paulo: Martins Fontes.

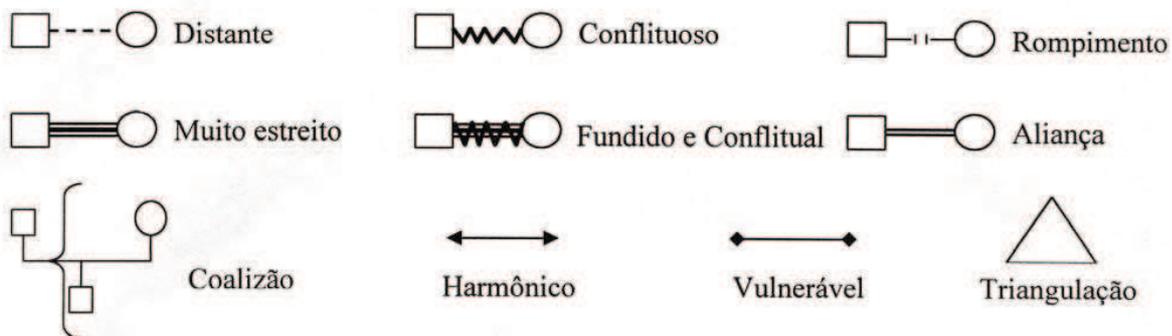
Yin, R. K. (2005). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman.

ANEXO A

Símbolos Genetograma (Baseado em Carter e McGoldrick, 1995; Minuchin, 1982).



Relacionamentos:



ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Sou Nádia Basso da Silva, Psicóloga CRP-07656 e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS e estou realizando meu Projeto de pesquisa, sob a orientação da Professora Dra. Denise Falcke. Este Projeto tem como objetivo Compreender como a cuidadora procede no atendimento e cuidado à vítima que sofreu o abuso sexual.

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa. Os relatos das sessões realizadas serão utilizados como fonte de dados para o estudo. Embora os resultados derivados da pesquisa possam ser publicados em revistas científicas, a sua identificação pessoal será totalmente preservada.

A sua participação no estudo será voluntária e você poderá fazer perguntas a qualquer momento. Da mesma forma, você tem a liberdade e o direito de optar pela não participação ou a qualquer momento desistir.

Para maiores esclarecimentos você poderá entrar em contato com a Prof^a Dr^a Denise Falcke, na Unisinos, pelo telefone (51) 35908328, ou com a pesquisadora Nádia Basso da Silva, pelo fone (54) 33126173.

O seu consentimento para participar da pesquisa dependerá de sua assinatura ao presente Termo, emitido em duas vias, uma que será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra, que ficará com você.

Denise Falcke - CRP 07/07681

Nádia Basso da Silva - CRP 07/07656

Declaração de Consentimento

Confirmo ter conhecimento do conteúdo desse termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo com a participação nessa pesquisa e por isso dou meu consentimento.

_____, ____ de _____ de 2009.

Assinatura

Nome: _____